

REVISTA DA SEMANA

N. 15 · 14-4-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

“SUSPENSE” NO FINAL DO CAMPEONATO CARIOCA

A COROAÇÃO DA RAINHA DAS ASSOCIAÇÕES PORTUGUÊSAS





Música para a Juventude

José Siqueira

JOSÉ SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de «MÚSICA PARA A JUVENTUDE», obra destinada à mocidade que ele ama e à qual tão bons serviços prestou, criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE. Dispondo de segura experiência didática, com livros publicados («Regras de Harmonia», «Canto Dado em XIV Lições», «Curso de Instrumentação», «Modulação Passageira», «Sistema Trimodal Brasileiro»). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de o ler. «MÚSICA PARA A JUVENTUDE» está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música e Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração e Banda de Música, Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

★

Preço dos 4 volumes pelo reembolso postal :
Cr\$ 250,00

Pedidos a Rosa Paula Machado

Avenida Nilo Peçanha nº 12, salas 1207 e 1209, 12º andar — Telefone: 52-4856 — RIO DE JANEIRO

Ano 56 — Nº 15 — Rio de Janeiro — 14-4-1956

REDATOR-CHEFE — Celestino Silveira

ASSISTENTE — José Roberto Teixeira Leite

PAGINADOR — Victor Tapajós

COLABORADORES — Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Eneida, Fernando Lôbo, Fortuna, Hélio Abreu, Hynnenny Gomes Ferreira, José Maria Rodrigues, Pedro Müller (Peter), Sérgio Andrade, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Jeronymo Ribeiro, Marius, Maria Tereza, Ramón.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, Newton Viana, Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Por que Desabam as Favelas	4/6
A Grande Magnani	17/19
No Lar ou no «Ring»	24/27
Um Repórter Brasileiro no Oriente Médio	31/34
Num Momento de Fraqueza: Fortuna	39/41
O Mundo Corre Para os Pólos	45/47
Coroação da Rainha das Associações Portuguesas	57/59
«Agora Vamos para o Tetra»	60/62

SEÇÕES

Semana em Revista	8/9
Puxe pelo Cérebro	10
Figura em Foco (Negrão de Lima)	11
TV, na Revista	16
Por Esse Mundo de Deus	20/21
Astrologia	22
Itinerário do Brasil	23
Flash Paulista	30
Pelas Esquinas da Noite	35
Palavras Cruzadas	38
Literatura	43
Música	44
Revista há 50 Anos	48
Artes	49
Feminina	54/55
Último Flash	62

HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

LITERATURA

Os Desaparecidos (Eneida)	3
A Prova (Peter Nansen)	12/13
O Homem de Vermelho (S. Castro)	50/51

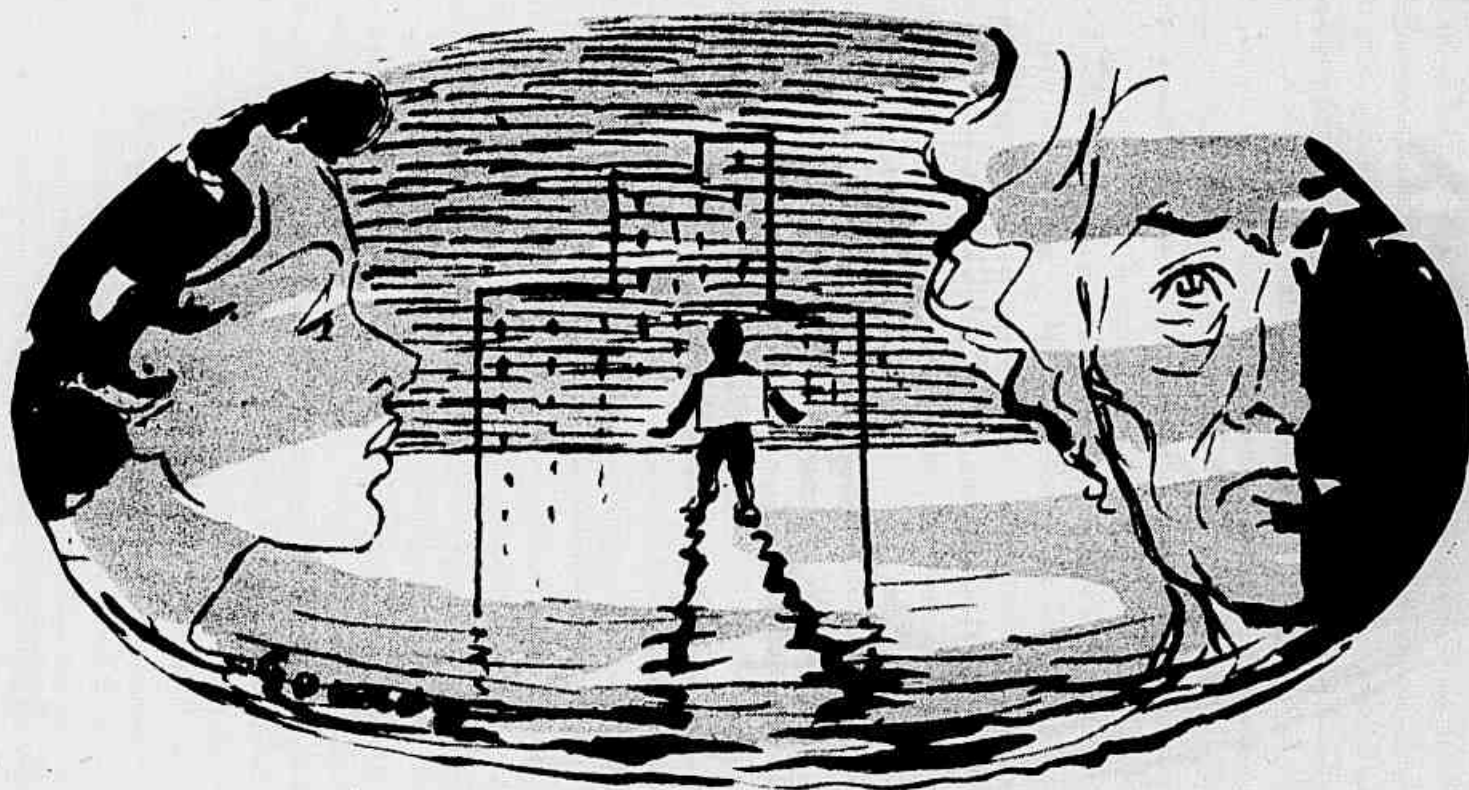
VARIEDADES

Elizabeth de Áustria	14/15
Horas de Desespêro	28/29
Rússia Soviética: Inferno ou Paraíso?	36/37

CAPA

ANNA MAGNANI, «Oscar» de 1955.
(Kodachrome Paramount)

Este número consta de 64 páginas.



OS DESAPARECIDOS

◆ Deve haver — tenho certeza — criaturas como eu, incapazes de compreender certas coisas gravíssimas que acontecem nesta cidade, pátria de muitos automóveis e gorda miséria. Uma delas é o desaparecimento de pessoas que os jornais anunciam diariamente. Onde andam tantos Joões, Antônio, Manueis, Emílias e Marias, gentes que segundo lemos, saíram de casa e nunca mais voltaram? Onde está a senhora Mirandolina que saiu a passeio com sua bolsa a tiracolo, sua saia godê, suas alpercatas brancas e que está dando trabalho a seu marido aflito, pois em casa crianças ficaram e além de tudo estão chorando? Onde está d. Bertolina, de «certa idade» desaparecida desde 1945 e que a filha cansada de esperar dez anos (— «Mamãe volta hoje com certeza!» — «Naturalmente mamãe volta amanhã»), vem dizer que no momento do desaparecimento ela usava saia preta, blusa branca, foi à esquina comprar fósforos e até hoje não voltou. Quem sabe de um homem morador num subúrbio distante que deve ter encontrado Merandolina e Bertolina pois desapareceu também com calça preta e camisa branca? Desaparecer, propriamente, não me espanta. A cidade é grande e cheia de abismos, várias as tentações, monótona é a miséria e certas companhias muito cansativas. Compreende, por exemplo, que alguém, num dia de muito sol e calor sinta um imperioso desejo de espiar a praia de Copacabana e resolva ficar ali mesmo, «riscar seu nome do caderno» da família e recomeçar a vida num país novo e beio banhado pelo mar. Quem poderá resistir à música das águas batendo na areia?

◆ O que me espanta é o tempo enorme que os abandonados esperam em silêncio pelos desaparecidos até que, um dia, o «não aguento mais», se impõe. «Onde está a minha mãe?» chorá um. «Por favor dêem notícias de meu filho», soluça outro. São criaturas aflitíssimas depois de muitos anos de espera, arrebatando o dique das lágrimas e vindo comunicar-nos o fato. E nós, cidadãos pacatos, pessoas ingênuas até então convencidas de que um pai ou mãe quando sai de casa e não volta no mesmo dia, um filho parente ou aderente que não chegue na hora certa, deve preocupar-nos imediatamente e somos obrigados, por todos os meios e modos a procurá-los. Esperar, só creio que seja possível e com muita paciência, doze horas; não mais. Se não voltarem então devemos visitar distritos policiais, necrotérios, pronto socorro, etc. Acho porém que, enquanto realizamos procuras e pesquisas devemos também ir fazendo uma boa autocrítica para que nos capacitemos honradamente da nossa atuação, do nosso papel naquela fuga. Por que logem crianças de casa? Aos pais que respondam. Por que senhoras deixam lares e velhas saem pelo mundo? Ninguém troca o bom pelo problemático, nin-

guém abandona o calmo pelo agitado. Que façam portanto balanços de consciência os interessados e se fria e serenamente considerem que nenhuma culpa lhes cabe o melhor é considerar os fujões desertores do afeto familiar. Engulir dores, fechar portas a qualquer esperança, eis a questão, pois esperar geralmente é exaustivo, além de provocar nascimento de muitas rugas e embranquecimento de cabelos.

Uma coisa me preocupa: por que desaparece tanta gente nesta cidade? Onde irão e como passarão a viver? Há alguma sociedade secreta raptando homens e mulheres? Compreende-se que uma mocinha de dezoito primaveras viçosas e inquietas soia um dia de casa para nunca mais voltar. Mas uma senhora já no fim da vida, uma mulher apenas passada, a quem interessará, qual a sociedade por mais secreta que seja, que vai arregimentá-la? Para que? Como não creio em mistérios, nunca jamais li ou lerei romances policiais, odeio filmes de «suspense» e não cultivo pessoas dadas à magia, não se passa um dia em que, abrindo um jornal e encontrando um retrato de criança ou adulto sob o título de «Desaparecido» não sofra e sinta meu coração.

◆ Jornais e revistas chegam ao ponto de manter seções apenas para anotar desaparecimentos. Onde irá toda essa gente? São histórias tristes que, para maior tortura nos são dadas apenas pela metade: «saiu para compras», «foi para a escola», «quando visitava uma amiga», todos desapareceram assim e na descrição das roupas que no momento usavam, os interessados parecem querer afirmar que aquele pai ou mãe, parente ou filha, não tinha o intuito de fugir, a prova é que saiu mal vestido.

A vida é assim mesmo, cheia de assuntos tão complicados que sem eles talvez menos trabalhos tivessem nossos cérebros; são assuntos melancólicos, dêsses que se fica tão mais aflito porque não se sabe o fim, não se pode conhecer como terminou.

Dona Bertolina voltou para casa? Sua saia preta e sua blusa branca estavam limpas? e a moça, a senhora que ainda ontem deixou os filhos que aliás ficaram chorando, voltou? Os desaparecimentos ou as fugas não são especialidade nossa. Agora mesmo um jornal publicou uma triste fotografia: uma mulher norte-americana sumiu de seu lar, o marido pediu auxílio da polícia e como não obteve a menor resposta, fez grandes cartazes e saiu para a rua com seus três filhos, carregando dísticos que diziam: «Mamãe volta para casa, nós te queremos», «mamãe volta logo».

Tanta tristeza no mundo. Valtará a mãe ianque? Voltarão as crianças que fugiram? Onde andarão os desaparecidos?

ENEIDA

SANTOS: 1956

ANO TRÁGICO



Os garotos colaboram nos trabalhos de salvamento e muitos procuravam, entre as ruínas, parentes desaparecidos.

A MORTE COMEÇA NO MORRO — TRAGÉDIA EM DOIS ATOS COM INTERVALO DE TRES SEMANAS — DUAS CENTENAS DE MORTOS FAZEM, DO TUMULO, UM LIBELO CONTRA A IMPREVIDENCIA — CAUSAS E EFEITOS DA CATÁSTROFE.

Reportagem de DEMÓSTENES VARELA

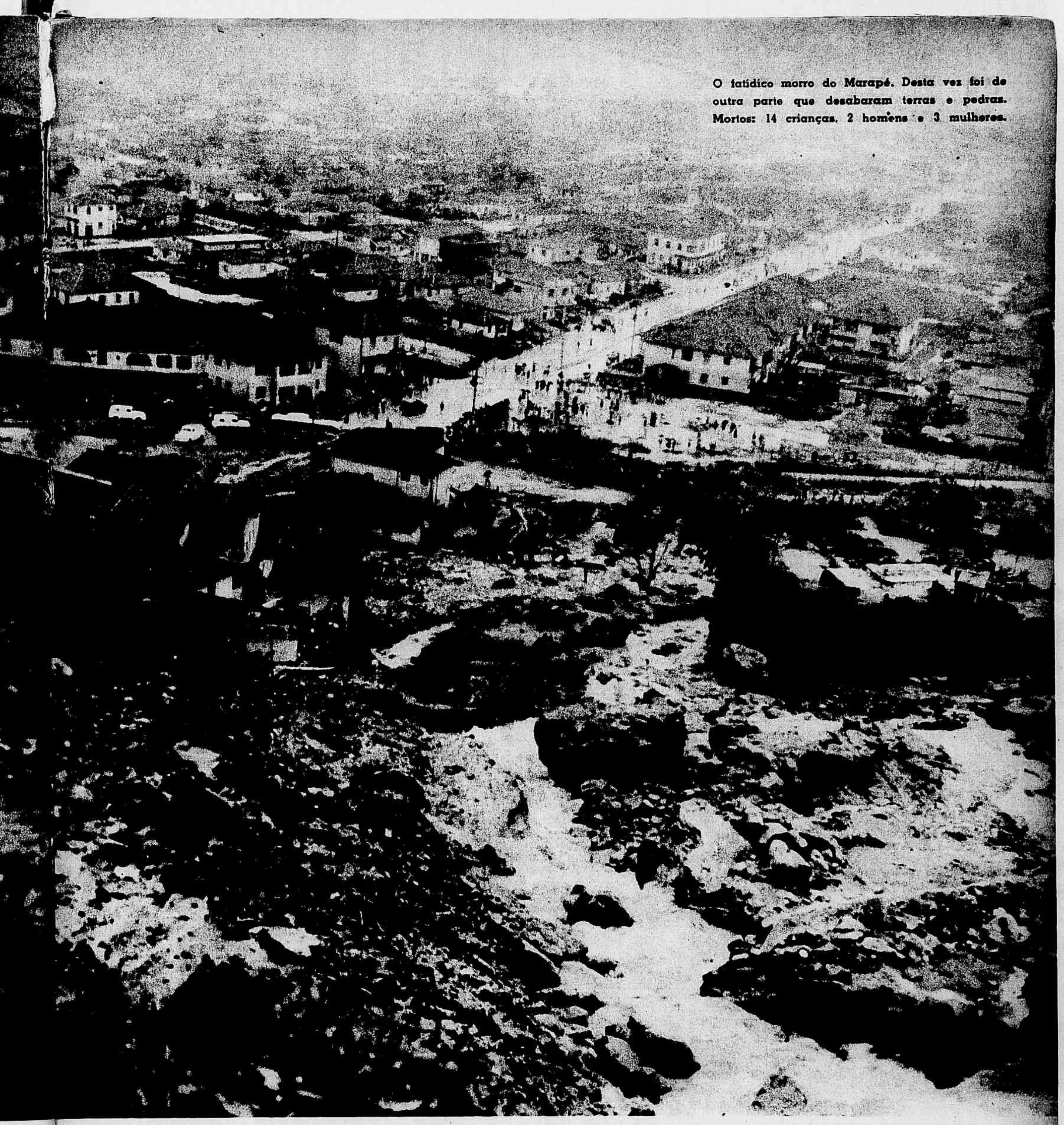
◆ Confirmando o velho princípio de que **tudo que sobe tende a descer**, as favelas de Santos vêm brincando de esconder com a morte. Duas catástrofes em menos de um mês marcaram de luto uma das mais importantes cidades do país e a segunda do Estado de São Paulo. Cento e setenta e oito cadáveres jazem nos cemitérios santistas como um atestado mudo de imprevidência e irresponsabilidade. Por que desmoro-

nam os morros santistas? — eis a pergunta que fazem tôdas as bocas. Por que? O solo de Santos, quiçá de todo o Estado de São Paulo, em nada difere do resto do Brasil, a não ser em função do clima. Sua resistência é considerada normal, uma vez que a zona de atêrro, ou seja a região roubada ao mar, não passa de uma simples faixa de terra. O resto é mesmo constituído de solo anti-diluviano, resistente e já

POR QUE DESABA



O fatídico morro do Marapé. Desta vez foi de
outra parte que desabaram terras e pedras.
Mortos: 14 crianças, 2 homens e 3 mulheres.



BAM AS FAVELAS



Quatro crianças foram retiradas dessa casa parcialmente destruída. Elas se somaram às dezenas de outras vítimas da catástrofe.

pôsto à prova com a construção de importantes edifícios de apartamentos. Ainda mais: a região atingida por ambas as catástrofes não fica propriamente perto do mar, o que vem de livrar o oceano de qualquer responsabilidade nos trágicos acontecimentos.

UM PÁSSARO ENSINA O HOMEM

É sabido que o «João de Barro», conhecido pássaro brasileiro, escolhe a melhor olaria para tirar o barro com o qual construirá sua casa. E vai mais longe o cuidado do nosso simpático passarinho: aguarda ele pacientemente a chegada das chuvas para, depois de observar a direção dos ventos, fazer no sentido contrário o entrada de sua casa. Esse engenheiro de penas, lamentavelmente, não foi levado a sério pelos favelados santistas. Mas o foi pelos do Distrito Federal e também pelos mocambeiros do Recife. O favelado carioca é mais experiente e, em matéria de «engenharia» é um verdadeiro mágico. Assim não o fôsse e não teríamos duzentas mil pessoas morando em morros, verdadeiros «castelos» de zinco e caibros, que apresen-

tam um índice de segurança capaz de fazer inveja ao próprio senhor Santos Wallis...

x x x

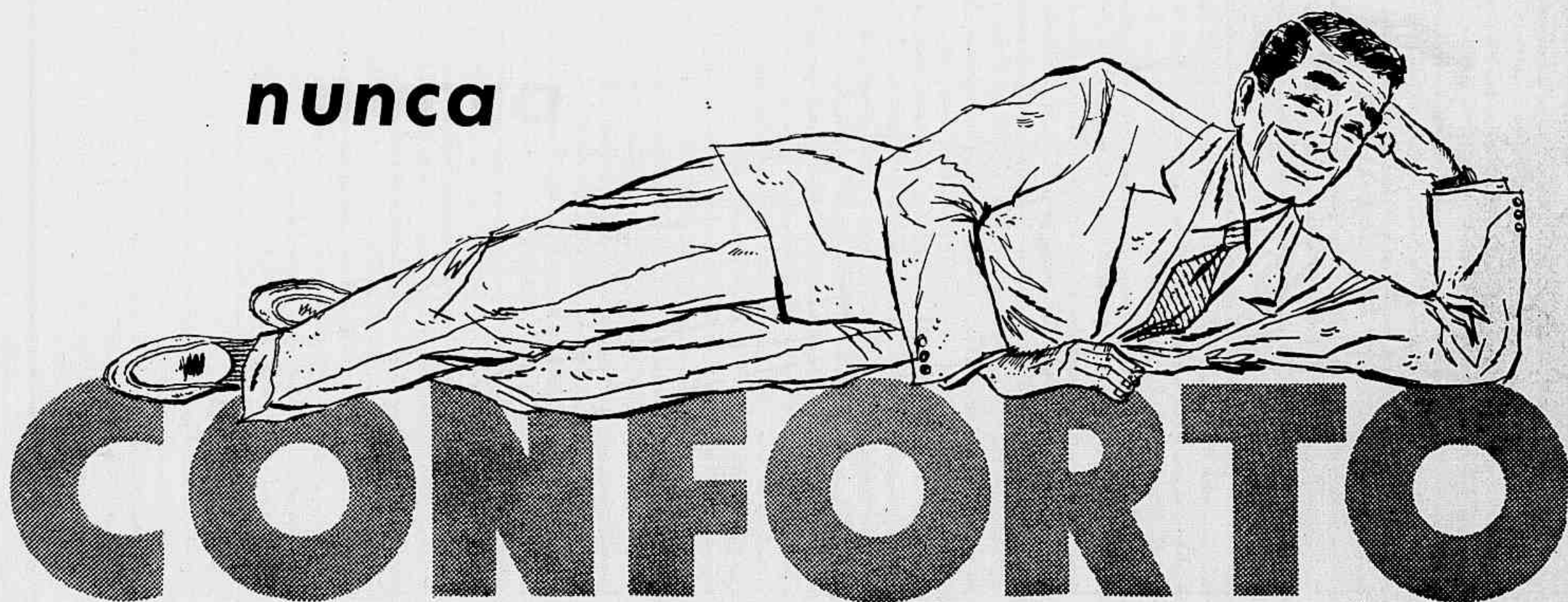
Qual a explicação mais adequada para dizer da habilidade do favelado carioca? Vejamos: em primeiro lugar ele é carioca porque reside no Rio de Janeiro. Em via de regra é nordestino, nortista ou mineiro. Se é do «norte» já nasceu conhecendo a força dos ventos e as manhas dos temporais. Desde o berço aprendeu que terra destituída de revestimento de gramíneas é terra perigosa. Até o gado sabe disto. «Boi tinto não se aproxima de barranco nu». Com o mineiro dá-se a mesma coisa. Homem da montanha, nascido em cidades encravadas em tortuosos vales, o montanhês é antes de tudo um perito em resistência do solo.

Em Santos a coisa foi diferente. O favelado santista, muito mais próspero que o carioca, abandonou o zinco pela telha francesa e o chamado «pau-a-pique» por bons tijolos vermelhos. E as casas nasceram nos morros como um presépio encantado. Cortou-se o capim, abriu-se a picada e a montanha ficou nua. A cidade ex-

pandia e, para os menos afortunados, terra barata era a terra do morro. O solo empobrecido, deserto de árvores e de gramíneas acumulava suas cicatrizes numa festa de dor. As chuvas chegaram, fortes e aliadas aos grandes ventos. A cidadela tremia ao som do compasso do vendaval medonho. Os alicerces pouco profundos, o barro mole e a imprevidência possibilitaram a grande desgraça. Os casebres caíam qual castelos de areia em mãos de menino. O ruído dos desabamentos era, de quando em vez, abafado apenas pelo som do trovão. As luzes perderam o brilho e a noite encobria uma das maiores tragédias do Brasil.

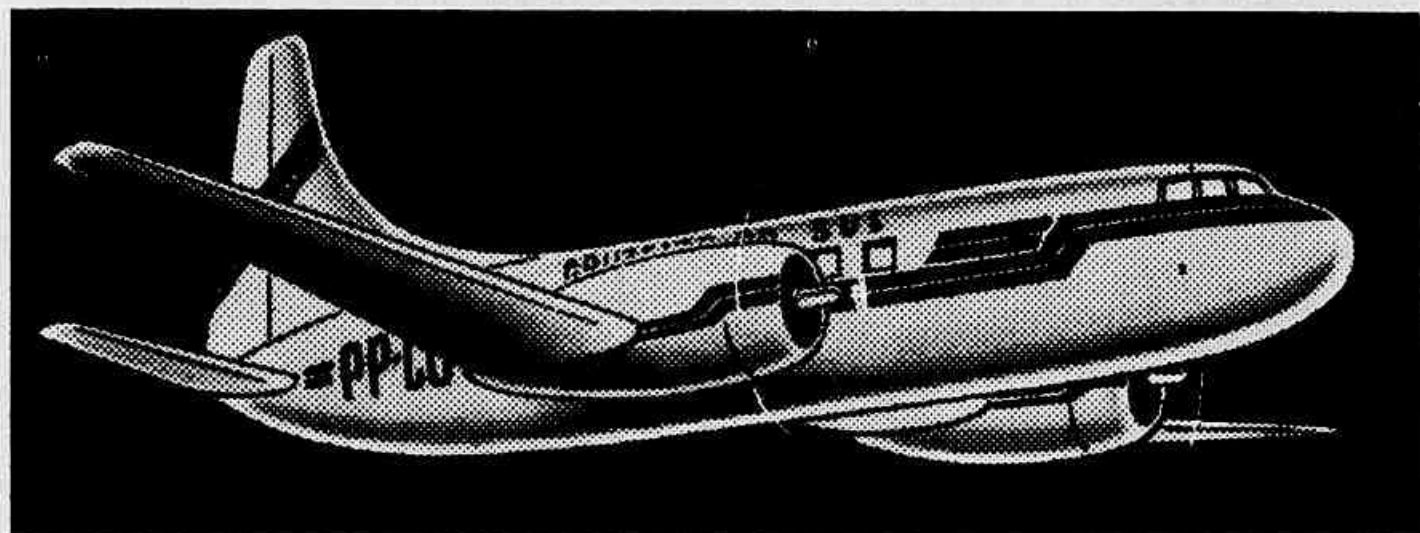
... E aconteceu novamente. O mesmo cenário, as mesmas causas mas fazendo novas e diferentes vítimas. A outra visão da morte parecia ter fixado residência em Santos. O luto que encobriu centenas de lares fez com que o governo do Estado agisse. Hoje os morros estão desertos. Em breve o solo nu, vermelho-pardo das montanhas santistas terá roupagem nova. Ele se vestirá de verde, a cor da esperança e da vida.

nunca



**significou tanto
em aviação**

Conforto significa muito mais quando se trata de uma viagem pela Cruzeiro do Sul. Em aviação, consulte os fatos, veja a extensão das linhas servidas pelas nossas aeronaves. Observe os serviços de terra e do ar e o pessoal que opera a maior rede aérea doméstica do mundo. Você, como a maioria, preferirá também conforto de fato, sem aumento de tarifas.



Para sua próxima viagem à São Paulo, Porto Alegre, Buenos Aires ou Fortaleza, Recife e Salvador, reserve suas passagens pela Cruzeiro do Sul. Conheça imediatamente um sentido completo de conforto em aviação.



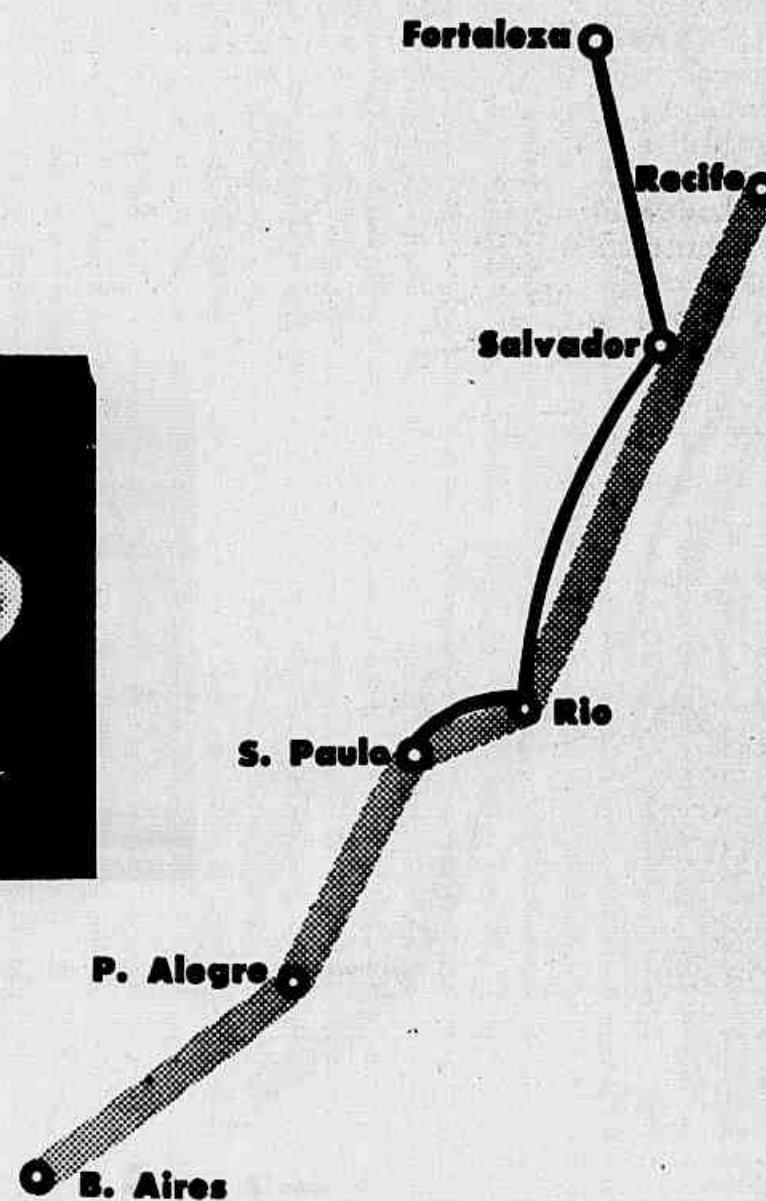
SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL

RIO DE JANEIRO: Av. Rio Branco, 128 - Tel.: 42-6060 - Av. Nilo Peçanha, 26-A - Tels.: 32-7000 e 42-6060 Ramal 206

Para suas viagens entre

RIO e SÃO PAULO
PORTO ALEGRE
BUENOS AIRES
ou FORTALEZA, RECIFE,
SALVADOR

Prefira os rapidíssimos
Conqair-340 da Cruzeiro do Sul



CONVAIR-340 : 44 passageiros - 450
quilômetros horários (vôo de Cruzeiro)
- Piloto automático

A SEMANA EM REVISTA



II SALÃO DO RÁDIO

♦ A Câmara Municipal, em sua saleta de exposições, inaugurou o Segundo Salão do Rádio, com a participação de nada menos de dezessete artistas dos mais conhecidos de nosso «broadcasting». D'Andrea Netto, Caymmi, Fernando Lôbo, Flávio Menezes, Francisco Carlos, Gastão Formenti, Guerra Peixe, Heitor dos Prazeres, Henrique Orciuoli, Iberê Gomes Grosso, João Braga, Lídia Bastiani, Maria Simonetti, Oscar Wright da Silva, Israel Sartini, Vitor Binot e Valzinho exibiram cerca de 50 obras, algumas realmente interessantes. Poucos desses artistas estudaram, ou estudam, pintura: Francisco Carlos (aluno de Osvaldo Teixeira), Formenti (antigo aluno de Strina), João Braga (de Carlos Oswald), Lídia Bastiani (de Fernando Ferreira), e Binot, filho de Iara Salles, que estuda em Paris. Os demais são auto-didatas, inclusive Valzinho, o único escultor do grupo. Equilibram-se os modernos e os acadêmicos. Francisco Carlos é um acadêmico de quatro costados. Fernando Lôbo, moderno (pretende estudar com Pancetti). Gastão Formenti é o único pintor que canta, naquela assembléia de cantores ou radialistas que pintam. Nas fotos, João da Baiana, diante de alguns trabalhos, e Iara Salles, junto a uma tela de seu filho Vitor Binot.



TUTSI
Isso não existe



MARCIANO
As mãos de Eurídice



BERREDO de MENEZES
Rima rica



BRIGADEIRO
Frei Eduardo?

NACIONAIS

E FINALMENTE Edith Piaf chegou ao Rio. Velha, enrugada, mas possuidora de uma voz famosa, que já se fez ouvir inclusive no Carnegie Hall, com sucesso enorme...

O PROPRIETÁRIO de um apartamento no Leblon exigiu, judicialmente, que seu inquilino se retirasse do mesmo o quanto antes. Razão da

exigência: é que o inquilino ali habitava com nada menos de três mulheres, com grande escândalo da vizinhança, que não se fartava de falar contra o harém...

UMA CADELINHA brasileira, Linksdaie, conquistou há duas semanas, em Londres, o primeiro lugar em um concurso de que participaram

nada menos de seis mil cães. Seu proprietário é o senhor Percival Benevides, presidente do Brasil Kennel Club.

ENQUANTO todos os países do mundo aumentam ou conservam no nível atual a produção de aço, o Brasil diminui consideravelmente essa produção. Anjinho.

TUTSI BERTRAND, atualmente, é recepcionista da VARIG, na vaga da holandêsinha Okki, que está visitando sua terra. Diz-se, aliás, que Tutsi será, muito provavelmente, Miss Flamengo, no concurso que se destina a escolher Miss Distrito Federal e Miss Brasil. Mas a jovem desmentiu, afirmando que seu tipo não sendo o tradicional brasileiro, tem chances mínimas de vitória em concursos de beleza.

GRAVE A SITUAÇÃO política no Maranhão e em Goiás. No Maranhão, serão efetuadas novas eleições para governador, de vez que ficou provada a existência de fraude nas anteriores; e, em Goiás, posseiros, rebelados, tentam fazer valer, pela força, seus direitos ameaçados.

DIZEM que Rocky Marciano, que há pouco se exibiu no Rio de Janeiro, embora apenas com uma luva, está para abandonar os «rings» de box. Depois da vaia que levou, no Maracanãzinho, não há mesmo outro caminho.

EDUARDO GOMES entrará para um convento? São muitos os boatos, mas esse, difundido pelo cronista Pedro Gomes, é o mais sensacional. E por falar no brigadeiro, durante a semana pascoal, quando fazia seu já célebre 'giro pelas ruas de Petrópolis, de bicicleta, um automóvel particular, batendo de leve no frágil veículo, quase o atirou nas águas do Piabanha...

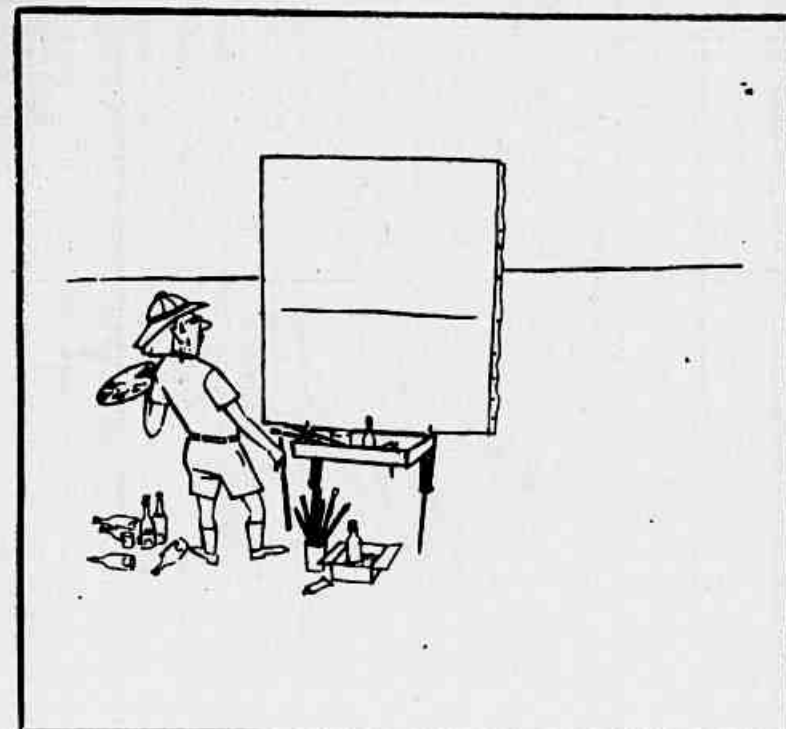
OUTRO JUIZ, esse o severo senhor Braune, foi tapeado por um vigarista, que lhe vendeu, como novo, um carro velhíssimo e arrebitado, dizendo-lhe: «Sou assistente dileto do doutor Portugal, e só não vou com o senhor até à garagem, mostrar-lhe o carro, porque ontem fizemos uma operação de crânio, e estou cansado. Além disso, viajo amanhã para os Estados Unidos, a fim de especializar-me...»

UMA SENHORA solicitou de Jânio Quadros um apartamento, dizendo que o govêrno tinha prometido apartamentos mais baratos a todos. Resposta do governador paulista: «Não posso cumprir as promessas do Presidente. Já não bastam as minhas?»

O POETA Berredo de Menezes, ao ser apresentado, no Itatiaia Country Clube, a um de seus dirigentes:

— Esse é Mister Davidson, nosso «public-relations».

— Congratulations.



Edme (Paris Match)



MARISA
Chegou o seu dia



SORAYA
Como é que é?



MARILYN
E' a da direita



ZSA-ZSA
Inaugurou outro marido



PIO XII
E o passarinho



PERÓN
Acordou escritor

INTERNACIONAIS

UM SENADOR americano recebeu esta carta de uma jovem estudante: «Minhas colegas todas colecionam fotografias de artistas de cinema. EU, porém, coleciono fotografias de senadores. Queira pois enviar-me doze fotos suas, e se possível, em boas poses».

MARISA PAVAN está «com tudo»: depois de ter finalmente alcançado o estrelato, atuando ao lado de Magnani em «Rose Totto», e deixando, assim, de ser apenas, a irmã gêmea de Pier Angeli, casou-se com o popular ator francês Jean Pierre Aumont, viúvo de Maria Montez.

A BELA SORAYA, Imperatriz do Irã, está na União Soviética, submetendo-se a um tratamento médico que lhe permita dar um herdeiro ao espôso. Pelas leis do Irã, se a Imperatriz não puder conceber dentro de determinado prazo, está o Xá obrigado a tomar outra espôsa. E o prazo está acabando...

CHAMA-SE KIKKONEN o atual Presidente da Finlândia. Tem 57 anos, e antes de ascender à mais alta magistratura de seu país, fôra por cinco vezes primeiro ministro.

HA QUEM AFIRME que Marilyn Monroe casar-se-á em breve com o comediógrafo Arthur (Morte do Caixeiro Viajante) Miller. O boato foi há pouco robustecido, com o divórcio do escritor, após 17 anos de um casamento feliz.

AS IRMÃS Zsa-Zsa, Magda e Eva Gabor, húngaras, radicadas em Nova York, vão se casar

tôdas agora em abril. Zsa-Zsa, a mais célebre, artista de cinema, casa-se pela quarta vez; as outras são principiantes.

EM PALERMO, vem de ser libertado o «Campeão dos Pobres», o jovem escritor Dolci, que fôra acusado pelo governo italiano de estar fomentando rebeliões. Dolci, indignado com o abandono em que viviam os desempregados na Sicília, convocou-os para consertar uma estrada esburacada, dizendo-lhes: «Assim, o governo ficará com vergonha, e mandará pagar-lhes algo». Vem pro Brasil, vem, Dolci...

DOM JUAN especial era Pohla, que se utilizava da magia negra e das de outras côres para conquistar suas pequenas. A turminha da aldeia de Pakoka, na Birmânia — onde o anjinho agia —, sabedora da coisa, matou-o a pauladas.

UM TRABALHADOR novaiorquino perdeu o olfato, devido a um acidente de trabalho — certamente cheirou o que não devia. Agora, um tribunal daquela cidade arbitrou em cento e cinquenta mil dólares a indenização que receberá o dito operário da companhia empregadora. E' o caso de se perguntar: vamos perder o olfato?

ALEC GUINNESS, que ainda há pouco terminou as filmagens de «The Swan», ao lado de Grace Kelly, converteu-se ao catolicismo. «Não pude esquecer-me da fisionomia do Papa, a quem conheci há onze anos atrás», declarou.

PERÓN ACABA de editar em Lima, no Peru, seu livro «La Fuerza es el Derecho de las Bestias», que bateu todos os recordes de livraria, naquele país esgotando-se em uma semana cinquenta e cinco mil exemplares. Uma editora norte-americana está em negociações com o editor para lançar o volume em inglês.

O PAPA deu cem mil pesos para combater a poliomielite na Argentina. E o Brasil enviou um pulmão de aço de fabricação nacional.

STALIN, que anda por baixo da carne seca em Moscou e adjacências, foi agora acusado de assassinar sua espôsa Ndejda Alleluyeva. Assim também é demais. Qualquer dia vão dizer que foi o homenzinho quem fêz Adão comer a célebre maçã. Ou será que foi mesmo?

O INFANTE Afonso de Bourbon, de quinze anos, brincava com uma pistola quando a mesma detonou, prostrando-o sem vida. O acidente ocorreu em Lisboa, onde vem de ser realizado o entêro.

AO SABER que vencera o «Oscar», Anna Magnani saiu-se com esta: «E' como se eu tivesse inventado o Coliseu».

QUANDO REGIA a «Paixão segundo São Mateus», de Bach, em plena comemoração da Sexta-Feira Santa, faleceu em Munich o conhecido maestro Fritz Lehmann, de 51 anos.

A IRMÃ DE JOSEPHINE BAKER

◆ Está no hospital de Nova Iguaçu há alguns dias. Internada. E como indigente. Chama-se Cherubine. Cherubine Baker. Tem 37 anos, é solteira, e mora em Vila da Cava — nome que recorda Portugal, bons vinhos e «desgarradas» típicas. Mora, não: morava. Agora, está no hospital. Seus vizinhos de miséria — Cherubine morava num casebre — tiraram-na dali, quando

a pobre, já sem alimentar-se há vários dias, estava em tal estado de fraqueza que não mais podia sequer falar. No hospital, disse ela ter nascido no Alasca, e ser irmã da grande atriz Josephine Baker. Invenção? Delírio? Ou verdade? Não se sabe. Cherubine ainda está muito fraca, mas persiste em afirmar que é realmente irmã de Josephine Baker.

«MAISON DE FRANCE»

◆ Desde há cerca de um mês, o Rio de Janeiro dispõe de mais uma sala inteiramente dedicada à Cultura: a «Maison de France», onde a Embaixada Francesa no Brasil, a Alliance Française, salas para exposições, auditórios e um teatro confortável e moderno passaram a funcionar. Com a presença do Presidente da República, Juscelino Kubitschek, do Ministro das Relações Exteriores da França, Edgar Faure, e do Embaixador da França no Rio de Janeiro, Bernard Hardion, que se faziam acompanhar de suas senhoras, e de grande número de convidados, foi inaugurado o teatro da «Maison de France» com um espetáculo variado, em que atores da «Comédie Française», vindos especialmente para a ocasião, demonstraram sobejamente suas qualidades. A foto é um aspecto da assistência seleta que lotou completamente o magnífico teatro, vendo-se, da esquerda para a direita, a Embaixatriz Hardion, a sra. Faure, o Presidente Kubitschek, o Ministro Faure e a sra. Kubitschek.



Darcy (Diário de Notícias)

A SEMANINHA

— «Eden conversará 9 horas com os russos...»

Equivale a dizer que lhe terão de pagar uma hora extraordinária!

— «Não é aconselhável que um diabético se case com uma diabética — opinou o médico sr. José Procópio Vale».

Tudo isso para evitar que o açúcar se esgote, futuramente.

— «Grace Kelly no dia de seu casamento, calçou meias ultrafinas, no valor de 50 dólares o par...»

Daqui alertamos o Príncipe Rainier: Ponha no seguro as pernas da «estrela».

A efígie da Rainha Isabel II figura nas novas notas canadenses, aparecendo a cabeça de Salã no cabelo da soberana.

Esse negócio de aparecer uma cabeça no cabelo só poderia ser mesmo obra de sata...naz!



200

VIAGENS POR DIA

Onibus diretos para SÃO VICENTE e PONTA DA PRAIA

das 4,30
às 24,00 hrs.
cada 8 minutos

AGÊNCIAS

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone: 34-1395
Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones: 32-8733 e 34-5393
Rua Senador Queirós, 85 - Fones: 34-2399 e 36-6402
Rua Tabatinguera, 37 - Fone 33-3326

SANTOS

Pça. Barão de Rio Branco, 62 - Fone 1314 (S. Vicente)
Av. Presidente Wilson, 186 - Fone 4-4090 (José Menino)
Pça. Independência, 11 - Fone 4-3426 (Gonzaga)
Pça. Mauá, 11 - Fones 2-2299 e 2-8777 (Cidade)
Av. Conselheiro Nobias, 841 - Fone 4-5788 (Boqueirão)



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Ltda.

AZASO - EB-2

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 14 E 20 DE ABRIL DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Não valorize suas idéias no curso da semana em pauta. Aconselhe-se, escute as pessoas mais experimentadas e principalmente as mais velhas. O leitor poderá incorrer num engano lamentabilíssimo.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — Não vá muito longe com suas preocupações. No curso da semana tudo se resolverá a contento, no momento preciso. Haverá concursos providenciais, notadamente nos três últimos dias da semana.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O novo período será muito favorável à propaganda e à correspondência. Os negócios correrão normalmente com uma forte tendência para aumento de volume. Não haverá embargos financeiros.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — Não admita a interferência de ninguém nos seus negócios. Fira direta e positivamente os casos, não faça ardeios nem adie as soluções ajustadas. Seja, tanto quando possível, dinâmico e apressado.
- ★ LEAO (21/1 — 20/2) — Seja muito comedido no que fizer e principalmente no que pretender. As favorabilidades reinantes são positivas, mas modestas. Sua posição social será muito segura no curso da semana.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Durante a semana o leitor terá muita chance nos negócios e conseguirá ótimas apresentações. As amizades iniciadas no próximo período serão úteis e duradouras. Não as menospreze, pois.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — O leitor estará, durante a semana entrante, muito sujeito a erros e a enganos altamente prejudiciais. Reexamine seus projetos, reatue os cálculos e não atue de modo precipitado. Conte até dez...
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Não persiga os objetivos. Não corra nem force a situação. Tudo lhe virá às mãos naturalmente. O próprio destino afasta as dificuldades para que se cumpra plenamente.
- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Suas idéias e os seus pontos de vista serão muito apreciados. Defenda-os, pois, e os imponha, até, certo de vê-los triunfar. Os melhores dias, no seu caso, serão 17, 19 e 20. O dia 18 será desfavorável pela manhã.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Não faça visitas no curso da semana e diligencie não receber estranho na sua casa. O novo período será de malentendidos e de traições. Não obstante, a semana lhe favorecerá os projetos, possibilitando-lhes a realização.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — O momento será, no seu caso, o mais impróprio para mudanças e para viagens. Não se prestará, igualmente, para solicitações e requerimentos. Favorecerá, não obstante, os negócios profissionais e a vida doméstica.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Evite excessos de toda sorte, na vigência da semana. Não se exceda nem na mesa nem no «bar». Sua saúde poderá ser alterada, dadas as influências planetárias então reinantes.

OS NOMES DA SEMANA

Abril, 14	—	Otávio	—	Maria.
" 15	—	Petrônio	—	Joscelina.
" 16	—	Flávio	—	Omara.
" 17	—	Sálvio	—	Felícia.
" 18	—	Eudoro	—	Raquel.
" 19	—	Francisco	—	Lélia.
" 20	—	Claudionor	—	Jerusa.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol, ao meio-dia de Greenwich

Abril, 14	24° 30' 44"	(Signo do Carneiro)
" 15	25° 29' 28"	(" " ")
" 16	26° 28' 10"	(" " ")
" 17	27° 28' 50"	(" " ")
" 18	28° 20' 28"	(" " ")
" 19	29° 2' 03"	(" " ")
" 20	00° 22' 30"	(Signo do Touro)



A FIGURA EM FOCO



N. L.

Que Jockey Club, que nada!
Outra é a minha andadura.
O meu páreo é diferente:
Vou montar a Prefeitura.

A PROVA



Novela de PETER NANSEN

(11)

Ilustração de RAMÓN

HAVIA já algum tempo que meu amigo e eu nos entregávamos a libações as mais diversas. A noite era bela, e um luar muito tranqüilo se refletia sobre os telhados. Meu amigo, tomado de um impulso lírico, começou a tecer elogios à sua amante:

— Rosalinda, eis o seu nome!

E não há mulher assim bela!

— Bebamos, então, à saúde de Rosalinda! Bebamos, velho companheiro da Renascença!

— É isso mesmo (retrucou-me), não existe, em todo o país, amante tão saberba. Sem caprichos, sempre de bom humor; e ademais, sábia, na arte de amar, mais do que outra qualquer. E isso, sem contar a sua fidelidade, acima de qualquer suspeita.

Inconscientemente, esbocei um gesto de dúvida.

— Oh! sei bem naquilo que pensas, meu caro. No marido, a quem Rosalinda engana. Mas, tu sabes, ela não o ama, tenho certeza. Pelo contrário. Agora: podes acaso duvidar de seu amor por mim?

— Certamente que não. E isso se vê de muito longe.

— Ou pretendes acaso insinuar que ela não me ama?

— De modo algum. Não tenho razões para fazer assertiva tão temerária.

Meu amigo esvaziou um grande copo de vinho de Reno. Suas bochechas estavam ambas em fogo, e sua voz tremia ligeiramente, quando voltou a falar-me:

— Compreendo. Não ignoro que ela se mostrou provocante para contigo. Ela mesma me disse. E ela mesma me disse que, se não fôsse por minha causa, teria certamente se apaixonado por ti. E vou dizer-te agora uma coisa que, certamente, não poderás levar a sério, e que, no entanto, é verdadeira: eu mesmo a encorajei a gostar de ti. Disse-lhe, sem reservas, que eras a única pessoa do mundo pela qual ela poderia enrabichar-se, sem que, por isso, eu ficasse aborrecido. Sorris? Mas, por Deus, isso que te digo, é o que penso verdadeiramente. Eu a abandonaria de bom grado a teus cuidados, depois de uma noite, se ela quisesse... Ainda ontem pela notinha, eu lhe fiz essa pergunta: «Devo ir buscá-lo para você»? Ela, porém, ficou encolerizada e começou a chorar.

— Mas, se ela tem respondido afirmativamente, quem choraria eras tu...

— Juro-te que não. Primeiro, porque és meu melhor amigo, ao qual eu daria de bom grado uma parte de tudo aquilo que possuo de bom. Segundo porque, afinal de contas, e isso poderá parecer-te anormal, meu sentimento por ela não seria menor se tu, que conhecesses tantas mulheres, a tivesses conhecido melhor, para depois dizer-me a tua opinião...

— Mas, ela chorou! Logo, ficou chocada com a tua proposta estranha!

— O acento de tuas palavras faz-me compreender que tens, realmente, motivos para duvidar de sua conduta.

— Meu único raciocínio é que qualquer mulher tem mais do que motivos para repelir, com indignação, uma proposta como a que enderegaste à Ivete.

Meu amigo ficou por alguns instantes calado, visivelmente preocupado. Depois, em voz agitada, disse:

— Queres acaso prestar-me um grande favor?

— É claro.

— Queres encontrar minha amante, hoje à noite?

— Ora, essa é uma idéia verdadeiramente louca!...

— Queres tentar tornar-te o amante de minha amante, hoje à noite?

— Não, é claro que não!

— Mas porque não?

— Porque estimo-te o suficiente para não desempenhar esse papel indigno contigo.

Ele sorriu e se inclinou diante de mim, tomando-me a mão, e dizendo misteriosamente:

— Eu te imploro que me faças esse serviço. E o que quer que de tudo isso possa resultar asseguro-te que nossa amizade não se há de ressentir. Por Deus, trata-se de um verdadeiro favor de um amigo para outro. Só te peço uma coisa: que me contes a verdade de tudo quanto se tiver passado, após. Se ela acaso se entregar a ti, não quero que me contes uma mentira.

Como já tive, creio, a oportunidade de dizer, tínhamos, eu e meu amigo, bebido muitíssimo, principalmente ele. Eu, de qualquer maneira, me sentia já fortemente atraído pelo negócio, tanto mais que o luar, lá no céu, estava verdadeiramente magnífico. Quando Ivete se despedira, pouco antes, tinha nos olhos um ar tão provocante, dêsses que convidam qualquer tímido a tentar seja o que fôr!...

Segundo as frases de meu amigo, havia qualquer coisa de renascentista, pelo ar. A noite, maravilhosa, possuía qualquer atmosfera de

paganismo, e aticava o espírito às mais loucas aventuras.

Todavia, a fim de não parecer muito inclinado a aceitar o escabroso negócio, continuei a apresentar minhas ponderações, que apenas serviram para mais e mais excitá-lo. Enfim, falsamente à contragosto, terminei por aquiescer.

O contrato foi selado com um copo de vinho. Prometi sob juramento que lhe contaria tudo o que se passasse entre eu e sua amante. Ele por sua vez, jurou que não contaria a ninguém o que se passaria entre nós, àquela noite.

Meu amigo levantou-se, excitado, e acenou-me com a mão, dizendo:

— Agora vem, que mostrar-te-ei o caminho.

Uma vez no corredor, tive a impressão de que ia fazer algo de indigno. O projeto de meu amigo ao mesmo tempo era estúpido e canalha. Estava a ponto de dizer tudo isso a meu amigo, quando percebi em seus lábios um sorriso significativo. Disse-me então, dando de ombros: — «Faça-se tudo então como ele deseja. Veremos quem é o mais mal intencionado. Ri por último quem ri melhor».

Depois, dei-lhe um glacial «Adeus», e subi a escada, cujos degraus gemeram sob meus passos. Ainda pude escutar o riso nervoso de meu amigo, porém, logo cheguei ante a porta fechada de Ivete. No instante imediato, abri a porta, penetrando no aposento.

x x x

Quando voltei, encontrei meu amigo ainda na varanda. Estava ainda mais pálido e nervoso do que antes.

— Bons olhos te vejam!

E, ao mesmo tempo em que me saudava, esvaziou de um trago o restante de bebida que ficara no copo.

— Como se passou a cena, afinal?

— Tu te recordas de nosso trato?

— E' claro.

— E ainda desejas que te conte tudo o que se passou entre Ivete e eu?

— Evidentemente. O que aconteceu?

— Aquilo que fatalmente iria acontecer. E' uma mulher discreta, e que não quis provocar um escândalo.

— E não duvidou de coisa nenhuma?

— Apenas perguntou duas vezes por ti. Julgara ouvir teu riso, próximo à escada. Jurei que se enganava. Conte-lhe que tinham bebido tanto, que certamente estarias dormindo, àquela hora. E então...

— E então?...

— Tu defendeste com ardor minha participação nesse caso...

Dir-se-ia que meu amigo se contraíra todo para ouvir minhas palavras. Logo, porém, recobrou a serenidade, e disse:

— Suponho que não estás brincando comigo?!

— Pois não desejas que te conte a verdade? Tu me fizeste prometer-te que tudo ser-te-ia contado, sem tirar nem pôr, qualquer que fôssem os resultados da aventura.

— Mas é claro que disse isto! Mas o que tens a contar-me? Como te saíste de tudo isto? Quero dizer: parece-te que ela merece os elogios que há pouco tempo te fiz?

— Tens toda a razão em elogiá-la.

— Então, bebamos à saúde de minha Rosalinda!

— A sua saúde!

x x x

Continuamos bebendo à saúde da moça até que o sol começou a erguer-se no horizonte. Fiz inclusive uma descrição detalhada da aventura. Carecíamos, porém, ambos, de estímulo, e apenas a timidez em ser o primeiro a se despedir, fazia com que continuássemos bebendo.

No outro dia, pela manhã, não foi sem certo receio que me encaminhei para a sala de almoço, a fim de tomar minha primeira refeição. Tanto o lugar de meu amigo, ao lado do meu, como o de sua amante encantadora, estavam vazios. Teria eu sido acaso vítima de uma cilada? Teria meu amigo contado o que havíamos combinado, a noite passada, à sua aman-

te? Evidentemente! E eu lastimei minha ingenuidade, por haver contado toda a verdade. Eu bem devia ter previsto que essa verdade se incrustaria em sua alma como a lâmina incômoda de um punhal, e que não mais lhe permitiria gozar um só instante de tranquilidade, de tal maneira minha narrativa ferira seu coração perdido terrivelmente de amôres.

Lá para o fim da refeição, porém, a jovem fez sua aparição na sala. Estava vestida com uma roupa discreta, e seu ar algo distante parecia traduzir a expressão algo torturada de quem sofre de dor de cabeça. Ensaiei um «bom dia» algo tímido. Correspondeu ao meu cumprimento com um meneio de duquesa ofendida, com um desses mistos de nobreza e desprezo aos quais não expostos senão os atores de melodrama.

Poucos minutos depois, meu amigo surgia. Tratou-me de uma maneira altiva e álgida, mostrando-se, contudo, de uma estranha amabilidade, e de uma ternura quase comovente para com a amante.

Não tardei em sentir-me sobrar em tal companhia, e retirei-me, pretextando uma dor de cabeça qualquer, não sem antes endereçar aos dois um cumprimento reservado.

Meu amigo logo em seguida veio encontrar-me no meu quarto.

— Senta-te, disse-lhe eu, e acende um cigarro.

— Nunca pensei que pudesse fazer isso comigo.

Permanecia de pé, diante de mim, numa atitude solene.

— Talvez preferisses um cachimbo, quem sabe?

— Tu te conduziste de maneira indigna.

Sua voz tremia, e seu rosto estava todo congestionado.

Ora, meu caro, não te faças de tolo! Não terias acaso sido tu o desleal, e não eu?

— Pensas mesmo que disse a Ivete alguma coisa?

— Não penso em outra coisa.

— Pois estás enganado. Se eu a tivesse interrogado, e ela me tivesse negado a exatidão de tua narrativa, eu não teria acreditado nela. Mas tudo se passou bem diversamente. Quando eu a encontrei, hoje de manhã, ela estava fora de si. Não cessava de chorar e de lamentar-se. Perguntei-lhe qual a causa de tudo aquilo, e não me quis dizer. Afinal, terminou por contar-me tudo. Disse-me que tu havias penetrado a força em seu quarto, tentando pegá-la a força, e que se tinha defendido como lhe fôra possível, durante mais de um quarto de hora.

(Cont. na página 56)



ELIZABETH DE ÁUSTRIA

A IMPERATRIZ REVOLTADA

De ROBERT VERNON

Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA — Copyright Keystone

Ilustração de LLAMPAYAS

♦ PASSARAM-SE OS ANOS...

E os anos continuavam passando, marcando Elizabeth com suas marcas fundas. Seu caos interior mais e mais se acentuava. Muitos acontecimentos trágicos tinham triturado sua alma, desde o dia longínquo em que a então menina Elizabeth deixara a casa paterna para se casar com um desconhecido.

Sua irmã, a duquesa Sofia D'Alençon, mor-

raera queimada viva no incêndio do «Bazar de la Charité», em Paris. Uma outra irmã, verdadeira heroína de tragédia, rainha de Nápoles, tinha sido despojada de seu reino, seu cunhado Maximiliano, levado pela ambição da família de um mal entendido, tinha sido fuzilado em Queretaro, ao passo que sua cunhada, a Imperatriz Carlota, enlouquecera e terminara seus dias envolta em uma pesada cortina de silêncio. Seu primo idolatrado, Luís II da Baviera, morrera afogado no lago de Starnberg, e seu cunhado o conde Luís de Trani, por causas que não chegaram a ser esclarecidas de todo, suicidou-se em Zurich. O arquiduque João de Toscana, repudiando todos os seus títulos e prerrogativas, errou por algum tempo por todos os países da Europa, para, afinal, desaparecer sem deixar traços. O arquiduque Guilherme, grande cavaleiro, morrera num acidente de equitação; outra parente morrera também num incêndio, a arquiduquesa Matilde; e o filho do arquiduque Carlos, no decorrer de uma caçada, fôra morto por um tiro perdido.

Tôdas essas tragédias, todos êsses lutos, tiveram que ser vividos por uma mulher sensível e impressionável como Elizabeth. Porém, a última marcha para o seu Calvário ainda era necessária; faltava-lhe ainda suportar a pior das provas, que se aproximava a passos largos...

Desde o casamento do príncipe herdeiro Rodolfo, em 1881, com Estefânia da Bélgica, e a despeito de todos os esforços dispendidos por Elizabeth, tendo por finalidade uma reaproximação, a ruptura entre mãe e filho mais e mais se patenteara.

Rodolfo vivia sua própria vida, seu caráter fôra formado por elementos dispares, que mal se ajustavam, e que quase sempre entravam em violento choque entre si. Seu casamento também não foi feliz, a despeito de, para êle, não ter concorrido qualquer ordem superior de natureza política, e a despeito de terem, os dois jovens esposos, quando noivos, dado mostras evidentes de se estimarem reciprocamente. A união entre ambos, porém, era apenas proforma, e a maior frieza reinava entre êles. Não somente sua vida sentimental, como também suas opiniões políticas, quando ainda jovem herdeiro de um trono, demonstravam que, no dia em que sucedesse ao pai, mudaria totalmente a direção do governo, conduzindo o carro do Estado numa direção totalmente oposta àquela em que vinha conduzindo o já maduro Francisco José.

Rodeado por alguns fiéis, não lhes escondendo jamais o seu modo de pensar, criticava Rodolfo as aventuras sentimentais de sua mãe, e as idéias ultrapassadas do pai. Estariam ali as ricas idéias de Jacinto Renay, seu primeiro preceptor, prontas para a ceifa? Ou seriam aquelas idéias o levedo da eterna revolta dos Wittelsbach, ou ainda o produto do contacto frequente entre o príncipe herdeiro e as camadas mais baixas da população, aos olhos da Corte escandalizada? Desde o seu vigésimo aniversário, por suas orgias que muitas vezes terminavam em tavernas ou em prostíbulos os mais triviais, Rodolfo era o motivo permanente de escândalo público. Disfarçado em mero burguês, acompanhado unicamente por um ou dois amigos mais chegados, ou apenas de seu criado de quarto Loeck, bebendo até perder a consciên-



NA PRIMAVERA DE 1888, NO

cia com seu cocheiro Bretfisch, durante aquelas excursões noturnas, ele adorava os albergues mal alamedados das bordas do canal, e era o cliente mais do que certo dos cafés da burguesia, e das casas de tolerância, igualmente, em uma e outra derramando a manchieira o dinheiro do país. Vivia assim uma dupla vida, à noite desaparecendo com indivíduos que pertenciam a todas as camadas sociais, e no dia, readquirindo os velhos hábitos da Corte, curvado ao peso de um protocolo secular e obsoleto. Tudo isso fazia sempre de bom humor. Graças a uma extraordinária força de caráter, conseguiu sempre Rodolfo ocultar dos olhos de seus pais o lado canalha de sua vida. Ao seu redor, criara mesmo uma muralha impenetrável, que ninguém conseguia furar. Um dos traços mais nobres de sua personalidade era um certo sentimento cavalheiresco, que no decorrer de sua existência, se manifestou freqüentes vezes.

♦ O «ENFANT TERRIBLE»

Também no que dizia às suas relações femininas, Rodolfo tinha uma atitude contraditória. Grossoiro, quase, com todas as que pertenciam à alta sociedade, mostrava-se, pelo contrário, magnífico e cortês, como um príncipe de fábulas, com as criaturas de que, à noite, fazia suas companheiras afortunadas. De maneira geral, seu temperamento era profundamente desigual, e por vezes o jovem príncipe mostrava estar alegre, quase que demasiadamente alegre, para logo no momento seguinte, cair na tristeza mais funda. Uma negra melancolia, e a obsessão da morte, acompanhavam-no como uma sombra maligna.

Esse homem, saído apenas da adolescência, solitário e gregário ao mesmo tempo, lamentava a solidão em que vivia, desejando, em vão, uma mão amiga que o amparasse em seu desamparo.

Ele havia tentado, certa vez, matar-se com uma mulher que havia encontrado durante uma de suas noites de orgia, porém a mulher, que concordara com o príncipe julgando tratar-se de mera fantasia passageira, acovardou-se e mudou de idéia, ao ver que o jovem, desembainhando um punhal, estava prestes a transpassar o próprio peito, após tê-la esfaqueado, como era de sua intenção. Desde aquele dia, a idéia mórbida se instalou no cérebro de Rodolfo. As circunstâncias vieram precipitar os acontecimentos. Sua vida irregular e suas despesas fantásticas conduziram-no a especulações formidáveis, a fim de salvar seu patrimônio, que dia a dia minguava, sem que, nem por isso, suas dívidas deixassem de crescer. Passo a passo, Rodolfo viu-se entre as garras de usurários, que abusaram largamente de sua posição de herdeiro do trono. Por essa época, a discórdia conjugal se agravava ainda mais, e Rodolfo pensava, inclusive, em separar-se. Nesse sentido, enviara mesmo mensagens a seu pai, e ao Papa, mas ambos tinham se oposto violentamente ao desejo do rapaz. Todas essas violentas contrariedades imprimiram, no já conturbado espírito de Rodolfo, a idéia fixa do suicídio.

♦ MARIA VETSERÁ

Na primavera de 1888, no prado de corridas, Rodolfo travou conhecimento com uma jovem de 18 anos, a baronesa Maria Vetsera. Sem beleza real, mas dotada de uma distinção natural, que logo a fazia sobressair aonde quer que estivesse, era de talhe médio, com um busto que ainda mais acentuava a moda bizarra de seu tempo. Seu rosto tinha a frescura e a graça de um pêssego, seus lábios muito rubros enchiam-se de alegria de viver, de sensualidade, e faziam realçar seus dentes pequenos e regulares, alvos como leite.

Seus cílios extraordinariamente longos recurvavam-se como arcos, e sua cabeleira magnífica era castanha, com reflexos de ouro. Tinha mãos

e pés de uma finura e de delicadeza extremas. Sua marcha tinha um ritmo e uma elegância naturais inimitáveis. De uma instintiva «coquetterie», e pelo romanesco possuindo uma queda indistigável, bem como um sentimentalismo que não se podia ignorar, e uma sensibilidade física quase oriental, que vinha sem dúvida de sua ascendência grega, Maria era a presa mais do que desejada de dezenas de jovens de toda a nobreza européia.

Parece certo que esta jovem, que moça ainda parecia já uma mulher feita, já tivesse, como Rodolfo, uma desilusão amorosa. No ano anterior àquele em que fizera o conhecimento de Rodolfo, no Cairo, até onde fora em companhia dos pais, ela conhecera um jovem oficial britânico. Quando sua mãe percebeu o caso amoroso, arrumaram as malas e voltaram para a Europa. Mortalmente ferida em seu orgulho e em seus sentimentos, Maria Vetsera, possuída de um secreto desejo de vingança, estava prestes a cair nos braços do primeiro homem que tratasse de seu amor próprio em frangalhos. A lenda que cercava o arquiduque Rodolfo cedo chegou-lhe aos ouvidos. Quando caminhava com a mãe, pelo Prater — ponto elegante de reunião —, tremia ante a perspectiva de atrair a atenção dos homens, e principalmente, do herdeiro. Afinal, a ocasião tão ansiada apresentou-se. Foi a baronesa Wallerse, parenta de Rodolfo, e ao mesmo tempo, amiga íntima de Vetsera, e figura conhecidíssima na Corte Austríaca, quem os apresentou, no Prado.

Desde aquele momento, a jovem, a quem sua alta situação social impedia de sair sem companhia, encontrou, de maneira até hoje inexplicável, um modo de esgueirar-se, à noite, da casa paterna, para ir encontrar-se, furtivamente, com Rodolfo.

Ao cabo de alguns meses, quando a baronesa Wallerse, que vivia em Ratisbona, veio a Viena, Maria Vetsera a tomou por confidente de seus amores, implorando-lhe que encontrasse um meio de passar, por algumas ocasiões, que fosse, umas poucas horas em companhia de seu idolatrado arquiduque Rodolfo, sem o receio de ser descoberta.

De início a baronesa opôs-se, porém, tantos foram os rogos da jovem, que terminou a velha senhora por aceder. Uma primeira ocasião logo se apresentou, mas terminou de modo totalmente imprevisto para Maria. Sua mãe, um pouco adoentada, não tendo podido acompanhá-la a um baile dado na Embaixada da Alemanha, encarregou a baronesa de levar Maria em sua companhia. Essa não coube em si de contentamento, quando teve conhecimento da notícia. Porém, já no baile, ao ver a figura de Rodolfo, que penetrava no salão acompanhado da esposa, envolta em resplandescentes diamantes, teve uma crise de nervos.

Maria se adiantara até onde estavam os dois jovens arquiduques, e, próximo a Rodolfo, fi-

◆ RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Elizabeth da Áustria, que um casamento algo apressado com o Imperador Francisco José, aliado a um temperamento nervoso, tornara profundamente infeliz, é vítima, desde bem cedo, da fatalidade, que parece rondar-lhe a família, devorando seus componentes, um a um. Assim é que inúmeros de seus parentes pereceram em circunstâncias trágicas; seus filhos não a amam, e o espôso, que antigamente chegara a ter por ela verdadeira paixão — embora fosse de temperamento indiferente e prático — agora pouca importância lhe dá. A própria Elizabeth, sabedora das traições do marido, não lhes dá grande valor, antes pelo contrário: até contribui para elas, como foi no caso da jovem e talentosa atriz Catarina Schratt.

zera uma ligeira reverência. Estefânia mal lhe correspondeu o gesto, com um leve inclinar de cabeça. E Rodolfo dirigiu-lhe algumas palavras veladas. A consternação e os escândalos foram imensos. A baronesa e sua irmã tiveram de conduzir Maria para a sua carruagem. Maria, fora de si, soluçava histéricamente e rasgava as vestes. Nesse estado de super-excitação ela contou, sem vergonha e sem receio, que amava o arquiduque, e que era mesmo sua mante.

No dia seguinte, pela manhã, o criado de quarto de Rodolfo, Brattfisch, batia à porta do quarto ocupado pela baronesa, num dos luxuosos hotéis vienenses. Trazia para a senhora uma mensagem, que rezava assim:

«Gostaria imensamente de falar contigo. Espera-me, essa tarde, por volta das cinco horas. Deves estar sôzinha, mesmo sem tua aia. Quero ver-te sôzinha durante todo o tempo em que estivermos juntos».

Exatamente às cinco horas, Rodolfo, envolto em seu manto soberbo de oficial, os traços endurecidos por uma secreta resolução, um reflexo sombrio nos olhos, fazia sua aparição. Nervoso, com gestos arrebatados, oferecendo aos presentes todos os sintomas de uma grave perturbação íntima, atravessava de cá para lá, em passos largos, a saleta de visitas. Sua voz, ordinariamente calma, repentinamente tornara-se rouca e enraivecida. De início, fez ele alusão às dificuldades que experimentava ao tratar com o Imperador seu pai, bem como suas divergências, desde o ponto de vista político, com o velho soberano. Levado em seguida por um súbito desejo de confissão, declarou que não tinha nenhum desejo de seguir o caminho que seu pai lhe traçara desde o berço, e que sua secreta oposição dia a dia aumentava. Ainda há poucos tempos atrás, trocavam idéias sobre política e economia. Seus pontos de vista eram contudo tão opostos, que chegara à conclusão de que pouco adiantavam tais discussões, que por outro lado sempre terminavam de maneira penosa para ambos. Bruscamente, porém, Rodolfo mudou de assunto, e disse:

— Mas não é para te falar de tais coisas que vim aqui. És amiga dos Vetsera, não é verdade? Desde a cena de ontem, Maria está presa em sua própria casa, sem poder sair. Quero vê-la, não importa de que modo, e tu és a única pessoa que me podes auxiliar. Escuta-me bem: irás persuadir Madame Vetsera de que deseja levar Maria a fazer compras, contigo, na cidade. Dirás porém a teu cocheiro para conduzi-la diretamente para o palácio do Príncipe Albrecht, e ali, meu criado de quarto Lotsek estará a esperá-la, com instruções especiais.

— É impossível. Pensa nas consequências.

— Juro-te que nada te será imputado. Só desejo ver, e falar com Maria.

(Continua no próx. número)

VAMOS MELHORAR?

SPECTATOR

◆ **Piolita e Arturo**, os palhaços que animavam o circo da TV-Rio, com a presença de Carequinha e Fred, agora contratados dessa emissora, exibem-se em uma série de «Trapalhadas», criadas com o fim de distrair a garotada. Esse objetivo, no entanto, não é alcançado: o programa prolonga-se por muito tempo, em uma sucessão de episódios sem graça que cansam às crianças e tornam-se monótonos para os adultos. Não haveria maneira de melhor aproveitar esses artistas?

◆ **Arnaldo Nogueira** tem nos seus programas de debates «Ajude-nos a servi-lo» e «Senhora Opinião», oportunidade de levar ao conhecimento dos espectadores alguns esclarecimentos sobre problemas da atualidade.

De algum tempo para cá esses debates vinham ganhando muito em interesse, pois Arnaldo conseguia pôr ordem nas discussões e, desse modo, ao encerrar-se o programa, era possível fazer um resumo e apresentar sugestões para os problemas ali tratados.

Em um dos últimos programas, comentava-se sobre as causas do constante aumento do custo da vida. Sendo convidados para falar a respeito dois dos nossos vereadores, a discussão acalorou-se, os debatedores não chegaram a um acordo e, em meio a gritos e palavras pesadas, Arnaldo Nogueira foi obrigado a encerrar a discussão, pedindo desculpas aos espectadores.

Incidentes desagradáveis como esse e que há muito não se verificavam, vieram a repetir-se e, mais uma vez aconselhamos Arnaldo a tomar sérias providências a respeito.

◆ Não sabemos se por culpa do toca-discos ou das gravações executadas durante a exibição da propaganda na TV-Tupi ou mesmo quando

das apresentações dos programas, os telespectadores em tais ocasiões permanecem com os nervos tensos e os ouvidos doendo com a série de ruídos estranhos e chiados que acompanham as gravações, e isso por vezes acontece durante longos minutos...

Vamos melhorar?

◆ A «Grande Pergunta» feita por Aloísio Chaves no seu programa das quartas-feiras aos concorrentes aos valiosos prêmios, por certo atrai grande número de esperançosos que comparecem à TV-Tupi, sonhando voltar para casa com o dinheiro no bolso.

Em um dos últimos programas, quando a «Grande Pergunta» valia Cr\$ 60.000,00, Aloísio colocou diante do único casal que conseguiu chegar ao fim do concurso, uma lista de compositores musicais célebres, pedindo-lhes que escrevessem o nome das cidades em que nasceram. Naturalmente a pergunta era bastante difícil e os candidatos não conseguiram respondê-la mas, parece que o organizador das questões também não estava muito seguro pois, conferindo as respostas, Aloísio mencionou Colônia como a cidade onde nasceu Beethoven. A sorte foi que os concorrentes não haviam acertado, pois se houvessem mencionado Bonn, por certo estaria criado um sério problema quanto à questão da entrega do prêmio...

◆ O cabelereiro Jorge Jovet apresenta-se na TV-Rio, exibindo para as espectadoras alguns cortes e penteados de sua criação e ensinando-as a executá-los. A idéia dessas apresentações não deixa de ser interessante, pois, a esse respeito ainda nada havia sido exibido em TV. Jovet, no entanto, precisa ter um pouco mais de cuidado com as palavras que dirige ao público, pois dá a impressão de que a concordância gramatical não o preocupa absolutamente.



Dóris Monteiro, que depois de uma vitoriosa excursão pelos países latinos, voltou a aluar na TV Tupi

...Para uma das novas apresentações da TV-Tupi, «Primeiro da classe», feita com o objetivo de homenagear publicamente os alunos que se destacam nos nossos vários colégios. É essa uma iniciativa muito louvável, pois esse incentivo levará os alunos ao esforço para a conquista de novas vitórias.

Muitos desses programas educativos dedicados à juventude deveriam ser criados, em substituição à grande quantidade de oportunidade que a TV oferece às crianças para se exibirem ante às câmaras, cantando, dançando e inter-

GRAU DEZ:

pretando peças em completo desacordo com as suas idades. É preciso não esquecer que um dos principais objetivos da TV, como do rádio ou cinema, é educar...

...Para Eva Todor que, em histórias simples mas de muito agrado do público, vem se apresentando com sucesso na TV-Tupi. «Aventuras de Eva» constitui um passatempo agradável oferecido aos espectadores por essa emissora que tem apresentado grandes espetáculos teatrais.

...Para Hilton Gomes, que desde algum tempo vem se destacando pela maneira simpática por que apresenta diariamente o «Tele-jornal» e agora, ainda com simpatia e desembaraço, faz entrevistas com pessoas de destaque que nos visitam, como aconteceu com um grupo de artistas americanos, que ora se apresentam em um dos nossos teatros e também durante uma das exibições de Rocky Marciano, quando o campeão demonstrou ao público a sua técnica de treinamento.

Hilton Gomes, pelo seu desembaraço e o perfeito domínio do inglês, poderá ser grandemente aproveitado para entrevistas de sensação.

...Para a TV-Rio, que vez por outra tem dado aos tevendoos oportunidade de rever artistas e cantores que há muito atuam em São Paulo e dos quais os cariocas andam saudosos.

Foi com grande prazer que dias atrás o público reviu através do Canal 13 elementos de destaque como Aracy de Almeida, Isaurinha Garcia e muitos outros.

Esses «shows» devem repetir-se, pois, estamos certos, alcançarão grande sucesso.

...Para «Telegramática», programa bem organizado e ôtimamente apresentado por Urbano Lóes, através do qual os candidatos que comparecem aos estúdios da TV-Rio ou os que acompanham o programa de casa, têm oportunidade de concorrer a ótimos prêmios.



Neide Aparecida, excelente locutora da TV Tupi e uma das melhores anunciantes do video carioca

...Para Pernambuco de Oliveira, que em «Modas e Decorações» continua fornecendo ao mundo feminino ótimas sugestões para a confecção de um novo traje ou decoração do lar e também resolve com conselhos práticos e de muito bom gosto os problemas que os espectadores lhe apresentam através de cartas.

Pernambuco de Oliveira compõe cenários e guarda-roupas elegantes utilizados durante os vários programas da TV-Tupi, e através dessas apresentações tem sempre algo de útil e moderno a sugerir.

COROANDO UMA
CARREIRA DE MAIS DE
VINTE ANOS, UM
«OSCAR» PARA A
ARTISTA ITALIANA, QUE
POR SINAL NASCEU
NO EGITO ★ MAGNANI,
ROSSELINI E INGRID
BERGMAN ★ DOS
«NIGHT-CLUBS» AOS
«STUDS», PASSANDO
PELOS PALCOS DA
ITÁLIA ★ A ESTRÉIA, EM
1935, E O FILME
AO LADO DE
BURT LANCASTER
EM 1955



Fotos PARAMOUNT e de
Nossos Arquivos

A GRANDE MAGNANI

♦ DEPOIS DO sucesso de tantas artistas estrangeiras em Hollywood, de Greta Garbo a Ingrid Bergman, de Heddy Lamar a Ursula Thiess, agora chegou a vez de uma atriz italiana triunfar, em tôda a linha, na capital do cinema: trata-se de Anna Magnani, a super-sensível e inteligente intérprete de "Roma, Cidade Aberta" e de tantos filmes italianos, ex-espôsa de Roberto Rossellini, de quem se divorciou quando o diretor principiou a cortejar justamente a acima citada Ingrid Berg-

man. "Rosa Tatuada", filme em que aparece ao lado de Burt Lancaster, garantiu-lhe o "Oscar" de 1955, culminando, essa láurea, uma carreira de mais de vinte anos. Anna, que muito relutou em trocar o cinema peninsular pelo norte-americano, deve estar a êsse momento radiante, de vez que é um caso inédito, praticamente, a obtenção, com um primeiro filme, justamente de um troféu cobiçado como o "Oscar", ainda mais em se tratando de uma artista estrangeira

A vitória de Anna Magnani é também a vitória da inteligência



AO SABER do resultado do júri, que lhe concedeu o «Oscar» de 1955, Anna encontrava-se em Roma. Ei-la saboreando um «champagne», numa taça proporcional ao tamanho da vitória.



«ROSA TATUADA», extraído de uma peça de Tennessee Williams, e produzido por Hal Wallis, reúne Anna Magnani e Burt Lancaster. Eis os dois numa cena do poderoso filme. Anna está insuperável na película.



DURANTE AS FILMAGENS, Anna Magnani e Burt Lancaster tornaram-se amigos inseparáveis. A despeito de sua aparência algo desleixada, Magnani sabe cativar todos aqueles que porventura dela se acercam.

♦ O MESMO Egito dos Faraós e da Rainha Nefertiti viu nascer Anna Magnani. Só viu nascer, pois, pouco depois, a família Magnani retornava à Itália. Ali cresceu a menina, e, chegando à idade casadoira, enamorou-se do maestro Alessandrini, com quem se casou. Cedo, porém, começaram as incompatibilidades entre os esposos. Alessandrini desejava que a esposa se entregasse ao teatro clássico, e Magnani queria cantar nos «night-clubs»... Separaram-se. E Anna Magnani começou a cantar nos «night-clubs» de Roma. Mas também não era esse o seu ideal. E cedo Anna Magnani ingressava no teatro dramático. Daí para o cinema, foi um passo. Em 1935, fez o primeiro filme: «Cavalleria». Apenas uma pontinha, mas o público tomou nota de seu nome. A seguir vieram inúmeros outros, e afinal o estrelato lhe foi concedido, com «Teresa Venerdi», de De Sica. Quando apareceu em «Roma, Cidade Aberta», Anna Magnani já era talvez a estrela máxima do cinema peninsular. Seu trabalho, neste filme, verdadeiro marco do cinema italiano, que desorientou toda a crítica cinematográfica mundial, inaugurando uma nova fase da História do Cinema, foi qualquer coisa de monumental. Foi esse filme que lhe granjeou o Prêmio de Melhor Atriz Estrangeira, concedido em 1946 pelos norte-americanos. Depois de «Roma, Cidade Aberta», não faltaram bons filmes para a talentosa artista: «Il Bandito», «L'Onorevole Angelina» (primeiro Prêmio do Festival de Veneza, em 1947, Prêmio Internacional para a Melhor Atriz, Prêmio «Nastro D'Argento» italiano, etc.), e o ainda inédito no Brasil «Siamo Donne», em que aparece ao lado de Ingrid Bergmann.

Por falar em Ingrid Bergmann, recorda-se que foi a célebre atriz sueca quem roubou, por assim dizer, de Anna Magnani seu marido Roberto Rossellini, num caso sentimental que deu o que falar. Ao que parece, Anna já se esqueceu do fato, de vez que seu êxito artístico não lhe dá tempo sequer para respirar. Falando em êxito artístico, não há como não tocar em «Rosa Tatuada», o primeiro filme de La Magnani produzido nos Estados Unidos, e que acaba de lhe conquistar o mais ambicionado laurel cinematográfico, o «Oscar», relativo ao ano de 1955. Recorda-se que a atriz italiana demorou-se a decidir se devia ou não trocar seu campo de atividades da Itália para os Estados Unidos. Quando o fez, porém, foi decidida a triunfar, como de fato aconteceu. O filme, que tem como galã Burt Lancaster, é o triunfo absoluto de sua carreira, segundo a opinião dos críticos especializados norte-americanos. Já não sendo nenhuma criança, feia relativamente, mas dona de uma sensibilidade ímpar e de alto temperamento dramático, Anna Magnani chega ao cume de sua carreira, na qual jamais conheceu dissabores.



AINDA HÁ pouco tempo, publicamos em nossas páginas essa foto, onde aparece Anna Magnani ao lado de seu filho de dez anos. Anna principiou a sua notável carreira cantando em «night-clubs» italianos.



MINOU DROUET, a menina de oito anos que escreve poemas deliciosos (é autora de dois livros), aqui aparece quando, ao piano, improvisava alguma sonata... Paris inteiro só fala de Minou, cuja poesia tem suscitado mais discussões do que a vitória do senhor René Pujade ou o caso marroquino.

CHAMA-SE MARGIT Nunke a nova Miss Alemanha. Recentemente, em Hamburgo, miss Margit foi alvo de estrondosa manifestação por parte de uma multidão entusiástica de admiradores. Com esse rostinho encantador, Miss Alemanha certamente irá longe. Do corpo, nada sabemos, pois o casaco atrapalha um pouco a visão.



ESSE É GLUBB PASHA, o oficial inglês que organizou, na Jordânia, a célebre «Legião Árabe». Há pouco, o rei Hussein o desligou do comando de sua tropa, fato que foi interpretado, nos círculos políticos, como um verdadeiro desafio à autoridade da Grã-Bretanha no Oriente Médio. Com Glubb Pasha, foram desligados da Legião Árabe cerca de vinte oficiais britânicos, que ali serviam. A vida do general inglês, que sucedeu ao famoso Lawrence da Arábia no cargo de homem-forte britânico no Levante, é cheia de lances dramáticos, que dariam facilmente um filme.



JOSEPHINE BAKER, que acaba de anunciar sua decisão irrevogável de abandonar os palcos, aqui aparece às voltas com cãezinhos de pelúcia e outras gracinhas, numa cidade francesa. Vai descansar, vai, velhinha.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

ALIDA VALLI abraça a mãe, após uma representação cheia de êxito no Teatro Olímpia, de Milão. Alida tem 34 anos, é casada com Oscar de Mejo, e é mãe de 2 crianças, Calro, de 10, e Paolo, de 6. Há alguns meses, apenas, Alida se dedica ao teatro. Com sua companhia, fez uma rápida «tourné» por dezoito cidades italianas. Em cinema, já fez 42 filmes.





ANNA MAGNANI acaba de receber o «Oscar», por seu desempenho magistral em «Rosa Tatuada». Eis uma cena do filme, que o Brasil tão cedo, certamente, não há de presenciar. O galã é Burt Lancaster. A veterana atriz italiana atinge assim ao pináculo de sua já longa carreira.

UM NAVIO CAMINHANDO pelas ruas? Não deixa de ser. Esse pequenino barco, «Hamburg», em noite de cerração, errou o rumo e lá se foi encalhar num braço de terra. Essa foi mais uma consequência dos terríveis dias de cerração que a Europa do Norte sofre nesse começo de ano.



A BONDADÉ PÓSTUMA DE UM SACERDOTE

DOM CARLO GNOCCHI nasceu em San Columbano, na Itália, em 1902, e há poucas semanas faleceu. Antes de morrer, legara a um conhecido oftalmologista os seus olhos, a fim de que os mesmos fossem aproveitados numa criança cega. Assim foi feito, e o especialista, doutor Galeazzi, juntamente com dois assistentes, procedeu à implantação dos olhos do bondoso sacerdote em uma criança, Angelo Colagrande, de doze anos de idade. De alto para baixo, mostramos, nessa coluna: de início, o menino Angelo, beneficiado pela póstuma bondade de Don Carlo Gnocchi; o próprio sacerdote, cujos olhos, mesmo depois de atingidos pela morte, não cessaram de brilhar; enfim, o professor Galeazzi, famoso em toda a Península, ladeado dos dois assistentes que tomaram parte na delicada operação. Angelo Colagrande vai passando bem.



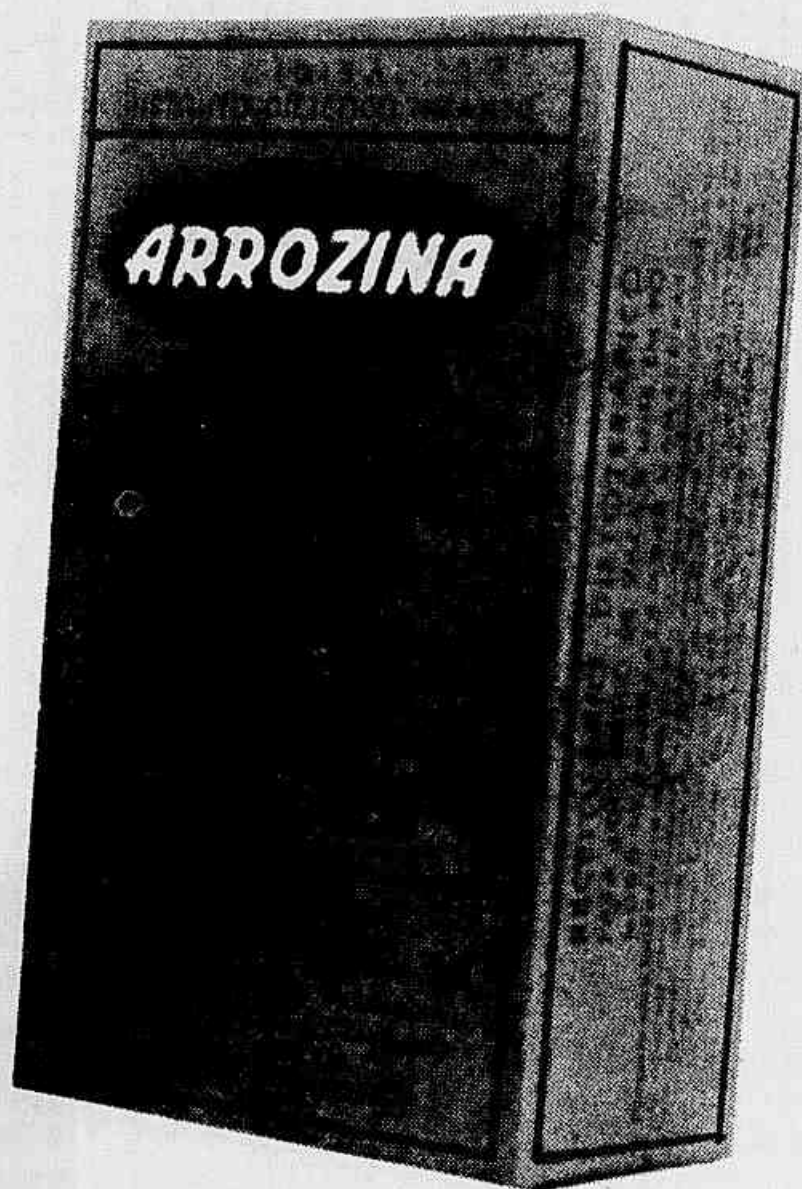
É hora do "RANCHO"



**seu filho
cresce com**

O alimento
que levanta
o peso
do bebê

A venda em
armazéns,
mercearias
e
farmácias



*Experimente Arrozina em
mingaus, cremes, recheios e bolos*

UM PRODUTO



**Instituto Dietético
Infantil S.L.**

CAIXA POSTAL 4334 — SÃO PAULO

Representantes em Todo o País

Se você é

FUNCIONÁRIO MUNICIPAL

procure conhecer, no Montepio, as vantagens do
pecúlio facultativo

**UM SEGURO DE VIDA EM CONDIÇÕES
VERDADEIRAMENTE EXCEPCIONAIS**

oferecido, como um privilégio, somente aos servidores
da Prefeitura

**COM UMA CONTRIBUIÇÃO
MENSAL MUITO PEQUENA**

você poderá legar pecúlio apreciável, destinando-o a
quem bem desejar, parente ou estranho, menor ou
maior, homem ou mulher

**Montepio dos
Empregados Municipais**

Av. Presidente Vargas, 1.248

Tel.: 43-1321

ITINERÁRIO DO BRASIL

A VINDA DE D. JOÃO

EDUARDO TOURINHO

A PRESSÃO dos exércitos napoleônicos que invadiram Portugal, a 29 de novembro de 1807 — acompanhado da família imperial e de grandes da Corte — o príncipe e regente D. João deixou Lisboa com destino ao Brasil.

A travessia foi feita em quatorze navios comandados pelo vice-almirante Manoel da Cunha Soto-Maior, que as belonaves inglesas «London», «Malborough», «Monarch» e «Bedford» comboiaram no rumo do Rio de Janeiro.

Na «Príncipe Real» — a nau lusá de maior tonelagem — viajaram a louca rainha D. Maria I e o príncipe regente D. João. Mas dura tempestade dispersou a frota e, assim, a 22 de janeiro de 1808 a capitânea chegou a Cidade do Salvador. O governador conde da Ponte prestou reverência aos nobres viajantes.

E na Bahia — assistido pelo futuro visconde de Cayru — assinou D. João, **interina e provisoriamente**, o decreto que franqueou os portos brasileiros ao mundo. Foi a 28 de janeiro e a data, em verdade, assinala a **segunda descoberta do Brasil**. Do benefício aproveitou-se largamente a Inglaterra: o tratado comercial de 1810 assegurou-lhe tarifas ainda mais favoráveis do que as concedidas a Portugal.

Um mês depois — a 28 de fevereiro — velejou a «Príncipe Real» para o Rio de Janeiro e a 7 de março transpôs a Guanabara.

No dia seguinte — sob as salvas das fortalezas e dos navios, tropa formada, ginandolas rasgando os céus — desembarcou o regente sob o pátio do Senado da Câmara. O povo aglomrou-se nas ruas. Houve solene «Te Deum» na Catedral e houve beija-mão no Paço.

O Rio de Janeiro do começo do século passado contava sessenta mil habitantes, em que os negros somavam mais de metade. O comércio ia da Praia de Santa Luzia ao **costão** de Nossa Senhora da Saúde. Dividia-se a cidade em quatro freguezias: a da Sé, a da Candelária, a de S. José e a de Santa Rita. O convento de Santo Antônio abrigava sessenta religiosos e, trinta, os do Carmo e S. Bento. No da Ajuda, viviam quarenta freiras. Nos três seminários existentes havia cursos de **filosofia racional**, latim, grego, retórica e desenho. Em casa freguesia funcionava uma escola de **primeiras letras**. Os oficiais para a guarnição da capitania formavam-se numa Escola Militar de Artilharia.

O melhor centro de diversões dos habitantes da cidade era o Passeio Público e os mais belos monumentos existentes eram os templos e os chafarizes. As ruas estreitas, sem calçamento, cheiravam mal. As casas — na maioria com varandins — eram de paredes de rebôco.

Para abrigar a multidão vinda com a família reinante — quase quinze mil pessoas — coube ao conde das Galvêas, tornado aposentador-mor,

a odiosa missão de escorraçar de suas residências — em proveito dos recém-chegados — muitas famílias que aqui viviam.

Motivo de troça foram o linguajar e os costumes dos brasileiros. A indumentária e o regime patriarcal vigorantes eram motivos de troça. Qualquer rústica alentejana arvorava-se em censora.

Procurando apagar ressentimentos, D. João distribuía à gente do Brasil hábitos de Cristo e empregos na administração que se formava moldada nas instituições que vigoravam em Portugal.

Os governadores das capitanias e os membros das Câmaras apressavam-se a prestar vassalagem ao regente. De Pernambuco, o capitão-general Miranda Montenegro logo enviou a D. João vultosa soma de tributos arrecadados. Copiosas moedas de ouro foram fornecidas por Pedro Xavier de Ataíde, que governava Minas Gerais. Para beijar a mão do príncipe, de São Paulo correu o bispo D. Mateus de Abreu.

Na balbúrdia de um governo em formação, repartições e serviços nasciam de uma pirâmide de papéis. Cargos e funções eram distribuídos.

A 10 de maio de 1808, o brasileiro Paulo Fernandes Viana — que era desembargador do Paço — foi nomeado Intendente Geral de Polícia. A 13, a Imprensa Régia foi criada e instalada em frente ao Passeio Público. Nela foi im-

presso o primeiro periódico que o Brasil teve: a GAZETA DO RIO DE JANEIRO, que frei Tibúrcio da Rocha e oficiais da Secretaria dos Negócios Exteriores redigiram.

Ministro do Reino — Fazenda e Interior — tornou-se D. Fernando José de Portugal, depois marquês de Aguiar, que a Bahia governara e do Brasil fôra vice-rei. A Secretaria da Guerra e dos Estrangeiros coube a D. Rodrigo de Souza Coutinho, logo marquês de Linhares. Faleceu em 1812 e foi substituído pelo **afrancesado** Antônio de Araújo e Azevedo — conde da Barca — que adquiriu estâncias de gado no Rio Grande do Sul e manipulou vários negócios, influyendo no comércio de couros. Mas desaparece cinco anos depois e o cargo passa ao jurista Vilanova Portugal.

Para a Marinha foi o grosseiro visconde de Anadia. Num banquete em certa mansão desta cidade, como lhe dissessem que era de mandioca o bôlo que saboreava, expeliu — na presença dos demais convivas que se achavam à mesa — o bocado que tinha na boca... Mas pouco depois passava o cargo ao infante espanhol, D. Pedro Carlos que um trágico esgotamento de nervos consumia...

Mas, à vinda da família reinante, a rudimentar economia nacional transforma-se vertiginosamente. Criam-se indústrias, rasgam-se vias de comunicação, desenvolve-se o comércio.

A Colônia tornou-se Metrópole...

A permanência por treze anos — 1808-1821 — da corte portuguesa no Rio de Janeiro fez com que no Rio se centralizasse a vida do Brasil inteiro, tornando-o o ponto de convergência da América do Sul.

A cidade floresce e se desdobra em novas perspectivas. Do alagadiço do Mangue — que particulares secaram à sua custa para a formação da chamada **Cidade Nova** — nasceram populosos bairros de hoje.

Em áreas que eram ocupadas por vastas chácaras, ruas foram rapidamente abertas. E, nessas ruas, casarões avarandados de alpendre e saguão para a guarda de segues e cadeiras de arruar foram construídos. Tornaram-se mansões que tinham braços na portada e capela de família.

Modas e costumes transfiguraram-se à proporção que comerciantes franceses se estabeleciam na Rua do Ouvidor. Multiplicavam-se os saraus... A pacata vida da sociedade fluminense, tão despida de requintes, moldou-se gradualmente ao gosto europeu.

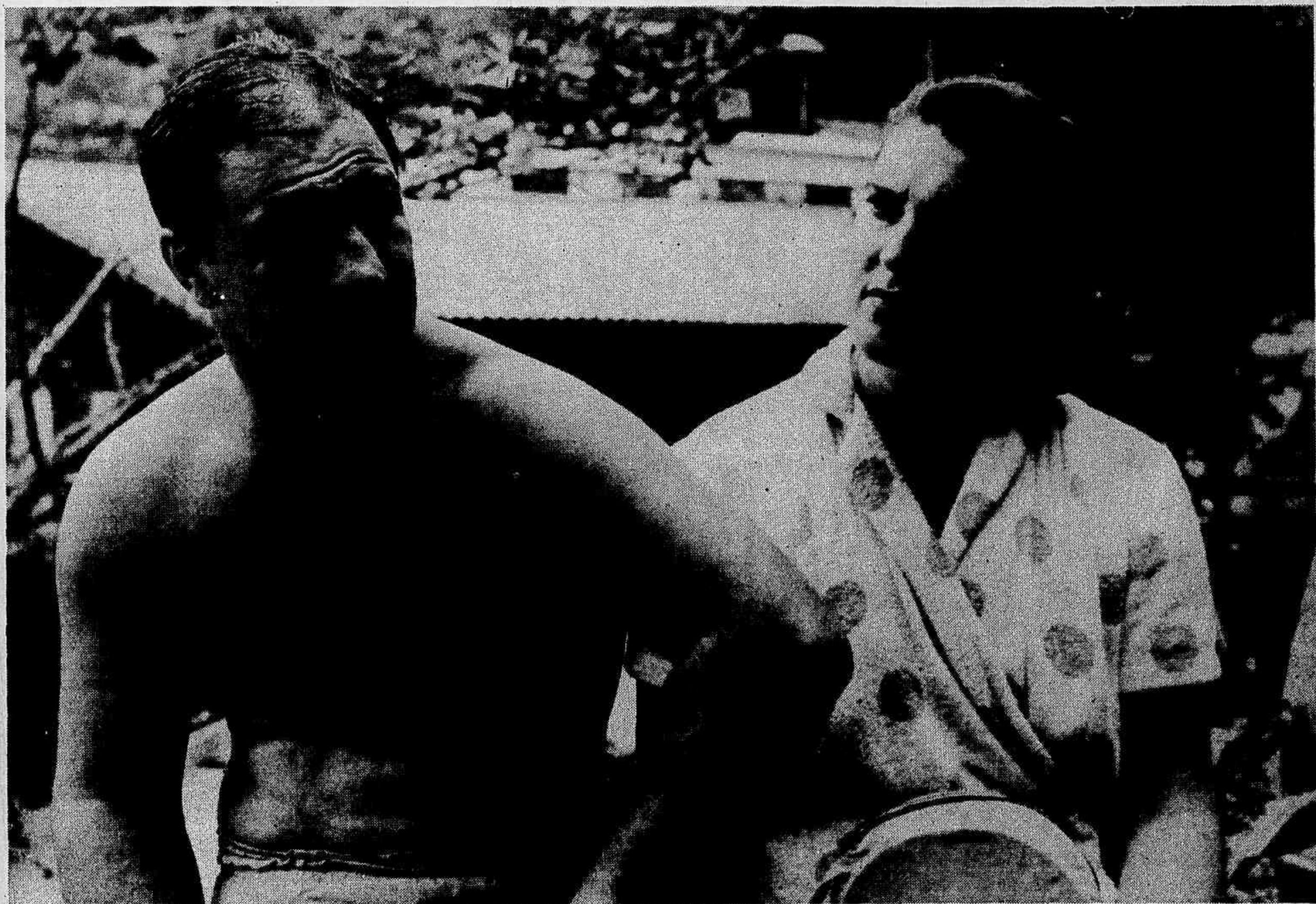
Da vinda do que se tornou D. João VI e à abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional, originou-se o **processus** econômico e político que — menos de três lustros depois — tornou o Brasil independente e lhe assegurou um lugar no concerto das nações.



DOM JOÃO VI — cuja vinda para o Brasil, em 1808, tantos benefícios traria ao país, a começar pela franquia dos portos brasileiros ao comércio mundial.



Lector assiduo de romances policiais, Rocky não possui, todavia, espírito belicoso. É afável no tratar, muito embora tenha recebido o repórter com certo mau humor... que logo desapareceu, felizmente...



Rocky e Bárbara divertiram-se a valer nesta excursão. Ei-los aqui à margem da piscina na residência do sr. Cícero Leuenroth em Petrópolis. «Fora do «ring» meu marido é uma criança grande».

COM A PALAVRA BARBARA MARCIANO:

— EM CASA OU NO “RING” MEU MARIDO É UM VERDADEIRO CAMPEÃO

«SEU ÚNICO DEFEITO É NÃO ME LEVAR AO CINEMA...» ★ ROCKY MARCIANO NÃO SABE, ATÉ HOJE, POR QUE RESOLVEU APRENDER O «BOX»... ★ QUANDO TAMANHO NÃO

É DOCUMENTO ★ ATÉ EISENHOWER SURPREENDEU-SE COM A SUA ESTATURA: «ENTÃO É VOCÊ, O NOVO CAMPEÃO DO MUNDO?» ★ A RECEPÇÃO DE BELÉM E PLANOS FUTUROS

Reportagem de W. GUARNIERI

AO nos detrontarmos, pela primeira vez, com Rocky Marciano — não entre as cordas de um «ring», evidentemente... mas, no saguão principal de um dos luxuosos hotéis de Copacabana, fomos fulminados por um autêntico «punch» do atual campeão mundial de pesos

pesados: de modo sêco e autoritário, o vencedor de Archie Moore nos afastou do caminho: — «Not now!» Agora, não! Acabei de almoçar e não desejo conversar com repórteres.

Rocky prosseguiu caminhando. Atravessou o pequeno jardim do pátio externo do hotel, fron-

teiro à praia. Trajava «camisa esporte e calça de linho branco e ia apertando os olhos para evitar os reverberos do sol na areia. Apanhou uma cadeira de ferro com uma das mãos, sacudiu-a no ar com vigor e, depois, sentou-se confortavelmente. Mirando-nos de sosloio, a nós,



Meu marido é um

deira massa humana que ali acorrera para me saudar... Foi, sem dúvida, um espetáculo que muito me comoveu, pois numa terra estranha, não podia sequer calcular que tantos, e em hora tão tardia, lóssem se lembrar de mim...

Conta-nos o sr. Marin que no aeroporto de Belém cerca de 2 mil pessoas acotovelavam-se para ver Marciano.

O campeão sorri, meneando a cabeça significativamente.

Outra emoção idêntica, já ele havia sentido também, quando por ocasião de um espetáculo pugilístico em benefício das famílias de lázaros, numa cidade no interior das ilhas Filipinas.

— Foi grande a minha emoção, quando tive de desnudar-me perante centenas de infelizes que ali estavam para apreciar minhas exhibições.

Enquanto palestrávamos, foram-se juntando curiosos à amurada do hotel, cumprimentando o campeão mundial. Rocky saúda-os indistintamente.

Relembra, ainda, alguns episódios dramáticos de sua carreira:

— Das emoções no decorrer das lutas que já participei, considero a mais violenta, a minha vitória sobre Joe Walcott, quando já estava perdendo por pontos... «Oh, boy!...» — suspira fundo.

Mas, há também aspectos pitorescos.

Um deles aconteceu por ocasião de sua primeira apresentação, juntamente com 32 outros atletas profissionais, ao Presidente dos Estados Unidos, cerimônia anual em que são cumprimentados pessoalmente pelo chefe da nação americana os atletas que mais se distinguiram no decorrer do ano.

Rocky Marciano sorri, ao relatar-nos o episódio.

Quando chegou a minha vez, fui surpreendido pelo comentário um tanto desconcertante e pela franqueza de «Ike»! — «Então é você o novo campeão mundial? Ora, pensei encontrar

Mãos pequenas e braço curto, a compleição física do campeão mundial Rocky Marciano, surpreendeu o próprio Presidente Eisenhower, que fez «blague» ao cumprimentá-lo pela primeira vez: «Então é «você» o novo campeão do mundo? Pensei em encontrar um «monstro» pela frente...»

que ali ainda estávamos mal refeitos da «amistosa» recepção — arremessou as pernas por sobre a mesa que lhe ficara em frente e respirou fundo, dando palmadinhas no abdômen.

Do bolso traseiro da calça tirou um pequeno livro, cujo título contemplou por instantes, enquanto brincava com o palito que lhe atravessava a boca.

«Gun Giri» — Pudemos ler na capa. Título de uma epopéia de «gangster» na «velha Chicago»...

Daquela situação embaraçosa em que ficáramos, tirou-nos um cavalheiro de gestos polidos, falando castelhano. Era o sr. Marin, secretário particular de Rocky Marciano. Professor de uma Universidade estadunidense, o sr. Marin ora acompanha o campeão nessa «tournée» pelo «soerguimento do box em todo o continente».

Inteirado de nossos objetivos, procura desfazer a má impressão, providenciando imediatamente as apresentações de praxe.

A nossa primeira pergunta, um largo sorriso de satisfação assomou aos lábios de Rocky

Marciano. Cuspiu fora o palito e falou com voz enrolada:

— Desculpe-me, se fui ríspido. É que vivo atordoado com tantas perguntas...

Explica-nos, então, o seu secretário, que ainda há poucos instantes certo colega nosso, naturalmente, na ânsia de colher algo de sensacional, havia se mostrado pouco perspicaz na formulação de suas perguntas, resvalando pelo terreno pouco desejável da ironia pessoal, e causando certo aborrecimento ao campeão. Daí a sua natural reserva.

Mas, já agora, Rocky Marciano se acha perfeitamente à vontade. Fecha o livro e se dispõe a nos atender:

— O primeiro fato que me causou impressão aqui no Brasil, aconteceu às 4 horas da madrugada no aeroporto da primeira cidade brasileira onde desceu meu avião.

Vira-se para o seu secretário e pede confirmação:

— «Belém», não é? «Pois bem; àquela hora, fiquei deveras surpreso ao observar a verda-



Barbara e Rocky rivalizam em altura e peso... «Meu marido gosta muito de televisão e quase nunca me leva ao cinema... — protesta.

verdadeiro campeão

um **monstro** na minha frente... e agora vejo que até eu sou mais alto que você...

Relatando ainda várias outras passagens, confessa Rocky Marciano não saber bem como chegou a aprender o box...

— Eu fui arrastado... Todo mundo dizia que «ali estava o novo campeão»... Até eu acreditei na história...

Rimos todos, com a simplicidade do campeão.

Isso aconteceu quando ele servia ao Exército. Como a prática do box era um desporto obrigatório para os soldados, nada mais natural que ele também se dispusesse a calçar as luvas.

— Cada adversário que me punham à frente, eu procurava derrubá-lo antes que ele fizesse o mesmo comigo...

O sr. Marin aproveita para explicar que a coisa aconteceu assim mesmo:

— Até que certo dia, surgiu um campeão de verdade a quem Rocky Marciano não teve nenhuma dificuldade em pôr a K.O. — «Estava ele com o pé no primeiro degrau...» — acrescentou.

Ao nosso grupo, agora, junta-se o empresário, sr. Katsnelson, que nos diz ser intento seu levar o campeão à Argentina, Uruguai, Chile, Peru e ainda a vários outros países da América Central.

A entrevista parece que vai encerrar-se em breve, pois acaba de chegar, também, madame Marciano.

Muito alta (de uma altura que rivaliza com a do campeão), esbelta e jovem ainda, Bárbara Marciano tem um gênio muito expansivo. Cumprimenta com afabilidade e avisa ao marido que terão ambos um compromisso para daqui há pouco.

Antes do campeão nos deixar, quisemos saber de sua opinião sobre as novas atividades de Joe Louis, cujos telegramas afirmam que ele irá participar de espetáculos de «luta livre», em Londres.



Provando o «churrasco» que Cícero Leuenroth mandou preparar em seu sítio de Petrópolis, Rocky Marciano esqueceu o regime. «Good, good».

Pensativo ficou Rocky quando o repórter lhe perguntou sua impressão sobre as novas atividades de Joe Louis, que vai se dedicar a «luta livre» — «I d'ont know what to say...» Não sei mesmo o que dizer. Para mim, Louis foi o maior boxeador que jamais assisti em toda a minha vida.

Rocky Marciano ergue as sobrancelhas, denotando surpresa.

Retira do bolso da camisa, um recorte de jornal, onde se reproduz a foto do ex-campeão negro e exhibe-nos:

— Recortei isto hoje de manhã. Francamente, I d'ont know what to say... Não sei o que dizer. Para mim, Joe Louis foi o maior de todos os pugilistas que jamais conheci.

Enquanto Rocky se prepara para ingressar no hotel, iniciamos ligeira palestra com Bárbara. Relembrando fatos de suas vidas, conta-nos com um largo sorriso:

— Da primeira vez que vi Rocky, estava ele com um martelo na mão tentando pregar alguma coisa em outra coisa, na companhia de petróleo onde trabalhava... De tanto olhar para o meu lado, acabou dando uma martelada no dedo...

Bárbara ri com grande alegria. Marciano apenas meneia a cabeça e vai andando.

Confessa-se Bárbara uma fã incondicional de seu esposo:

— Assistio a todas as suas lutas. Torço a valer e não deixo nunca de rezar por ele.

«Fora do «ring» Rocky é uma verdadeira criança. Gosta de cinema, de ler romances policiais e, principalmente, de televisão... Até Anita (filha única, 3 anos) reclama do pai quando ele se põe a assistir g seus programas favoritos... «Mas, ele não me leva ao cinema...»

Bárbara Marciano ainda não sabe dos projetos futuros do casal. Até setembro — quando Rocky irá pôr seu título novamente em jogo — eles não têm projetos definitivos.

— Depois, então... tudo irá depender, ainda... — Afirma com um sorriso discreto.

Diz-nos que estão fazendo uma maravilhosa excursão, e que, de certo modo, lhe agrada bastante, pois sem o severo regime dos treinos, Rocky permanece mais tempo a seu lado.

Cumprimentando-nos, diz com riso jovial:

— Sou muito feliz. Em casa ou no «ring» meu marido é um verdadeiro campeão...

Horas de desespero

CINE-ROMANCE

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

♦ A família Hilliard é conservada como refém por um grupo de três foragidos de uma penitenciária, até que o chefe deles, Glenn, possa manter contacto com a namorada, que lhes trará certa importância em dinheiro, suficiente para que abandonem o local. Depois de abandonar a casa dos Hilliard, ainda tenciona Glenn ajustar contas com o comissário Jesse Bard, que o enviara para a prisão, alguns anos antes. Alertada da fuga dos meliantes, já o F.B.I. e a Polícia Estadual se encontram em sua perseguição. A principal pista que possuem é a loura e bela namorada de Glenn.



GLENN e DAN olham-se ameaçadoramente. O conflito entre ambos se declara, de modo insofismável.

GLENN GRIFFIN havia ordenado, bem cedo, àquele dia, à Eleanor, que preparasse um bom almoço para eles. Dan, sabedor do caso, indignado, procurou o bandido, e lhe disse:

— Faça você mesmo o que quer! Minha mulher não é sua criada.

— Fois eu sempre desejei uma criada, retrucou Glenn. Depois, mudando rapidamente de expressão, falou em tom raivoso:

— Olhe, Dan. Espero que não queiras meter-te em encrencas. Logo, deixa-te de queixas. Desejo uma refeição, e está acabado. Eleanor há de prepará-la.

Rapidamente Eleanor olhou para Dan. Seus olhos imploravam ao marido que buscasse entender a situação. Nada adiantaria a ele tentar insistir. Que poderiam fazer, desarmados, contra os celerados? Aguardassem com paciência o término do pesadelo.

Eleanor foi para a cozinha. E estava Dan sozinho com Glenn, que lhe atirava de quando em quando olhares furibundos, quando se escutou um ruído de passos. Era Ralphie que descia as escadas, levando nas mãos seus aviõesinhos de brinquedo. Cindy o seguia, tentando detê-lo. No momento em que Kobish, atraído pelo barulho, saiu da cozinha, o garoto, olhando-o ameaçadoramente, perguntou:

— Onde é que anda meu outro DC-7?

— Eu lhe darei outro, Ralphie.

— Era a voz de Dan. Mas o garoto voltando-se para o pai, perguntou-lhe surpreso:

— O senhor vai deixar que ele roube o meu avião?

Ao mesmo tempo, o brutamonte Kobish avançava para Ralphie e tentava tirar-lhe das mãos também o outro modelo. Quando Ralphie se recusou a entregá-lo, o grandalhão, avançando para ele, ergueu-o do solo, num safanão, imprensando-o contra a parede, como se quisesse sufocá-lo.

Glenn tentou deter Kobish, que não o escutou, apenas dizendo, como louco:

— Dê-me isso! Dê-me isso!

E quando Kobish estava prestes a tirar das mãos da criança o avião, Ralphie o esmigalhou contra uma mesa, preferindo perdê-lo a ter de cedê-lo ao bandido.

Com um rugido de cólera, Kobish, olhando ameaçadoramente para Ralphie, levantou-o do solo novamente, acima de sua cabeça, e estava prestes a atirá-lo ao chão, quando Dan, atravessando impetuosamente a sala, em passos rápidos, lançou-se com fúria sobre o bandido, seguido por Glenn. Com força que até então não possuía, Dan puxou o braço do bandido, que, surpreso com o gesto, depôs a criança no chão, a fim de defender-se da nova agressão. E no momento em que Dan ia atingir Kobish com um murro tremendo, Glenn, que estava por detrás de Dan, erguendo o seu revólver, desferiu-lhe com a coronha forte golpe no ombro.

Uma parte do corpo de Dan ficara paralisada com o golpe brutal. Mas quando Kobish, recobrando a ação, tentava agredir Dan, com todo o peso de sua mão imensa, Glenn ergueu o revólver contra o companheiro, gritando:

— Pare! Não quero que essas coisas aconteçam novamente.

Glenn forçou Kobish a retroceder, e ordenou à pálida Eleanor que voltasse para a cozinha. Antes, falou a Hal para que levasse Cindy e o garoto para o andar superior. De novo a sós com Dan, na sala de visitas, Glenn avisou-o de que não mais tentasse agredir a qualquer um dos três, sob pena de não se responsabilizar pelo que acontecesse. O dono da casa apenas olhou desafiadoramente para Glenn. Sentia-se que, entre ambos, o ódio nascera, imenso e claro.

★

Aquela noite, do carro do comissário, em que se encontravam Jesse Bard e Winston, o «sheriff» fez uso do ditafone do automóvel. Encontrou em contacto com Carson, a quem pediu informes e por sua vez ministrou instruções. Ainda nenhuma notícia importante podia ser dada de parte a parte. Porém, Jesse Bard exultou quando Carson lhe disse que tinha ouvido falar que Helen, pequena de Glenn, tinha sido avisada guiando seu carro entre Pittsburgh e Indianópolis, por volta da meia-noite. Jesse recomendou então que seguissem a garota polega-



"Sempre desejei ter uma criada", gritou Glenn para a atemorizada Eleanor, "ameaçando-a". "Vá preparar-me uma refeição".

da por polegada, pois aquela pista não poderia ser abandonada, sob pena de todo o negócio fracassar. Helen os levaria, a todos, diretamente a Griffin.

★

Aquela noite, após a refeição, Glenn espreguiçava-se, sentado a uma cadeira, na sala de estar. Tinha acabado de tomar um copo de refresco. Eleanor, que penetrara na sala para tirar os copos vazios, aproximou-se de Glenn. Esse, provocantemente, lançou a cinza de seu charuto no copo. Eleanor olhou para ele, com desprezo. Na sala de jantar Kobish tinha acabado de comer, e entregava-se à tarefa de lavar os pratos, com lábios grossos. Quando se levantou, a cadeira cedendo a seu peso estatelou-se no solo. Cindy olhou revoltada para ele. Na outra extremidade da mesa, Hal, para chamar a atenção da moça, perguntou-lhe amavelmente como se sentia. Mas só o silêncio obteve como resposta.

Lá em cima, no dormitório de Ralphie, Dan enfrentava outro problema. O garoto, decepcionado, não se cansava de indagar ao pai:

— O senhor podia ter batido nêlo, não podia?

— Nada, perdi a forma antiga, e não posso recuperá-la.

— O senhor podia, o senhor podia!

Ralph deitou-se, afinal, mas logo se levantou, e dirigiu-se para a janela. Olhou para Dan, e subitamente, seu rosto iluminou-se:

— Eu poderia escapolir pela janela. O teto da garagem não é muito alto. Eu já o pulei, em vezes anteriores.

Dan interrompeu-o, em tom de zanga:

— Quantas vezes já não lhe disse...

Ralphie porém não lhe deu ouvidos:

— Mas eu podia, papai.

Dan olhou carinhosamente para o filho. E explicou-lhe que ele já era um rapazinho, é fato; contudo, devia fazer somente aquilo que lhe fôsse ordenado. Apenas por enquanto. Depois, poderia fazer o que bem entendesse. É claro que o menino poderia fugir pela janela, e chamar os socorros da polícia. Mas, os bandidos, que ficavam aqui dentro de casa, poderiam vingar-se dos outros membros da família. Ti-

nam armas e eram poderosos. E tudo se passaria de maneira diferente da que é descrita nas histórias em quadrinhos, podia ter a certeza.

Ralphie olhou para o pai com o sobrecenho franzido, e perguntou:

— O senhor está com medo, não é verdade?

Dan respondeu num sussurro:

— Estou.

Ralphie encobriu o rosto nas mãos, com a desilusão na face. Dan prosseguiu:

— Sim, estou com medo. E não tenho vergonha de dizê-lo. Às vezes, é melhor ter medo.

Por momentos, Ralphie olhou para o pai, sem entender:

— Bom, eu não tenho medo. E Cindy também não.

Dan preferiu não insistir com a razão infantil de seu filho.

Foi quando o tilintar de um telefone veio alertar a todos os presentes. Dan e Ralphie correram para o vestibulo, Cindy e Eleanor apareceram à porta da cozinha. A um sinal de Glenn, Hal correu para a extensão, a fim de escutar também a conversa. Cindy e Glenn atenderam afinal, no aparelho de baixo. O bandido antes a preveniu contra as consequências funestas de possíveis truques.

Era Chuck Wilson, namorado de Cindy. A moça tentou despachá-lo, mas em vão. Se ela não aparecesse no lugar de encontro, ele apareceria em sua casa de qualquer maneira. Cindy olhou para o rosto terroso de Glenn, até que Hal veio em seu socorro, dizendo ao irmão que a moça não tinha absolutamente culpa do que acontecera. Glenn sorriu. Então, o que se poderia fazer? Cindy compareceria ao encontro...

E a expressão do bandido tornou-se de um momento para outro jovial. Reptava o irmão Hal. Gostaria ele de levar Cindy para dançar? Todas as pequenas diziam que não havia quem dançasse tão bem como Hal não era verdade? Pois então, Cindy haveria de gostar também. Hal protestou, mas Glenn convenceu com dois urros.

— Vamos logo! Você está precisando de dançar, vá a uma boite.

Impeliu Hal para o lado de Cindy, que por

sua vez se desviou. Glenn ria perdidamente, e então disse:

— Está bem. Então, aguardemos a chegada do namoradinho...

Glenn tirou sua atenção de Cindy, e começou a falar com Dan. Dizia-lhe que escutasse bem: O gás, lá fora, na garagem, está faltando e eu preciso de um novo tubo, para o aquecimento. Quero que você vá buscá-lo na loja mais próxima e volte rapidamente.

A essas palavras, Kobish saltou da cadeira em que estava sentado:

— Ei, Glenn, estás louco? Não vês que Dan se aproveitará do caso para ir chamar a polícia?

(Cont. no próximo número)

(THE DESPERATE HOURS)

CAPITULO III

Glenn Griffin	HUMPHREY BOGART
Hal Griffin	DEWEY MARTIN
Sam Kobish	ROBERT MIDDLETON
Dan Hilliard	FREDRIC MARCH
Eleanor	MARTHA SCOTT
Cindy	MARY MURPHY
Ralphie	RICHARD EYER
Chuck Wilson	GIG YOUNG
Jesse Bard	ARTHUR KENNEDY

«Screenplay» por JOSEPH HAYES — Novelização de GIULIO ANFUSO — Direção de WILLIAM WYLER — Produção da Paramount Pictures

CANDIDATOS

HÉLIO ABREU

◆ A luta surda que se trava nos bastidores da política metropolitana, em torno da Prefeitura da capital, já não mais pertence apenas aos políticos. Dela tem o povo tido conhecimento através de manobras de grupos interessados na sucessão do sr. Lino de Mattos. Os candidatos surgem e desaparecem com a rapidez de raios e, no momento, sobem ao número de seis. Já não mais se fala em Paulo Ribeiro da Luz, Barone Mercadante ou Gabriel Quadros. O próprio vice-governador, general Porfírio da Paz, está fora das cogitações em virtude de não dispor das boas graças do sr. Jânio Quadros e contar com sérias restrições do pequeno (mas coeso) bloco juscelinista do PSD paulista. O exílio a que foi levado o sr. Ademar de Barros, a fim de evitar prisão celular, fez com que o PSP adotasse uma atitude de expectativa, buscando saber quais as conseqüências que advirão do acontecimento. Também a situação do PTN é ainda uma incógnita. No passado pleito municipal o sr. Emilio Carlos, presidente desta agremiação, obteve pouco mais de oitenta mil sufrágios, votação por muitos considerada excepcional, observadas as condições de inferioridade com que o partido entrou na liça. Fortes correntes petenistas não abrem mão do nome do sr. Emilio Carlos que, outrossim, goza de largo prestígio nas camadas populares de Piratininga.

Não obstante a confusão reinante, nomes existem que vêm resistindo a toda a sorte de «queimação» possível, entre eles figurando o do deputado Dagoberto Salles, que também é engenheiro, condição em que planejou e construiu o sistema elétrico do rio Paranapanema. O nome do deputado Dagoberto Salles é tido como um dos mais bem cotados e mesmo o único capaz de conter a candidatura udenista do sr. Prestes Maia, também engenheiro. Os demais aspirantes ao posto máximo municipal são os srs. Menotti Del Picchia, Canuto Mendes de Almeida, Ivete Vargas e Cunha Bueno; os primeiros do PTB e este último pessedista dissidente, agora de volta ao partido.

De qualquer maneira os próximos dois meses revelarão os nomes que suportarão a triagem da intrincada política paulista.

◆ **CURSO** — O sr. Juvenal Chede, advogado e industrial paulista, foi indicado pela Federação das Indústrias para cursar a Escola Superior de Guerra. O sr. Chede é também diretor da FIESP.

◆ **VIAGEM** — Cerca de mil japoneses residentes no interior de São Paulo e Paraná encontram-se no Japão. Trata-se de uma viagem de recreio organizada por conhecida agência de turismo.

◆ **BRIGA** — O sr. Gualberto Moreira, prefeito de Sorocaba foi, conforme informaram os jornais, convidado a abandonar o gabinete do governador Jânio Quadros. O fato, lamentável sob todos os aspectos, deu margem a explorações diversas. Podemos informar em primeira mão que tudo não passou de um mal entendido, já perfeitamente esclarecido. O prefeito continua apoiando o governador e vice-versa...

◆ **MANOBRAS** — Adversários do major Newton Santos articulam seu afastamento da direção do PTB paulista. O sr. Canuto Mendes de Almeida seria o provável sucessor. Vale recordar ter sido o major Newton Santos um dos poucos petebistas que marcharam, em São Paulo, às claras, ao lado dos srs. Juscelino Kubitschek e João Goulart.

◆ **KRUPP** — Já se encontram em S. Paulo os diretores da poderosa organização Krupp, indústria de fama internacional que vai inverter cerca de 25 milhões de dólares em Piratininga.



JUVENAL CHEDE

◆ **SETE MARES** — A Real-Aerovias recebeu comunicação da DOUGLAS AIRCRAFT de que o primeiro DC-7 fabricado por aquela companhia fez, com sucesso, as primeiras provas de velocidade, aterrissagem e permanência no ar. O DC-7 «Seven Seas» (Sete mares) é o maior avião de passageiros do mundo, podendo transportar cerca de 80 pessoas em classe luxo e 110 na categoria turismo, isto numa velocidade de 500 quilômetros p/h. A Real encomendou quatro destes gigantes.

◆ **DESAGRAVO** — O sr. Oswaldo Penido, sub-chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, será homenageado com um banquete. Participarão do «ágape» as mais representativas classes de São Paulo. A homenagem terá lugar no salão de banquetes do Hotel Comodoro, tendo por motivo a atuação do sr. Oswaldo Penido em São Paulo durante a recente campanha eleitoral. Visam os homenageantes também desagravar o sr. Penido dos ataques que recebeu, recentemente, das oposições.

◆ **IMPERTINENCIA** — As associações de classe de São Paulo estão dispostas a lutar contra os excessos cometidos pelas autoridades aduaneiras que não distinguem os verdadeiros comerciantes dos contrabandistas. Para dar um exemplo, citam elas o caso de um comerciante holandês que teve o seu mostruário de mercadorias apreendido pela alfândega, no mesmo dia em que eram liberadas cerca de 1.500 caixas de uísque.

◆ **PAPAI** — O conhecido industrial sr. Isoldino Alves Ferreira não tem sido visto em seu luxuoso escritório. Motivo: soube-se pelo seu progenitor, sr. Aristides Ferreira, que seu filho é pai de um bonito (e robusto) menino.

◆ **TIME** — Conversando numa roda de amigos, disse o deputado Amaral Furlan: «Em São Paulo o time que apoiou o sr. Kubitschek pode ser assim constituído: Mário Eugênio, Narciso Pieroni e Emilio Carlos; Joaquim Figueiredo, Pujol e Arnaldo Florence; Giffoni, Hélio Abreu (obrigado) Ulisses Guimarães, Porfírio da Paz (expulso de campo), Dagoberto Salles e Antônio Braga. Como bandeirinhas funcionaram os srs. Juvenal Chede, Nagib Maluf. Segundo o mesmo Amaral Furlan deixaram de comparecer ao primeiro tempo do «match» os srs. Ferreira Keffer e Lucas Garcez. O primeiro por encontrar-se hospitalizado e o segundo por estar viajando.

◆ **RELÓGIOS** — O Brasil não mais importará despertadores. Já se encontra em pleno funcionamento, em São Paulo, uma moderníssima fábrica desses inimigos dos dorminhocos. Dorminhocos? Como vai, amigo Herbert Levy?

◆ **ANDANÇAS** — O Joel Silveira andou por São Paulo. Viu muito, ouviu bastante e bebeu (moderadamente) ainda mais. O intrépido repórter patricio assina diariamente (como cronista) uma seção no «Diário de Notícias» do Rio. Aliás, uma das mais belas crônicas que

conhecemos pertencem a Joel. Trata-se de «Ciganos», publicada na REVISTA DA SEMANA, há cerca de dois anos.

◆ **APELIDO** — Comentava-se no «Mappin» o novo apelido do deputado Luciano Nogueira Filho, «Lulu Camaleão». Dizem que foi o sr. Ademar de Barros o autor de tal apelido. Justificando-se teria dito o referido sr. Ademar ter o sr. Luciano pertencido a todos os governos paulistas, inclusive ao dele, Ademar.



PRESTES MAIA

◆ **ANIVERSARIO** — Guarulhos, novo e próspero município paulista, está apagando sua primeira velhinha natalícia. Distante a poucos quilômetros da capital, dono de um florescente parque industrial, Guarulhos olha confiante em direção ao futuro.

◆ **TOUREIRO** — De Ribeirão Preto informam ter o atual deputado federal Luís Carlos Pujol a fama de «valiente». Trata-se do seguinte: Quando da última campanha eleitoral, foi o referido Pujol a Ribeirão Preto à cata de votos. Nessa oportunidade o parlamentar compareceu a um circo de touradas, na condição de simples espectador. Acontece, porém, que em meio à função o dono do circo desafiou os espectadores, oferecendo um prêmio de cinco contos a quem conseguisse tourear um valente «Gir». Foi neste momento que os admiradores do sr. Pujol começaram a gritar «Entra, doutor Pujol! Quebra o pescoço do bicho, doutor!» Pujol, sem perder a calma (o que lhe valeu bons votos) pediu silêncio e disse que iria à arena conquanto fosse o dinheiro revertido em benefício da Santa Casa local. E foi mesmo. Durante vinte minutos «el maestro» Pujol fez o que quis com o touro.

◆ **REATOR ATÔMICO** — São Paulo terá, dentro em breve, o seu reator atômico. Nesse sentido o presidente da República recebeu, há dias, o prof. Alípio Corrêa Neto que, em companhia do sr. Ulisses Guimarães, solicitou (e foi atendido) urgência do governo para o importante assunto.

◆ **ECONOMIA** — O sr. Eugenio Gudin tem sido visto freqüentemente em São Paulo. Dizem que anda de namoros com o sr. Jânio Quadros. O sr. Gudin deu, recentemente, demonstração de bom prestígio quando integrou a comitiva do ministro Faure, na visita oficial deste ao governo paulista.

◆ **CONTENTAMENTO** — A nomeação do cel. Frederico Mindello para a presidência da COFAP agradou sobretudo aos paulistas. Trata-se de um militar dotado de grande descortínio e da melhor vontade de bem servir ao país. Tanto a Associação Comercial quanto a Federação das Indústrias telegrafaram ao novo comandante da «batalha dos preços».

◆ **IAPETC** — O sr. Carneiro Giffoni foi nomeado diretor do hospital do IAPETC em São Paulo. Trata-se de uma das maiores inteligências novas de Piratininga. A seu respeito, contam que dele será a próxima vaga da Academia Paulista de Letras.

◆ **POLÍCIA** — A crônica policial da cidade reclama, com insistência, contra a ausência de policiamento em São Paulo. É de dar pena... Efetivamente não se vê um só policial nas ruas depois das 20 horas. Há dias um homem foi espancado em pleno coração de São Paulo, na rua Timbiras esquina com av. São João. Embora pedisse socorro e o incidente fizesse aglomerar verdadeira multidão, não apareceu a polícia. O agressor usou um cassete. Com a palavra o Secretário de Segurança.

◆ **INDÚSTRIA** — O sr. Manoel Ambrósio Filho, diretor-presidente das fábricas «Leonam» (máquinas de costura) pretende estender sua indústria até a África do Sul, fazendo instalar uma ou mais fábricas na terra do «premier» Malan. Motivo: dificuldade de exportação.

◆ **ELEGANCIA** — O sr. Arnaldo D'Ávila Florence é tido (e com razão) como um dos homens mais elegantes de São Paulo. Moço, eficientíssimo, comanda um batalhão de indústrias, entre elas a INTERCAP e a COBEIC. Arnaldo Florence é também diretor do Banco do Comércio de São Paulo. Tem menos de cinquenta anos e a fama de nunca ter perdido dinheiro em negócios.



MARIO EUGENIO

O dromedário, com os respectivos balangandans, aguarda o visitante recém-saído das ruínas de Baalbeck. De porte airoso e focinho erguido, não dá muita confiança ao seu senhor. Mas o árabe de fisionomia fechada, pelas dúvidas, não larga a corrente...



Um repórter brasileiro no Oriente Médio:

DOIS OLHOS NÃO CHEGAM

PARA VER TODOS OS ASPECTOS DIFERENTES QUE
O LÍBANO E A SÍRIA PROPORCIONAM AO HOMEM

DO OCIDENTE. OUTRO MUNDO, RICO DE TRADI-
ÇÕES E UM POVO QUE TEM O BRASIL NO CORAÇÃO

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA

(Enviado especial da REVISTA DA SEMANA) — Fotos do autor

REVISTA DA SEMANA — 31

Um repórter brasileiro no Oriente Médio:



Belo motivo bíblico para uma legenda, ou para um conto oriental: a menina e a sua ovelha. O frio é intenso, a neve cobre os caminhos com o seu tapete muito alvo — e o pêlo do animal sempre agasalha alguma coisa...

Quando um repórter tira férias, é assim, utilizando o tempo em outra viagem que lhe permita um novo campo de observações pessoais. Isso de tirar os vinte dias úteis e ficar quietinho em um sítio, longe do borborinho, para refrescar a cabeça, deitando olhares melancólicos à paisagem inebriante e vendo o gado pastar, é privilégio de outra gente. Não do indivíduo afeito, por natureza e por dever de ofício, ao lufá-lufá desta vida extenuante que é a do jornal. Muitas vezes acontece que o repórter cujas férias foram aplicadas nessa viagem, dela volta ainda mais cansado. Fisicamente, pelo menos. A escassez de tempo, a escravidão aos horários, os itinerários que vão se ampliando mais e mais, à medida que a viagem passa, tudo isso põe o cidadão em férias, decididamente fora das férias e ainda mais dentro do trabalho, do que na sua rotina de redação.

Foi, pelo menos, o que aconteceu com este que agora lhes dirige a palavra, e o faz satisfeito com o resultado prático da sua viagem de férias. O título deste texto está errado. Ficaria melhor assim: «Férias no

Líbano». E foi lá, exatamente, que o repórter as passou em grande parte, mas umas férias diferentes, como tudo que a Natureza ia desdobrando aos seus olhos. Umas férias que mais pareciam um sonho das mil e uma noites. Quando, em certa altura, um colega de Beirute quis saber a minha impressão, em conjunto, da sua bonita cidade e do seu magnífico país, que eu havia percorrido em parte, só tive estas palavras:

— Dois olhos não chegam para ver todos os aspectos diferentes do seu país.

Não houve o propósito de costurar uma frase amável: pois tantas foram as coisas novas, surpreendentes, muitas vezes fabulosas, que iam passando a meu lado, ou pelas quais eu passava, que — posso jurar — por mais uma vez lamentei o campo de visão limitado, por mais amplo, que um par de olhos pode abarcar.

Imaginem um cidadão que pela primeira vez pisa terras do Oriente, e que se surpreende, e se deslumbra, para cada lado para onde se volte. Mesmo os aspectos ocidentais, requintadamente civilizados por sinal, que



Uma família árabe — o anfitrião à frente, envolto em sua manta de lã e de cabeça coberta — desceu da montanha para fazer suas compras na primeira aldeia. E agora o homem do dromedário, com a garôta da ovelha mansa, posam com o repórter. Até que o animal podia vencer a jornada com a menina sôbre o lombo... Mas onde as piastras para pagar a viagem?



e par-
obran-
mil e
saber
magní-
es do
as fo-
e iam
rar —
amplo,
ente, e
volte.
il, què

Um repórter brasileiro no Oriente Médio:



Não foi fácil bater a chapa das camponesas bonitas, entregues à sua faina de campo, às margens da estrada de Damasco, com a montanha de neve ao fundo. Instintivamente, elas nutrem ojeriza pela publicidade — e ocultam o rosto muçulmano, imprudentemente descoberto.



Beirute é uma capital moderna, com magníficos aspectos ocidentais, mas onde os flagrantes típicos não desapareceram ainda. Veja-se este detalhe do mercado, com o rosto velado da senhora muçulmana que foi fazer suas compras.

o Oriente-Médio vai mostrando, são inesperados. A mistura do que é milenário, com o que reflete um índice de franca atualidade, o panorama ora rico de nuances orientais, ora confortavelmente ocidental, tudo nos leva a um tal euforismo, a um transporte visual tão brusco e constantemente renovado, que, dir-se-ia assistíssemos a um espetáculo cinematográfico, tantas e tão surpreendentes as variações.

Mas não é apenas a Natureza o que deslumbra nas terras do Líbano. Também — e principalmente — o seu povo. Se o leitor tem viajado e conhece gente hospitaleira, onde o cidadão do Brasil seja recepcionado com fidalguia, mas se ainda não teve o ensejo de saltar em Beirute, pode ter a certeza de que suas conclusões não são definitivas.

★

Aqui vai um episódio avulso, para exemplificar: Desembarquei na capital libanesa, depois de trinta e seis horas de vôo, ao cair da tarde de um sábado. Não há dia mais impróprio para chegar a uma terra desconhecida, que o sábado. E então ao cair da tarde. O que vai ser do pobre recém-chegado, nesse primeiro domingo, sem tempo para os primeiros contactos sociais, com o movimento paralisado e — era o meu caso — sem manejar o idioma do país?

Para evitar um dia de tédio e pasmaceira, depois do café, saí com o propósito de entregar uma carta particular, de família amiga, libanesa, do Rio, aos seus parentes. O destinatário morava mais longe do que podia esperar, mas assim mesmo, pouco mais tarde, ia bater-lhe à porta. O que foi a hospitalidade dessa família, pode traduzir-se neste remate expressivo: Depois do ajantarado, cujo «menu» foi prontamente alterado para satisfazer ao conviva brasileiro, levaram-me a um confortável quarto de hóspedes (destinado ao filho dos anfitriões que vive na Amazônia) e fizeram-me a entrega de um pijama. O resto foi um prolongado e reparador sono que se estendeu até noite fechada.

São assim os libaneses: liberais, democratas e senhores da mais profunda consciência de hospitalidade.

★

O que foram essas férias no Líbano, será pormenorizado na reportagem completa e destinada à edição de aniversário da REVISTA DA SEMANA, ora em preparo.

Mas não era justo protelar este primeiro desabafo. Nem as ilustrações que o leitor está vendo nestas páginas. Creia, porém, que o melhor, virá depois.

OSCAR EM NOVA IORQUE

A esta altura a dona Edith Piaff deve estar mesmo contratadinha para o Copa. Oscar tem conversa boa e em bom inglês para conseguir sempre o que quer. A Piaff já ameaçou várias vezes e várias vezes deixou para depois vir ver o nosso querido brasileiro. Agora vai nos dar a honra. Também, pelos cronistas diários ficamos sabendo que o Copacabana pretende lançar um "show", que já está pronto nos Estados Unidos, no seu "golden-room". Um punhado de artistas estrangeiros pagos a bom dólar e na quinta categoria! Isso é um atestado de que o que há por aqui não vale como atração e que o Copacabana pode importar material de outras terras, pois está com a erva. Vamos ver se, pelo menos vale a coisa como atração, pois as últimas tentativas da casa pelo lado artístico foram uns verdadeiros fracassos. E quanto a Edith Piaff, serão outros 500 dólares.

A BRASILIANA

O magnífico conjunto folclórico terminará no "Night-And-Day" no próximo dia 14. Já no dia 15 estará em São Paulo no Teatro Municipal, onde ficará um mês. A estréia será em benefício da Creche São Judas Tadeu. A presidente do clube é a sra. Jânio Quadros e a secretária a sra. Lino de Matos. As senhoras dão-se muito bem, mas os maridos não se afinam. Depois de São Paulo a "Brasiliana" tem contratos para o Canadá, Estados Unidos, Austrália e Japão. Antes do embarque para o estrangeiro o conjunto dirigido por Askanazy dará um recital de despedida quando terá oportunidade de demonstrar ao nosso público os novos cenários e o novo guarda roupa que exibirá lá fora.

SILVEIRA EM S. PAULO

Silveira Sampaio passa um atestado, sem mistérios, afirmando que quando o que se faz em teatro é bom tem sempre muito público. De quando em vez a gente escuta e lê o lançamento publicitário de uma revista musicada tendo à frente um dos nossos cinco comicos e que uma vez em cena ganha enchente na estréia e depois vai minguando, minguando, até ao deserto completo. Lucro curto quando há, corre corre de novidade para

nova apresentação. Mas não fica. Silveira Sampaio vem ganhando há mais de um ano com o seu "No País dos Cadillacs" o que quer. Agora em São Paulo chegou a fazer uma bilheteria de 180 mil cruzeiros num dia! O segredo é simples: boa peça, bem escrita e com equilíbrio somado com bom gosto. Enquanto Colé, Ankito, Valter D'Ávila e outros não entenderem que o povo quer ver coisa boa e nunca mais o "estilo" da Praça Tiradentes, então eles vão botar a mão na gaita.



A GUARDA VELHA esteve atuando em São Paulo na "boite" "Lord", onde dizem, os preços estavam pela hora da morte.

"UÍSQUE" PARA VISITAÇÃO PÚBLICA

Fernando LÔBO

◆ Nunca poderá acontecer o dia em que os que vivem a noite terão direito a uma proteção melhor. O Rio de Janeiro é ainda a província grande, com ares de metrópole e atitudes de centro turístico, mas no fundo é um Taubaté mais claro e mais sonolento. Isso de dizer que esta cidade tem vida noturna é um mito há muito tempo desfeito. O que há é um resto de boemia que, por força de cartaz antigo, ainda se mantém caindo nas pernas, dentro das noites. A este grupo um outro — o chamado de gente "bem" — que imitando a vida em forma de Paris e Nova York ainda escapa depois de um jantar servido em casa, para um samba no escuro do "Sacha's" para que a noite não acabe em branco. E depois não há mais nada. Não há nada para ver nem para fazer dentro da noite. Agora então a coisa está mais clara. O cidadão Carlos Machado acaba de fechar o circuito noturno com o arrendamento do "Bequin". Está sozinho na praça raspando a freguesia que mora ali no "Night-And-Day", que se espalha no meio caminho do Russel, até o "Bequin", e finalmente vem entregá-la o último gelado na beira da praia do seu "Sacha's". E o preço do uísque? Isso também é do gosto do Machado. Nem ele tem culpa disto. Nem sabemos a quem culpar esta coisa de preços. Nunca mencionamos esta COFAP que só faz dizer sim e é francamente do aumento de tudo. Mas, com calma, poderemos analisar se é ou não um absurdo uma dose de uísque (geralmente duvidoso) pela noite por 120 cruzeiros. Todos já sabem e sabem bem calcular o lucro extraordinário que tem um dono de botequim trocando a sua garrafa pelos nossos cruzeiros. E qualquer coisa de absurda! Mas, quando o preço da banha é absurdo, recorremos ao tabelamento da COFAP. Quando a roupa de nosso alfaiate sobe demais não faremos a roupa ou entraremos num regime de prestações honestas. Quando o ladrão entra em nossa casa, chamamos a Rádio Patrulha. O caso do uísque é à parte. Não temos para quem apelar, pois nenhuma autoridade constituída está interessada no assunto. Ninguém do governo quer saber como entra o uísque no Brasil, se é de fato "escocês" ou paulista, se é comprado por um preço e vendido por outro. Ninguém tem nada a ver com isso, pois essa coisa de beber uísque é ainda uma espécie de pecado dentro de uma cidade que ainda dorme de camisola e touca e que tem como bem gosto aterrar a baía de Guanabara e enfeitá-la as paredes com os quadros de Osvaldo Teixeira. Se é mesmo uma Taubaté grande, que durma às nove, que viva borocochamente, mas não invente essa coisa de ter "boite" só pra ter, e ter dentro da escuridão da noite, sem controle, sem lei, sem nada e ao preço que os que vivem fora da lei estipulam no ritmo que bem entendem. Ou o Brasil acaba com a extorsão do preço do uísque ou o uísque falsificado acaba com esse resto de Brasil que vive de noite. Com um pouco de boa vontade para com o caso, já que ninguém de cima tem idéias próprias — basta dar uma olhada na lei americana sobre o assunto e poderão ver que a repressão é mais fácil que a da maconha — pelo menos mais limpa e mais fácil. A greve que está acontecendo é sobre este assunto sem solução. Os grevistas de frentes ficam as disposições das autoridades para esclarecimentos

I D E A L

Depois de pensar muito na tristeza das noites, destas noites mornas e sem nada para ver nem provar, depois de ter aderido todo a greve do uísque e ter ficado a favor de tomar uísque em casa, ou no "clube" que os grevistas vão fundar, o amigo comum, boêmio de todas as noites antigas, acabou dizendo que nem mais pode recitar aqueles versos de Luís Peixoto que acabavam, assim:

Tomar uma bebedeira
E provocar um conflito
Comer uns quatro na faca,
Levar um tiro no peito
Largo, forte, varonil;
E já quase agonizante
Ir para o 9º Distrito
Ser autuado em flagrante
E dar um viva ao Brasil!



SIWA já respirando ar puro e com o braço direito na tipóia para não assinar mais nada...

ROTEIRINHO

Carmem Déa dentro das noites do "Bacará" — Nanai deixa o "Jirau" e faz encher as noites vasias do "Cangaceiro" — Gigi comemorou mais um ano do seu "Bacará" com festa para os seus amigos e fregueses — Explosão da Rua Fernando Mendes abalou o sistema nervoso de MIMI do "Michel's" — São Paulo adere a greve do uísque — Piaff resolvido? — Há quem diga que o Copacabana pretende lançar um "show" no seu "golden-room" que já vem pronto dos Estados Unidos.

RÚSSIA SOVIÉTICA: INFERNO OU PARAÍSO? (VI)

O TRABALHO FEMININO

Por LAUREN SOTH

Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press

◆ BERLIM, ALEMANHA

EM cinco semanas de viagem através da União Soviética a delegação de fazendeiros norte-americanos não deixou nunca de se espantar com o alto número de mulheres que encontrava nas fábricas e oficinas, e o tipo de labor a que elas se entregavam. Vimos mulheres trabalhando em estradas e em ruas, em construção de edifícios, em toda a espécie de trabalho pesado, e, é claro, nas fazendas. Mulheres cavando, arando, levantando pesos tremendos do chão, carregando, sem parar carregando. Talvez nenhuma outra impressão visual tenha sido para nós assim impressionante, e tão demonstradora do primitivismo da sociedade russa.

Essa sociedade poderá vir a produzir bombas atômicas e caças MIG, bem como um equipamento militar de primeira qualidade. Mas é uma sociedade de capital limitado, sub-desenvolvida, pois apenas uma sociedade sub-desenvolvida poderia empregar tantas mulheres no trabalho pesado.



AS MULHERES competem as missões mais pesadas e árduas. Essas, por exemplo, entregam-se ao trabalho de reconstruir uma cidade bombardeada durante a última guerra.

MULHERES E HOMENS SE EQUIVALEM

Sempre disseram os comunistas que homens e mulheres se equivalem, no que diz respeito ao trabalho. São, sem dúvida alguma, completamente idênticos, no que se refere ao serviço mais duro.

As mulheres também são empregadas em serviços mais delicados mormente no campo da medicina. E, a julgar pelo que nos foi dado ver, nos vários setores da vida soviética, as mulheres desempenham noventa por cento dos serviços pessoais, tais como os de barbearia, etc.

Também ao exército prestam elas seus serviços, algumas vezes como oficiais. Em Tashkent, por exemplo, foi uma mulher oficial quem nos levou a ver certos campos agrícolas da região, e em duas ou três outras regiões, também mulheres eram os oficiais com quem nos deparamos.

O TIPO AGRESSIVO

O diretor da fazenda experimental de Krasnodor, dedicado à fruticultura e ao cultivo da vinha, é Alexandra Primak, um tipo desagradável e agressivo, presidente de um Círculo de Mulheres Sufragistas, vivesse ela na América... Porém, parece possuir alto tino político. Tentamos substituir a visita à sua fazenda por outras, às terras aradas por agricultores, pelo sistema coletivo. O guia russo que nos acompanhava achou ótima a idéia, porém, pouco depois, voltou atrás, afirmando-nos que era absolutamente indispensável visitarmos a fazenda dirigida por Alexandra.

Talvez não fôsse politicagem. Talvez os homens russos, como os demais em todas as latitudes, simplesmente não gostem de desagradar a uma mulher agressiva...

A única mulher que encontramos como diretora de uma fazenda coletiva vivia em Rubtsovsk, na Sibéria, e era responsável por vasta região onde se criavam carneiros. Era a dona do local, sem qualquer dúvida.

Disse-me que era membro do Partido Comunista desde 1928, ininterruptamente. Os políticos locais, reparei, tinham deferências especiais para com ela.

O marido fôra relegado a um plano secundário, tratando unicamente dos cavalos, nas estrebarias.

MUITAS MULHERES NAS FAZENDAS

É claro que nós, da delegação americana, sabíamos que na Rússia, as mulheres faziam certa quantidade de trabalho agrícola, tal como nos demais países do mundo, principalmente na Europa. Não estávamos porém preparados para encontrar mulheres em tão grande número como encontramos. Vários dos delegados chegaram a visitar de 30 a 35 fazendas coletivas, na excursão. Comparando minhas anotações com as por eles tomadas, reparei que havia, em tais fazendas, mais mulheres do que homens trabalhando. Havia mais «corpos aptos» entre elas, que entre os homens. Os russos chamam de «corpos aptos» os homens e mulheres entre 18 e 60 anos, aproximadamente. Atualmente, porém, há um grande número de trabalhadores que ultrapassam esses limites, especialmente nas fazendas de criação, onde homens idosos são largamente utilizados.

A não ser que as fazendas por nós visitadas constituam uma exceção, fugindo à regra comum, o fato é que há mais mulheres do que homens trabalhando nas granjas e oficinas soviéticas.

O TRATO DAS VACAS

Jovens são incumbidas de lidar diariamente, com certo número de vacas e de porcos. Cada moça recebe um lote de animais, pelos quais é obrigada a velar. O comum é darem de cinco a dez vacas para cada uma. As moças são pagas à base de seu trabalho diário, segundo o rendimento alcançado. O dia de trabalho é diferentemente avaliado em unidades, segundo a espécie de atividade. Em uma fazenda, as moças ordenhadoras alcançam 1,7 dia de trabalho por cem quilos de leite produzido. Em outra, as unidades se referem ao peso alcançado pelos suínos.

As jovens trabalham arduamente, e são delicadas para com os animais, aos quais tratam como se fôsem gente, quase...

Nos campos, pode-se ver mulheres de todas as idades dando-se ao trabalho de colher o feno. Aos homens, cabe dirigir os tratores, e lidar com tudo quanto seja maquinismo. Os operadores de máquinas, e os condutores de tratores são os operários mais bem pagos. Trabalhadores extra são por vezes contratados. Quase todos pertencem ao sexo masculino.

POUCOS JOVENS NAS FAZENDAS

Uma família típica terá o mais das vezes quatro «corpos aptos» ao serviço: pai, mãe e dois filhos, melhor: duas filhas. Isso, porque não é comum se encontrarem rapazes nas zonas agrícolas. Eles estão ou trabalhando na cidade, ou foram para o Exército Vermelho, quando não foram, simplesmente, vítimas da última guerra.

Também às vezes dispõe a família de uma velha avó, que cuida do preparo dos alimentos, e das crianças miúdas.

Com um relativamente baixo investimento em certos itens econômicos, por exemplo: na criação de gado, poderiam os russos dispensar facilmente o trabalho feminino. Isso permitiria às mulheres o melhor trato de seus afazeres domésticos, atualmente desprezados por elas. Porém, os padrões soviéticos ainda não se convenceram disto, e parecem interessados em outra espécie de atividades, para as mulheres.

DEPOIS DE UM DIA DE LUTA

Mesmo as mulheres que trabalham, e são quase todas da União Soviética, devem, quando chegam em casa, vindas da oficina ou da fazenda, preparar o jantar ou o almoço, limpar a casa, costurar roupas, e, enfim, fazer todas as pequeninas grandes coisas que as mulheres executam em todos os países do mundo. É verdade que o governo soviético tem funcionários encarregados de tomar conta das crianças, levando-as para escolas especializadas, onde os pequenos cedo aprendem a amar a Lenin e Stalin.

Aparentemente, os comunistas não consideram o cuidado de uma casa algo de produtivo. E isto é mais um sintoma da rudeza e do primitivismo do seu sistema econômico e social, e do desprezo dos chefes russos pelo povo, como formado por indivíduos humanos.

O povo, nas fazendas e nas oficinas, divide-se apenas em «corpos aptos» e «não aptos». E nada serve mais para demonstrar, isso aos olhos dos norte-americanos, do que o grande número de mulheres que podem ser vistas trabalhando através a União Soviética.

O PROBLEMA DA HABITAÇÃO

As casas populares estão entre as coisas a que não se dá muita importância, na União Soviética. A indústria pesada, a fabricação de tanques de guerra, e os grandes edifícios públicos estão entre os produtos e serviços que levam grande prioridade, e consomem monstruosas verbas. O que sobra, é empregado em casas populares.

Nas fazendas visitadas pela delegação norte-americana, todos os prédios das instalações eram relativamente antiquados e pouco confortáveis. E é bom notar que os russos nos levaram a ver apenas aquilo que possuíam de melhor, ocultando-nos tudo o que a seus olhos parecesse menos bom.

CASAS QUENTES

É interessante notar, todavia, que mesmo em fazendas menos boas, as casas são agradavelmente quentes, adaptadas ao clima. Lembro-me por exemplo, da primeira fazenda coletiva por nós visitada, em Luch, próximo a Moscou.

Os fazendeiros de Luch auferiam lucros relativamente altos, de suas plantações. Disse-nos o diretor que o lucro médio, naquela granja, que se especializara em abastecer os mercados moscovitas, era de cerca de 20 mil rublos, cerca de 5 mil dólares, anualmente, lucro auferido apenas na venda de leite e de produtos derivados.

Uma família típica auferia cerca de 10 mil rublos de lucro, por ano, com criação de gado. O trabalhador citadino recebe mensalmente cerca de 230 dólares, donde se pode observar, facilmente, que os fazendeiros de Luch ganhavam extraordinariamente bem. Quase todos os prédios, na fazenda, tinham piso de concreto.

O povo, contudo, vivia em casebres, junto aos quais as cabanas de «Tobacco Road» seriam prodígios de conforto e luxo.

TELEVISÃO

Fomos conduzidos até à casa do diretor, talvez a melhor da cidade. Esta casa é feita com os mesmos materiais das demais, porém, é duas vezes maior. Possui três quartos de 2 por 3 metros, e dois outros menores. As paredes tinham a cobri-las papéis pintados. Um terço de um dos aposentos «grandes» era tomado com um típico fogão russo.

A vaca de propriedade da família possuía um aposento só para si, aposento que abre para o descampado, isolado do resto da casa.

Ultimamente, foi adquirido um aparelho de televisão, que, como o rádio, é muito popular através da União Soviética. É claro, por esse indício, que o dono da casa auferia bons salários, a despeito de, pelo que nos foi dado ver, não empregá-los muito constantemente em seu lar. As demais casas da fazenda ainda eram menores.

ELETRICIDADE

Pensamos que Luch talvez fôsse uma exceção, mas, através da União Soviética inteira, percebemos que o mesmo que ali sucede acontece, no que se refere às habitações, em todo o país. A despeito disso, no sul parece que os abrigos domésticos são melhores um pouco, isso devido à espécie de material nêles utilizados. As dimensões, contudo, variam pouquíssimo, em toda a Rússia, no que concerne aos aposentos. E mais:

raras são as casas que dispõem de água corrente, e, com exceção de luz elétrica, poucas possuem instalações modernas de conforto.

É verdade que muitos apartamentos estão sendo construídos, e que talvez as coisas estejam para melhorar muito em breve.

Em Moscou, por exemplo, disseram-nos que a cada dia que se passava cinquenta novas salas eram construídas, para moradia. Isso representa 18.300, para uma cidade de quase cinco milhões de habitantes. Também esses pequenos apartamentos (sala e banheiro), não resolvem, senão em parte, o problema da habitação.

AS COZINHAS

Visitamos, em Rubstevsk, algumas casas de trabalhadores. Possuem três quartos de 3,5 por 5 metros cada. Algumas possuem banheiro e a maior parte utiliza, em comum, banheiros sociais, que servem, por vezes, a cinco e mais famílias.

O exame do sistema de reconstrução das cidades devastadas pela guerra permite que se penetre um pouco no esquema russo de valores. Tome-se, por exemplo, Stalingrado, uma das que mais sofreram durante a segunda guerra mundial. Os russos reconstruíram quase toda a cidade, inclusive as habitações para operários. A maioria dessa cidade de 600 mil habitantes vive porém em casebres. Porque foi dada grande prioridade aos edifícios públicos.

NÃO ESSE SÉCULO...

Os dirigentes de Stalingrado disseram-nos que duzentos mil metros quadrados de terreno construível (sem contar corredores, cozinhas e banheiros) estavam sendo aproveitados cada ano. Cada família russa ocupa cerca de 40 metros quadrados.

Isso significa que, todos os anos, cinco mil famílias recebem novos lares, na Rússia. Por tais dados, Stalingrado, apenas, não resolverá seu problema de habitação nos próximos cem anos...

As condições de habitação são incomparavelmente inferiores às norte-americanas, em todo o país. Principalmente na Sibéria, onde as moradas ou são tugúrios infectos, ou tocas abafadas. Não existem condições sanitárias para os seres humanos, de modo geral, em toda a União Soviética. (Continua na página 58)

A seguir: A CIÊNCIA DO CONTRÔLE DO PENSAMENTO



MULHERES ENGRAXATES, mulheres jornaleiros, mulheres lixeiras, são comuns, na União Soviética. Nas fazendas e nas oficinas, o seu número é realmente espantoso.

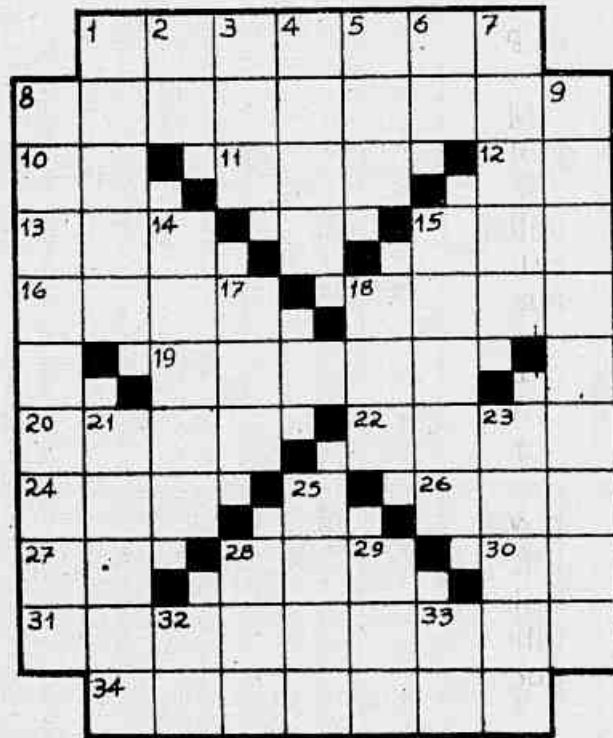
PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 115

PARA VETERANOS

HORIZONTALIS: 1. Pescada — 8. Disparate — 10. Sufixo designativo de profissão — 11. Medida grega de comprimento — 12. Corruptela do prefixo ex — 13. Espécie de molho japonês muito apimentado — 15. Filho de Hezron, ascendente de Davi — 16. Licor alcoólico feito do suco fermentado de certas palmeiras — 18. Entrecasca — 19. Desertos — 20. Uma das peças da asna — 22. Engenho para tirar água dos poços — 24. Compartimento de viveiro de peixe — 26. Majestade — 27. Segundo — 28. Planta cujo nome científico é *Morinda tinctoria* — 30. Árvore do Senegal — 31. Abertura estreita e profunda — 34. Oleoso.

VERTICAIS: 1. Embriaguez — 2. Mi-bemol na notação alemã — 3. Planta caparidácea que vegeta na região das catingas — 4. Caldo de arroz — 5. A tenda considerada como luar — 6. Cabilda de mouros — 7. Reprovam — 8. Tristeza causada pelas saudades da pátria — 9. Mendigo — 14. Ave aquática do Brasil — 15. Encher até à borda — 17. Espécie de enguia — 18. Gênio — 21. Indivíduo rústico — 23. Rixa — 25. Espécie de manto — 28. Pássaro laniádeo da África — 29. Embarcação da Mancha — 32. Ribeiro do distrito de Aveiro (Port.) — 33. Magnetismo pessoal.

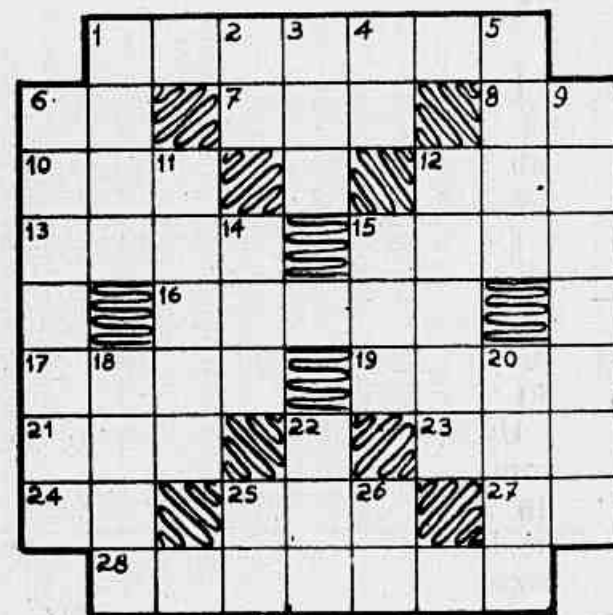


Stanek - Rio

PARA NOVATOS

HORIZONTALIS: 1. Fazer brindes — 6. Estuda — 7. Monarca — 8. Brisa — 10. Fileira — 12. Membro empenado das aves — 13. Grande tronco de madeira — 15. O mesmo que eirós — 16. Olhar com atenção — 17. Espaço de 24 horas (pl.) — 19. Triturou — 21. Feminino plural da terminação ão — 23. Título honorífico inglês — 24. Escarnece — 25. Raiva — 27. Símbolo químico do rádio — 28. Exercera atração.

VERTICAIS: 1. Bonito — 2. Seguir — 3. Também não — 4. Prefixo designativo de dois — 5. Pouco profundo — 6. Que late muito — 9. Põe em um mesmo plano — 11. Instrumento de ataque ou de defesa (pl.) — 12. Lodo, lama (pl.) — 14. Gemidos — 15. Seguiam — 18. Tratamento dado pelos escravos às moças — 20. Lajeado onde se secam e limpam cereais — 22. Pedra do altar — 25. Andar — 26. Nesse lugar.



Stanek - Rio

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 114

PARA VETERANOS

HORIZONTALIS: abáctor — Ar — tra — ma — aruca — pedalaram — lei — meú — neurópira — salta — to — shó — um — abariga.

VERTICAIS: Bi — curul — ol — calp — caím — traíras — acâmplo — adeus — areia — êle — aur — noto — olhar — arma — ob — Ag.

PARA NOVATOS

HORIZONTALIS: bananal — eis — rua — só — ado — AM — amiga — antecipar — abava — aa — ara — mó — rio — ais — aramara.

VERTICAIS: bio — as — abdicaram — ar — Lua — estalar — amargos — ameba — ogiva — ata — Apa — aia — mia — or — ar.

CONCURSOS ★ CARTAZES

A qualquer hora

do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias — 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros

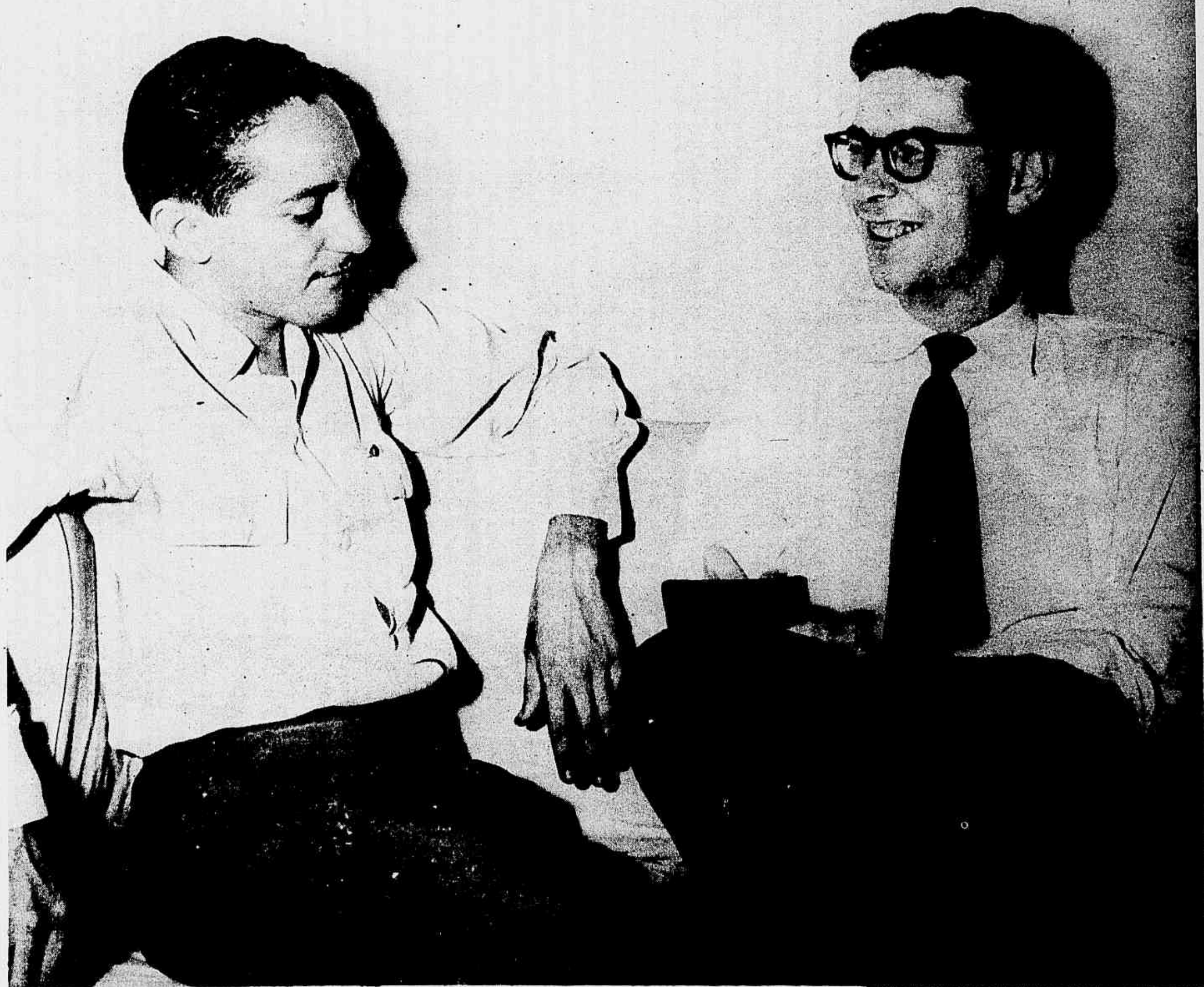
CONCURSOS ★ CARTAZES

JOSÉ ROBERTO (num momento de fraqueza) apresenta

FORTUNA

PING

PONG



O HUMORISTA ENTREVISTADO PELO REPÓRTER (O HUMORISTA É O QUE ESTÁ SÉRIO)

PING

PONG

PING

PONG

PING



♦ FORTUNA. Esse tipinho de bigode, cigarro quase sempre ao canto da boca, andar apressado, que todas as semanas traz suas duas páginas em cima da hora, é um lançamento cá da casa. Foi Celestino Silveira quem lhe deu uma oportunidade, à qual o moço maranhense se agarrou com unhas e dentes. Hoje, é aquilo que se vê: figura de destaque, no primeiro time de humoristas nacionais. Nascido no Maranhão, em 1931, cedo veio Fortuna para o Rio, tentar a dita. Começou como revisor em «A Noite», depois desenhou histórias em quadrinhos para várias revistas infantis. Na «Cigarra» publicou os primeiros «cartoons». Quando Joel Silveira estava na REVISTA, Fortuna nela ingressou, fazendo ilustrações de contos, desenhos de títulos, o diabo. Com a entrada de Celestino Silveira, o valor do moço maranhense foi melhor aproveitado, e desde então suas páginas não cessaram de aparecer. A última experiência jornalística de Fortuna foi o suplemento «A Fralda», do «Diário da Noite», o qual, como ele mesmo afirma, «já caiu da corda...»



ISTO É UMA COISA MUITO SÉRIA!

Mas trata-se também de um trabalho de Fortuna, que pintou as serpentes da loca para Alberto Ferreira fotografar, enquanto a moça cantava um bolero: «Pinto nascido em mi terra, pintame Angelita Martinez.»

PING — Quais os seus trabalhos que alcançaram maior sucesso público?

PONG — Veja só.

PONG



- Ping — Isso que você usa é nome ou já é piada?
- Pong — Piadíssima. Desde que me entendo, todas as pessoas que me são apresentadas sentem-se na obrigação de fazê-la. Mas já foi pior: houve um tempo em que me assinava Ricardo Forte e também não era.
- Ping — Pode fornecer alguns dados sobre sua pessoa?
- Pong — Vá anotando: Natural de São Luís, Est. do Maranhão, nascido a 21 de agosto de 1931, côr branca, nacionalidade brasileira, Reginaldo José Azevedo Fortuna Assine na Linha Pontilhada. Pelo menos é o que diz minha carteira do Instituto Felix Pacheco.
- Ping — Que influências sofreu, acaso, sua arte?
- Pong — Que arte?
- Ping — Em que pontos essenciais repousa sua «Filosofia do Riso»?
- Pong — Dizer a verdade, somente a verdade, nada mais que a verdade.
- Ping — Existe um tipo nacional de piada, isto é, pela simples visão ou leitura de uma piada é possível determinar-se a nacionalidade da mesma?
- Pong — As piadas sem palavras, principalmente, são facilísimas de identificar pelo so-taque.
- Ping — Há idiomas que se prestam mais que outros ao humorismo?
- Pong — Isso podia ser verdade no tempo em que trocadilho era humorismo. Ou vice-versa.
- Ping — Quer dizer que trocadilho não dá mais nada?
- Pong — Nem uns trocadilhos.
- Ping — Pelo que vem observando, que piadas obtêm atualmente maior sucesso público?
- Pong — As boas piadas.
- Ping — Já é possível viver-se, no Brasil, de fazer graça?
- Pong — Sim. Da maneira mais engraçada possível. Toda vez que um humorista fala em aumento, o patrão morre de rir.
- Ping — Que importância atribui ao desenho para o êxito ou o malogro de uma piada?
- Pong — O desenho, no caso, deve funcionar simplesmente como veículo da idéia. Às vezes pode acontecer que um desenho engraçado salve uma piada. Mas há piadas que nem desenhadas.

- Ping — Quais as diferenças essenciais entre humor de rádio e o acolhido em revistas e jornais?
- Pong — A diferença está em que, na imprensa, precisa-se levar sempre em consideração que o leitor não dispõe de botão para desligar.
- Ping — Qual seu método de trabalho?
- Pong — Cinco cigarros por hora.
- Ping — Você desenha com um pé nas costas?
- Pong — Nota-se?
- Ping — Você primeiro faz o desenho e depois a piada, ou primeiro «bola» a piada e depois faz o desenho, ou essa é uma pergunta irremediavelmente cretina?
- Pong — Vamos por partes. Primeiro: «bolo» a piada. Segundo: faço o desenho. Terceiro: essa é uma pergunta irremediavelmente cretina.
- Ping — Sua música favorita é «Humoresque»? Sua cantora predileta é Gracinha Gracinda? Se tivesse uma filha seu nome seria Risoleta?
- Pong — Espere aí: qual de nós dois é o humorista?
- Ping — O que acha das mulheres?
- Pong — POING
- Ping — Isto é uma entrevista Ping-Pong. O que quer dizer esse POING?
- Pong — Você não perguntou o que eu achava das mulheres?
- Ping — Então diga, pode haver graça, mesmo nas situações mais dramáticas da vida humana?
- Pong — Do mesmo modo como há sempre drama nas mais engraçadas.
- Ping — O que pensa do desenho animado?
- Pong — É a lógica do absurdo.
- Ping — Prefere Tom ou Jerry?
- Pong — Jerry.
- Ping — Isso é importante: por que?
- Pong — Em desenho como na vida, estou sempre do lado do rato.
- Ping — Por que é que todo humorista é triste? Mas todo humorista é triste?
- Pong — Claro. Por uma questão de amor próprio ferido. Os outros vivem rindo de tudo que ele diz.
- Ping — Qual a atitude do humorista diante da morte?
- Pong — Rigidez cadavérica.
- Ping — Carlitos terá sido o apogeu do humorismo universal — de uma espécie de humorismo, pelo menos?
- Pong — Absolutamente. Carlitos é poesia.
- Ping — Qual a importância do humorismo para a civilização contemporânea?

Pong — A mesma do espelho para a mulher. Inverte a imagem, mas mostra como vai indo.

Ping — O humorismo é antes de tudo um forte?

Pong — Isso é invenção de Euclides da Cunha.

Ping — Então, qual é o seu fraco?

Pong — O sexo idem.

Ping — E o seu forte?

Pong — Não tenho ponto forte. Sou todo calcanhar de Aquiles.

Ping — Tem algum plano para o futuro?

Pong — No momento, ainda não tenho nem a idéia para as páginas da semana que vem.

Ping — Mais alguma declaração sobre sua pessoa?

Pong — Sim: chega de falar de mim. Estou me sentindo muito Leon Eliachar.

A MULHER EM 4 TEMPOS POÉTICOS...



"O QUE EU ADORO EM TI,
NÃO É A TUA INTELIGÊNCIA."
MANUEL BANDEIRA



"AI! GUIA O PASSO AO VIAJAZ PERDIDO,
ESTRELA VÉSPER DO PASTOR ERRANTE!"
CASTRO ALVES



"E AGORA TE VEJO, E FRIA
TÃO OUTRA ESTÁ DA QUE EU VIA
NAQUELE SONHO ENCANTADO!"
MACHADO DE ASSIS



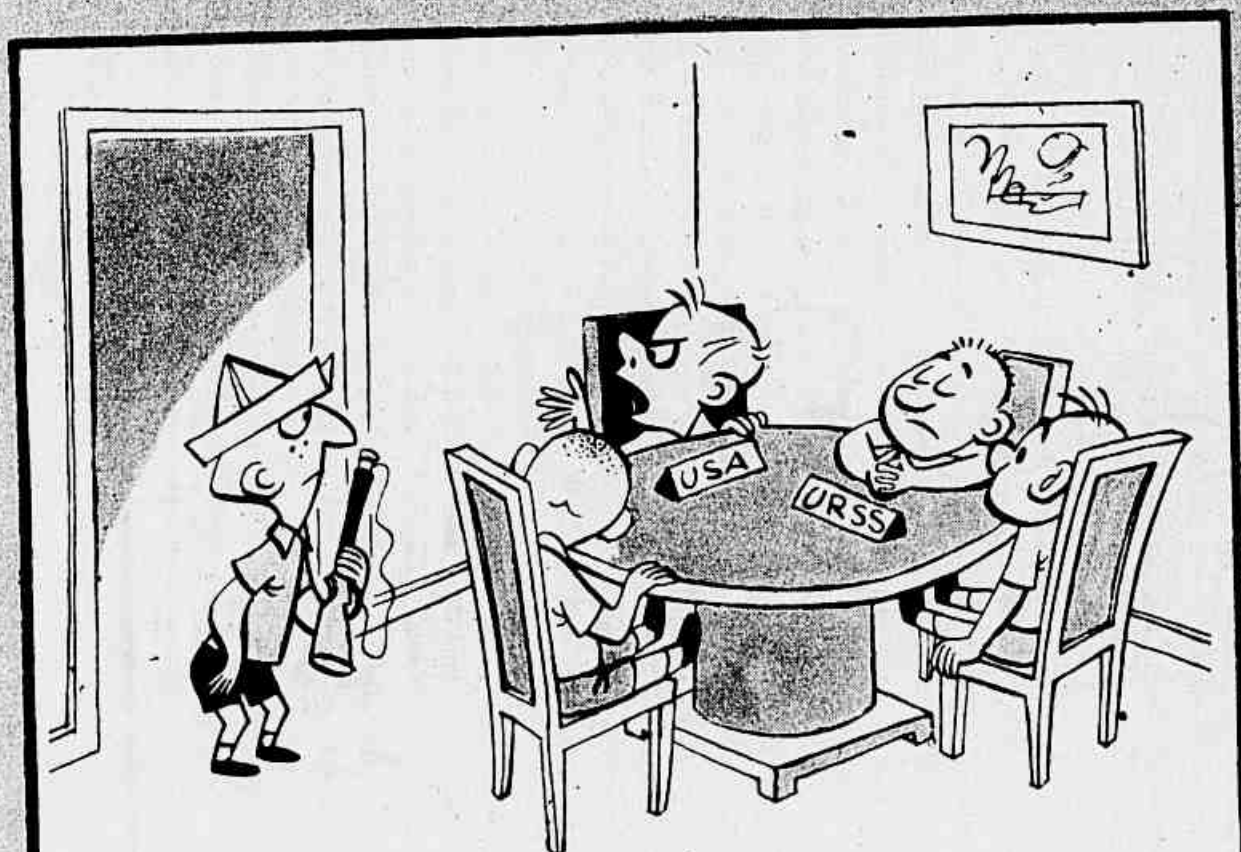
"POR ONDE ETERNAMENTE ENCLAUSURASTE
AQUELA IDEAL DELICADEZA DE HASTE,
DE ESBELTA E FINA ATENIENSE ANTIGA?"
CRUZ E SOUSA

«Jornal de Letras» — Maio, 1952



— Eis, Senhor, que finalmente trago a Vossa
presença aquele que tanto contribuiu para o
aumento do Vosso rebanho.

«Comício» — 17. Out. 1952



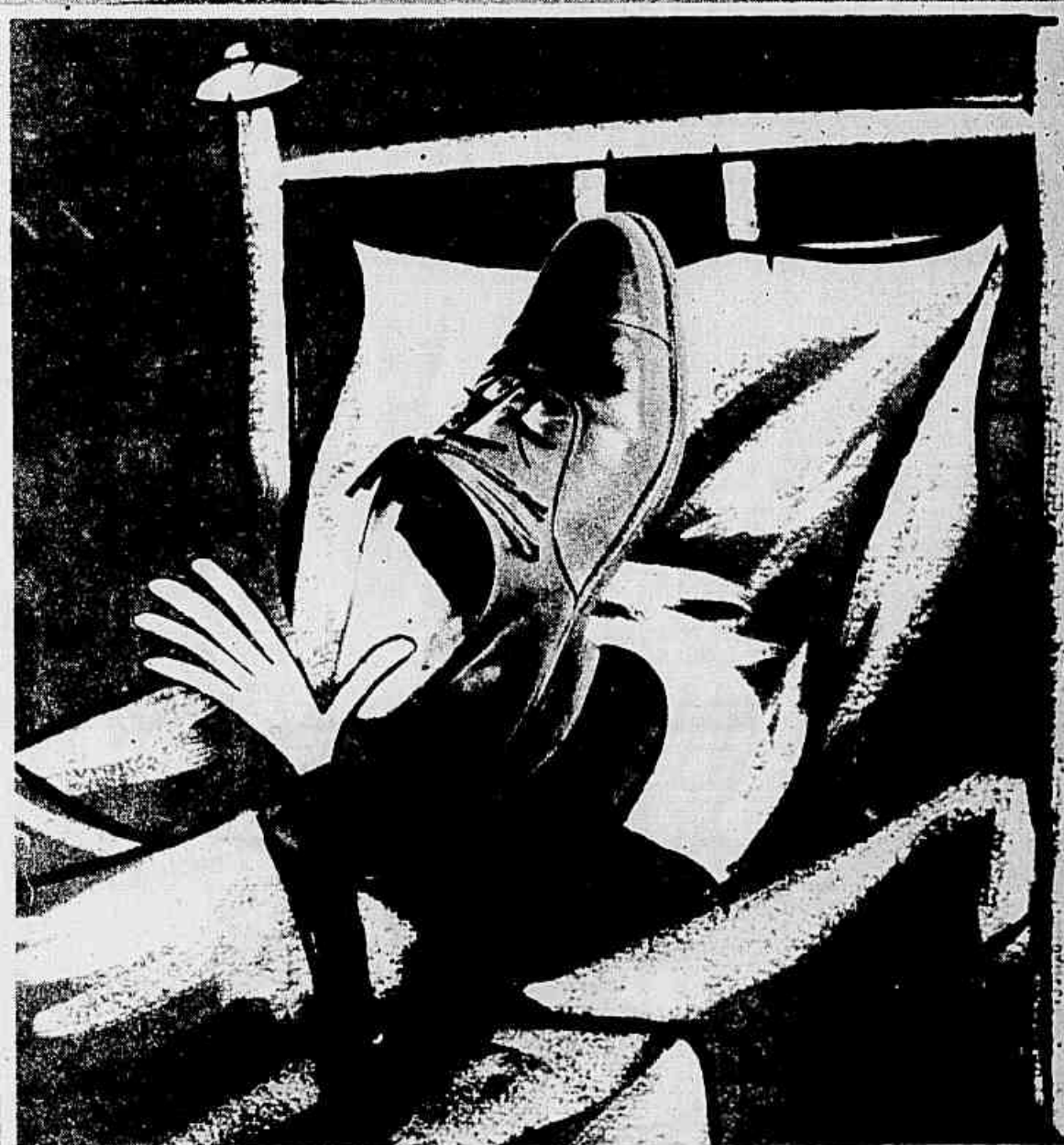
— Não, você não entendeu quando telefonei.
Era pra vir brincar de guerra.

Revista da Semana — 3. Dez. 1955



— OLHA ESSA LUZ!

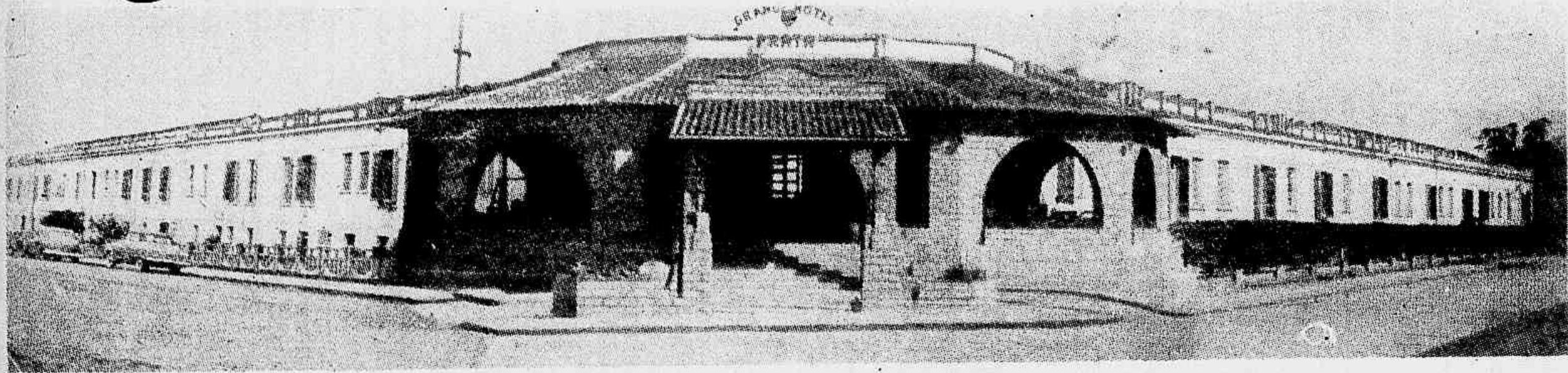
«A Cigarra» — Nov., 1954



— Aaaahhh!

«A Cigarra» — Junho, 1955

Grande Hotel Prata



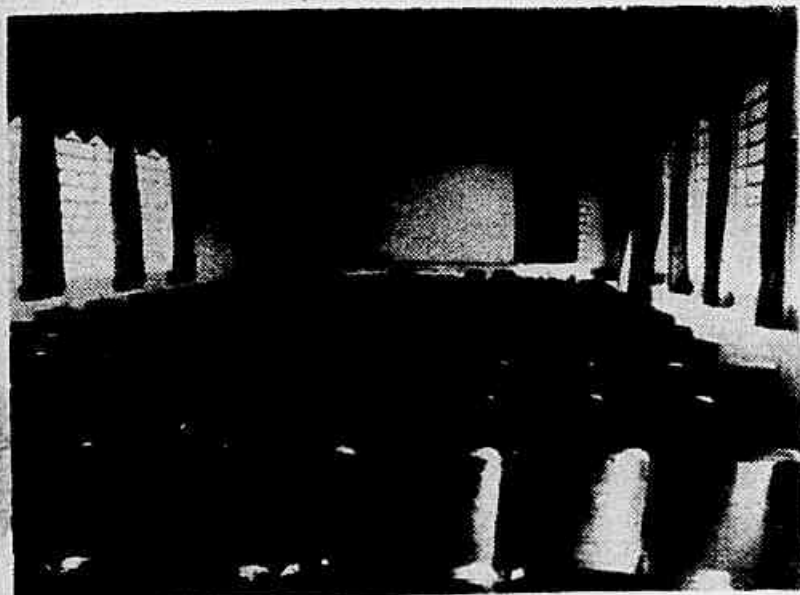
Vista geral do Grande Hotel Prata.



A grande e alegre sala de jantar, belamente arranjada e iluminada.



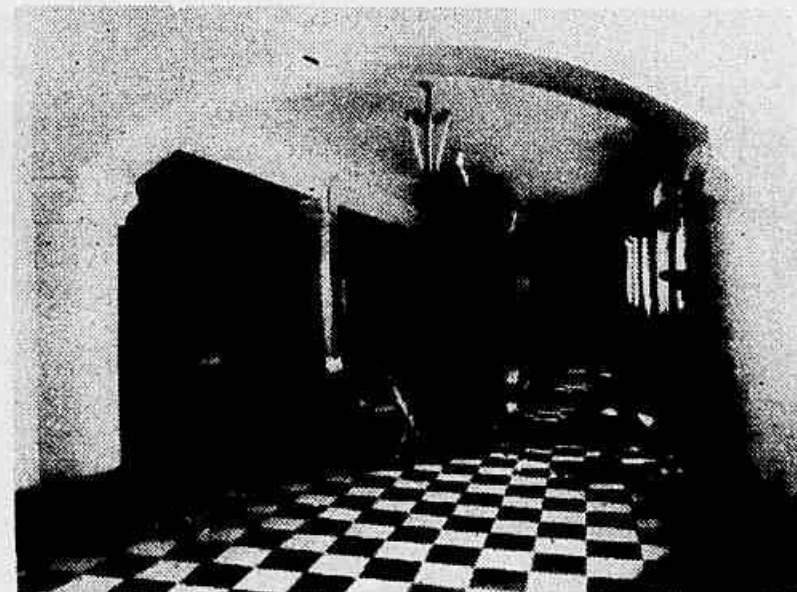
O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.



O moderno cinema, com bela projeção e confortáveis cadeiras estofadas.



Magnífica vista do salão de repouso, aparelhado com cadeiras para descanso.



Aspecto do agradável recinto próprio para jogos e outros divertimentos.

Águas da Prata

A «Vichy brasileira»

Soberana nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DA PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Chapadão", "Fonte Vilela", "Fonte Paiol", etc.

**GOZE AS SUAS FÉRIAS E ADQUIRA SAÚDE
NESTA MARAVILHOSA ESTÂNCIA**

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece-lhe todos os requisitos modernos, com alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

Diária para solteiro desde Cr\$ 190,00
Diária para casal desde... Cr\$ 350,00

descontos especiais durante os meses de maio a dezembro.
Reservas de aposentos: «Emp. Exprinter» ou diretamente com o hotel,
telefones 20, 29 e 4 — Águas da Prata, Estado de São Paulo.

ÁGUAS DA PRATA é servida pelos excelentes ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair, Loid Nacional e Estrada de Ferro da Mogiana.

O fenômeno Minou Drouet

J. R. TEIXEIRA LEITE



◆ Acaba de aparecer, em Paris, pelo editor Julliard, o livro de poemas de Minou Drouet, «Arbre, mon Ami». Não é um livro de estréia, a rigor, pois no ano passado, o mesmo Julliard já fizera a distribuição, entre escritores e críticos literários, dos quinhentos exemplares de «Minou Drouet: Poèmes et Extraits de Lettres». Foi esse livrinho que causou a celebridade da menina de oito anos, de um dia para o outro apontada como poeta notável, pelas mais respeitadas figuras da atual literatura francesa. Houve também quem chamasse a poesia de Minou de mistificação grosseira de Claudia Drouet, sua mãe adotiva, que a guardava, como uma preciosidade, na pequena casa da aldeia de Le Pouliguen, onde viviam. Afinal, foi essa última hipótese que prevaleceu; algo modificada, embora: seria Claudia quem sugeriria a Minou os temas para suas «poesias»; e a menina, como um papagaio, apenas faria repetir o que a mãe adotiva lhe narrava.

Contra tal, reagiu Julliard, tomando providências verdadeiramente dramáticas: Minou ficou, por alguns dias, hospedada em sua casa, separada da mãe adotiva. E o editor a submetia a uma constante vigia, impedindo qualquer contacto entre ambas. Pois mesmo assim, Minou continuava escrevendo seus poemas.

A última prova foi também a mais dura: a sociedade de autores franceses examinaria Minou, num vestibular, puxadíssimo, e que certamente revelaria toda a verdade. Ante o velhor diretor da S.A.C.E.M., a atemorizada menina prestou seu exame, escolhendo, entre os temas apresentados («Só tenho Oito Anos», «Exame, meu inimigo» — alusão à «Arbre, mon Ami» —, «A página em branco que me espera», e «Céu de Paris»), justamente o mais difícil, talvez: «Céu de Paris». Em vinte e cinco minutos, a menina escreveu um belo poema sobre o motivo, obtendo classificação ótima.

Agora, aparece em Paris um artigo do escritor Pauwells, em que se narra a história de uma carta, escrita em 1948, por Claudia Drouet, ao citado homem de letras. Na carta, Claudia falava sobre o estranho mundo imaginário de uma criança cega, por ela criado para fugir à sua condição. É bom notar que Claudia, poetisa fracassada, na mocidade escrevera alguns versos em revistas e jornais franceses. Pauwells explica o caso como exemplo típico de «feitiçaria literária»: ter-se-ia dado, entre Claudia e Minou, um «transfert» mediúnico, nem mais, nem menos.

Estão nesse pé as coisas, para Minou Drouet: uns a julgam um fenômeno, outros, simples mistificação. Cocteau, interrogado a respeito, fulminou a menina com essa frase: «Todas as crianças de 8 anos possuem talento, COM EXCEÇÃO de Minou Drouet». E o jornalista Parinaud acaba de publicar, também por Julliard, terrível libelo contra a menina: «L'affaire Minou Drouet». A título de curiosidade, estampamos abaixo o poema «Ciel de Paris», com o qual passou Minou as barreiras da S. A.C.E.M.

Ciel de Paris / Poids / Secret / Chair / Qui par hoquet / Crache a nos faces / Par la gueule ouverte des rangées de maisons / Un jet de sang / Entre ses chicots lumineux / Ciel de Paris / Cocktail de nuit et de peur / Qu'on savoure à petits coups de langue / A petits coups de coeur / Du bout d'un chalumeau de néon / Ciel de Paris / Que les églises, ses découpages exigeant, / Grignotent à pointus coups de dents / Ciel de Paris / Tulle flamboyant / Q'une main lourde de fatigue / Faufile de vert et de blanc / Sur velours clouté de silence / Doigt qu'hier un ganin gourmand / Trempa dans un pot de groseille / Qui veut cacher entre deux toits / La preuve de sa goulutise / Immense fauve, ventre ballant / Couleur d'aurore, et de tempête / Je te sens si près, si pesant / Si offert tel un champ de guerre / Velu d'herbe couleur de sang / Que je sens / Je ne sais pourquoi / Tout mon corps repose sur tout / La route n'a plus de sens pour moi / J'ai l'impression c'est vraiment bête / Tant mon corps est soudé à toi / Ciel, que já marche sur la tête.

Lamentemos Minou Drouet.

POESIA

SONETO

Na praia lá da Boa Nova, um dia,
Edifiquei (foi esse o grande mal)
Alto castelo, o que é a fantasia,
Todo de lápis-lazuli e coral!

Naquelas redondezas, não havia
Quem se gabasse dum domínio igual:
Oh castelo tão alto! parecia
o território dum senhor feudal!

Um dia (não sei quando, nem sei donde)
Um vento seco de deserto e spleen
Deitou por terra, ao pó que tudo esconde,

O meu condado, o meu condado, sim!
Porque eu já fui um poderoso Conde,
Naquela idade em que se é conde assim...

ANTÔNIO NOBRE



Dom Aquino

De Régio Rangel chegamos dois volumes, «Rosas de Papel», editado em 1950, em Gotemburgo, e «Maré Cheia», aparecido no Rio, há alguns meses. O primeiro é uma série de reflexões, do tipo «Sisley é o Debussy da Pintura», «Mozart é o Watteau da Música», «Van Gogh é o Nietzsche da Pintura», etc. «Maré Cheia» é um livro de reminiscências bem escrito e agradável.

Faleceu Dom Aquino Correia, membro da Academia de Letras, e autor de vários volumes de versos e de inúmeros sermões. Com o passamento do ilustre prelado brasileiro, fica vaga a cadeira 34 da A.B.L.

De Herberto Sales, acaba de sair pelo Serviço de Informação Agrícola, «Garimpos da Bahia», interessante ensaio. O mesmo cenário em que se desenvolve o romance «Cascaíto», de tão grande êxito há alguns anos, é agora estudado pelo romancista baiano, em termos de sociólogo.

O deputado Ulisses Guimarães entregou a José Olímpio os originais de seu romance «Um Sertanejo e o Sertão». Amando Fontes, Benedito Valadares e Rui Santos ganham, assim, um novo colega. E o time dos romancistas-deputados cresce mais e mais.

NOTAS

Joel Silveira publicará, ainda esse ano, em edição da «Revista Branca», sua novela «Desaparecimento da Aurora». As ilustrações estão a cargo do infatigável Darrel, e a edição será de luxo, apenas para subscritores, o que é um mal. Ao mesmo tempo, o Serviço de Documentação do Ministério da Educação programa, ainda para esse ano, um livro de contos do conhecido jornalista.

O Prêmio «Letras Fluminenses» de 1955 foi concedido ao escritor Mário Donato, por sua novela «Parábola das Quatro Cruzes».

O poeta Antônio Olinto tem pronto o seu terceiro livro de poemas, «Nagasaki». Espera-se que tenha o mesmo êxito dos dois anteriores, «Presença» e «Resumo».

Acaba de ser criado o Teatro Nacional de Comédia, subordinado ao serviço Nacional de Teatro. A novel repartição se destina a selecionar e representar peças de autores nacionais, de alto valor teatral, e poderá vir a ser mais um instrumento na luta pela cultura nacional, ao lado dos pouquíssimos de que se dispõe hoje em dia.



Joel Silveira



Antônio Olinto

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

Academia de Acordeon MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA ALVARO ALVIM
Nº 24 - 3º ANDAR
TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio
Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

LANDOWSKI SE INSPIRA EM EINSTEIN

♦ O compositor Marcel Landowski, um dos melhores discípulos de Charles Munch, pensava inicialmente seguir a carreira de regente. Mas após ganhar o primeiro prêmio de composição no concurso do Conservatório de Paris, em 1941, resolveu mudar seus planos. Tomou Arthur Honegger como modelo e procurou seguir-lhe os passos. Em sua paixão de literatura, Ramakrishna, Aldous Huxley, Leconte de Nouy, Patrice de La Tour du Pin são os autores que mais o agradam. Era tudo que sabíamos a respeito desse compositor. Mas agora, notícias de Paris nos falam de uma ópera espetacular, revolucionária, cem por cento moderna, tanto sob o aspecto estritamente musical como do ponto de vista da realização cênica. Trata-se da ópera «O Louco» de Marcel Landowski, cuja figura central é um físico nuclear. Inspirado na personalidade científica e no profundo humanismo de Albert Einstein, o objetivo do compositor parece ter sido mais o de chamar a atenção do inatualizado mundo operístico para a contraditória realidade em que se acha mergulhado o poderoso, porém precário, homens desse nosso período pré-atômico.

A ação se passa numa estranha cidade da futura era atômica que se encontra sitiada por exércitos inimigos. Um célebre físico atômico — Peter Bel — possui o segredo de uma destruidora arma nuclear que bastaria ser empregada para que seus compatriotas, aniquilassem instantaneamente os inimigos e cantassem o hino da vitória — fato que representa os anseios gerais de toda a comunidade. Acontece, todavia, que o famoso sábio, deprimido por uma terrível luta íntima, hesita, mas hesita porque sabe que a revelação de tão terrível segredo, vai comprometer inapelavelmente o futuro de toda a espécie humana. Depois de prolongada reflexão, decide nada fazer em favor da sua cidade, que continua cercada e já prestes a receber o impacto final. A seguir, abandona voluntariamente o cargo que ocupava como cientista oficial e é condenado por seus compatriotas a sofrer as penalidades cabíveis aos traidores. Desse modo, o herói trai a sua pátria a fim de evitar a destruição da humanidade.

O enredo repousa em bases filosóficas e políticas. Agitando o problema da responsabilidade científica, aponha a única solução digna de um homem que, por circunstâncias independentes de sua vontade, transforma-se em árbitro dos destinos de uma coletividade inteira. De resto, não há dúvida de que a atualidade do tema escolhido é o que de mais interessante existe na obra de Landowski. Comentando o entreenho musical do referido melodrama — que será brevemente apresentado na Ópera de Nancy — os críticos parisienses consideram imprescindível a utilização de um sistema estereofônico. E dizem que, além dos indispensáveis efeitos ecoantes é preciso provocar a sensação de que existe uma fonte sonora em movimento contínuo. Na realidade, se assim acontecer, será essa a primeira vez na história da ópera moderna a se conseguir uma fusão dos processos clássicos com os milagrosos artifícios da técnica.

NOTICIÁRIO

Em prosseguimento da Temporada Nacional de Arte, realizou-se no dia 28 de março no Teatro Municipal, um concerto sinfônico com músicas de Cláudio Santoro, sob a batuta do próprio autor, e tendo como solista o pianista Heitor Alimonda. O programa executado constou do seguinte: «Brasiliense», em três movimentos (primeira audição brasileira); «Concerto nº 1 para piano e orquestra» (solista Heitor Alimonda); e «Sinfonia nº 5» (primeira audição mundial).

x x x

Com a presença de altas personalidades do mundo oficial e artístico, foi, solenemente assinado, no salão nobre do Ministério da Educação e Cultura, o contrato entre o referido Ministério e a Orquestra Sinfônica Brasileira, para a Temporada de Concertos deste ano. De acordo com os termos do contrato, a OSB realizará no corrente ano, 10 concertos para a juventude escolar, 10 para o povo em geral, 10 para a Rádio Ministério da Educação, e 20 para o quadro social, estando obrigada, além disso, a contratar regentes e solistas nacionais e estrangeiros de reconhecido valor artístico.

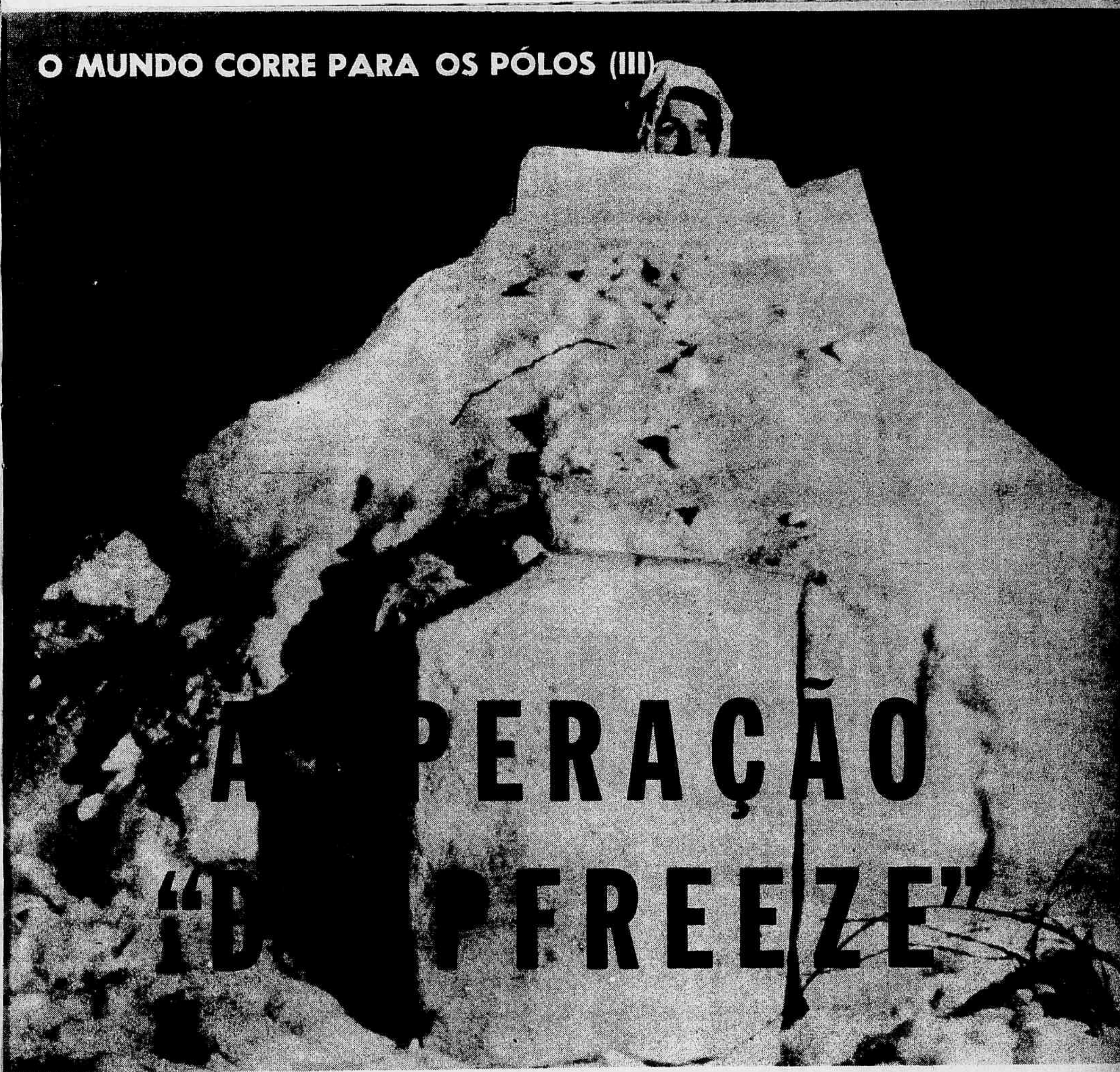
TEM CASPA?
Caem os Cabelos?
JUVENTUDE ALEXANDRE
ELIMINA A CASPA
Evita a Queda

CALÇADO
Lento
RIO DE JANEIRO
Máximo conforto
garantia absoluta

CONSERVATÓRIO DE INICIAÇÃO MUSICAL
A criança aprenderá música brincando. Método especial, exclusivo. Pedagogia moderna. Idade — 4 a 8 anos. Matrícula: das 8 às 9 horas; aos sábados das 14.30 às 15.30 h. sábados das 14.30 às 15.30 horas. Endereço: Av. Nossa Senhora de Copacabana, 1.102. apto. 401 — Telefones: 27-8438 e 47-4558.
Direção da professora Olga Coruja dos Santos.

LEIAM
ESPORTE ILUSTRADO
★
TUDO SOBRE ESPORTES
PREÇO CR\$ 5,00

COMO APRENDER A DANÇAR
7ª EDIÇÃO AMPLIADA
Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.
Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 60,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.
EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa



OPERAÇÃO “DEEPLREEZE”

O QUE É A JÁ FAMOSA OPERAÇÃO — A EXPULSÃO DOS PINGUINS E DOS DEMAIS HABITANTES POLARES — OS RUSSOS E SUA VESTIMENTA INSUPERÁVEL — O RADAR ULTRAMODERNO DOS INGLESES — QUATORZE AVIÕES NA EXPEDIÇÃO NORTE-AMERICANA — E OS FRANCESES MAIS AMADURECIDOS, POIS CONTAM COM A EXPERIÊNCIA DE PAUL-EMILE VICTOR

Texto e fotos de ROBERT VIGIU

A DECISÃO de lançar, ainda esse ano, a Operação Deeplreeze, deve-se em grande parte, ao interesse pessoal do presidente norte-americano, Eisenhower. Os postos que deverão ser estabelecidos pelas nações que tomam parte no Ano Geofísico Internacional, e que são,

como já dissemos, França, Rússia, EE.UU., Inglaterra, Argentina, Bélgica, Noruega, N. Zelândia, Chile e Japão, formarão três grandes cadeias, que se estenderão do Pólo Sul ao Pólo Norte, em torno ao Equador. Para tornar a mais completa possível tal rede, as nações partici-

pantes estão planejando estabelecer mais de vinte postos, no Continente ou ao longo dele. Além das várias nações que estabelecerão estações litorâneas, França, Austrália, Noruega e Estados Unidos pretendem estabelecer postos avançados em pontos mais interiores.



EM BREVE, os habitantes polares perderão sua tranquilidade, mantida através de tantos séculos, ante as experiências inauditas que dez nações pretendem levar a cabo, durante três anos, tanto no Pólo Sul, como no Pólo Norte.

Durante a noite polar, no próximo inverno, calculam os cientistas que a temperatura baixará a cerca de 70 graus centígrados negativos. A marinha dos Estados Unidos colocará um posto avançado justamente no centro do Pólo Sul. Tal posto obedecerá diretamente às ordens emanadas da Chefia de Operações, e regerá toda a cadeia de radar «D.E.W.», «Distant Early Warning», responsável pela concatenação dos diferentes postos de observação e experimentação das várias nações representadas. Vê-se facilmente a importância de tal posto, traço de união entre as cadeias internacionais de estações científicas.

O Ano Geofísico Internacional representa, em verdade, o esforço conjunto de quase quarenta nações, que registrarão, em todo o mundo, fenômenos de temperatura, magnetismo, aurora, ionosfera, raios cósmicos e geo-magnetismo, sismologia, glaciologia, medidas de gravidade, brilho da atmosfera, bem como outros itens geofísicos.

O grande laboratório natural da Antártida possui imensas possibilidades de contribuir para o progresso da ciência, e portanto, para o conhecimento que possuem do mundo os cientistas. Também não se pode olvidar a tremenda importância política e estratégica do Pólo Sul, bem como as reservas intactas de minérios de todas as espécies que sua camada de trezentos metros de gelo protege contra cobiosos olhares, há tantos anos. Pelos estudos procedidos, sabe-se que há, no Pólo Sul, grandes depósitos de carvão.

E' possível que desta vez o retorno à Antártida, para o Ano Geofísico, seja definitivo. Inglaterra, Chile, Argentina e Austrália, já estabeleceram, no Pólo Sul, bases praticamente permanentes. Acreditamos que tais bases, e outras que venham a firmar-se, não de preparar caminho para a habitação fixa, em escala restrita mas importante, naquela região sedutora e misteriosa.

EXPULSAO DOS PINGÜINS

As forças-tarefa da Marinha dos Estados Unidos e da União Soviética, e de todas as demais nações presentes ao Ano Geofísico Internacional, vêm, naturalmente, à medida em que avançam pelo Pólo a dentro, fazendo recuar os pingüins, ursos brancos e demais animais polares. O célebre Homem da Neve, que de quando em quando fornece vasto material a jornais e revistas, nunca foi encontrado. Nem os monstros polares que a imaginação dos homens me-

O MUNDO CORRE PARA OS PÓLOS

dievais criou, para ornar os mapas dos primeiros cartógrafos.

O susto de Magallanes e dos primeiros navegadores que se aproximaram dos pólos, julgando que tombariam aos abismos da Terra, vê-se hoje em dia, foi vão.

Dentre as coisas inverídicas que se propõem averiguar as várias nações presentes esse ano na Antártida, uma coisa é certa: muitas delas não de ser; de uma vez por todas, desmentidas. E, é claro, muitas e interessantes novidades serão trazidas da Antártida pelos cientistas e oficiais da Marinha e do Exército que lá trabalharão por vários meses.

NOVIDADE ABSOLUTA

Podemos oferecer a nossos leitores uma novidade em primeira mão: dois célebres cientistas britânicos, especialistas em câncer, preparam-se para seguir, em breve, para o Pólo Sul, munidos de vasto equipamento, composto de estufas, reservatórios para cobaias cancerosas, em que serão expostas a cerca de oitocentos pés de altura, etc., etc.

A pressão atmosférica, àquela altitude, destruiria, segundo se pensa, as lesões cancerosas,

propiciando outrossim a recomposição orgânica. Seria, afinal, a cura do câncer.

A teoria é de autoria de um jovem médico inglês, Tom Gother, o qual observou, num marujo que regressava do Pólo Sul, a cicatrização total de uma ferida de natureza cancerosa.

A ciência, diz Pasteur, há de encontrar na própria terra cura para todas as enfermidades humanas. O sonho de ontem talvez esteja agora em vésperas de concretizar-se. Esperemos pelo Ano Geofísico Internacional.

A CONTRIBUIÇÃO FRANCESA

E' claro que americanos e russos são os povos melhor aparelhados, do ponto de vista do equipamento. Os primeiros possuem um escalandro especial para descer aos mares glaciais, ao passo que o vestuário de um cientista russo se compõe de trinta e oito peças insuperáveis. O chefe da expedição americana, almirante Byrd, tem ao seu alcance uma verba fabulosa, quatorze grandes aviões, e inúmeros helicópteros e trenós ultra-modernos. Os russos têm às suas ordens dois navios, o «Obi» e o «Tena»: só o primeiro transportou seis mil e quinhentas toneladas de equipamento para a Antártida.



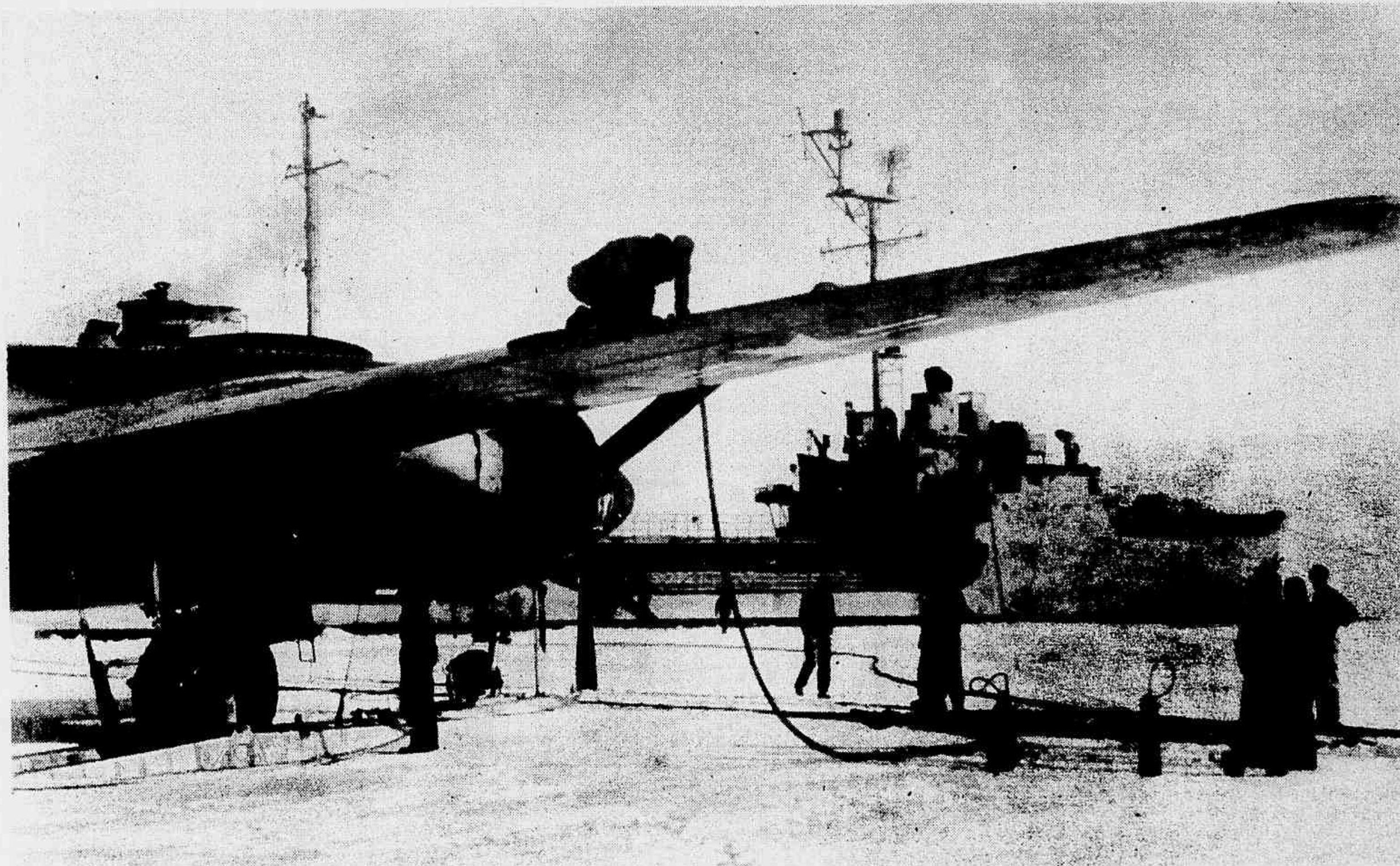
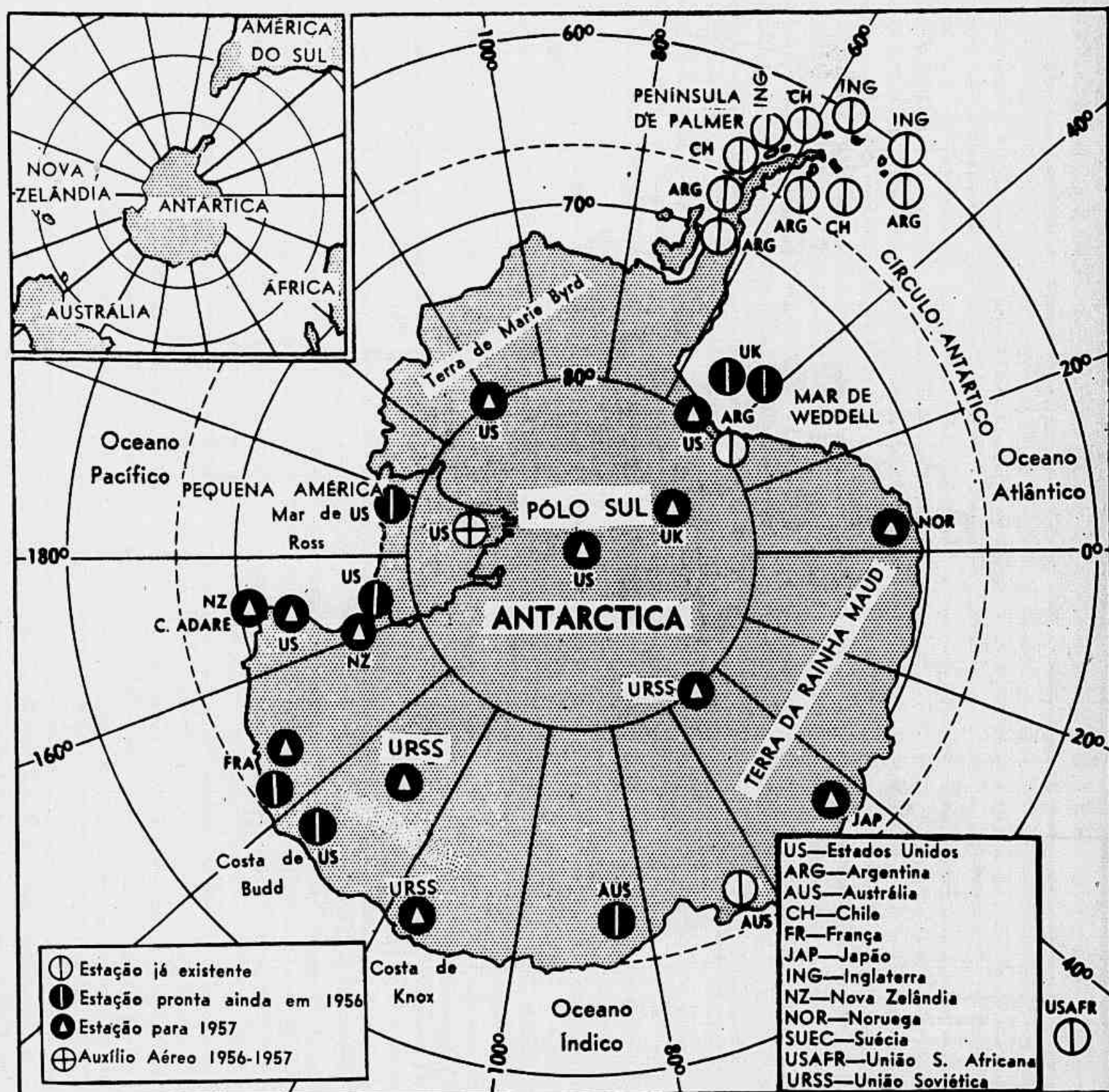
SOB A BANDEIRA norte-americana, aparecem os chefes da expedição «yankee» ao Pólo Sul: à esquerda, o almirante Richard Byrd, veterano da Antártida; Paul Siple, acessor técnico; major Murray Weiner, das Forças Aéreas; e Eddie Goddard, membro do Bureau do I.G.Y. Byrd, em 1929, estabeleceu a «Pequena América».

MAPA DO PÓLO SUL, onde já começam a chegar os diversos cientistas que compõem a mais vasta equipe técnica jamais reunida. No detalhe, vê-se a importância estratégica da Antártida, ponto de encontro de três continentes.

Aos britânicos pertence o radar mais moderno, e a câmara fotográfica mais sensível, destinada a fotografar a aurora polar.

A França, porém, pretende brilhar no Ano Geofísico Internacional, e para isso se baseia nas pesquisas pioneiras de um homem de 50 anos aproximados, Paul Emile Victor, que já dirigiu dez missões científicas ao Pólo Sul, sendo considerado, na atualidade, o maior explorador da região. Paul-Emile já se encontra há meses na Antártida, supervisionando a instalação das 350 toneladas de material que constituem o equipamento da expedição francesa.

Paul Emile e Robert Guillard — outro chefe da expedição —, estabelecerão uma base totalmente metálica próxima ao centro do Pólo, base essa capaz de resistir a tempestades e furacões de 250 quilômetros horários! Ambos os cientistas, e mais uma competente equipe, estudaram a alimentação ideal para o homem no Pólo, e chegaram à conclusão de que essa é a ração diária ideal: cento e cinquenta gramas de «Pemmican» (alimento preparado à base de carne, trigo e farinha), duzentas gramas de biscoito seco, cem de manteiga, cem de açúcar, oitenta de leite em pó, cem de fécula, cinquenta de chocolate, cem de frutas secas, cem de confeitos vários, e cem de ovomaltine. Também miolos e fígado de foca, bem como óleos de peixes da região, entrarão no «menu». Cada homem custará, por dia, à França (serão cinquenta, até fins de 1958), quatro mil cruzeiros. Isso representa a quantia bastante elevada de 240 milhões de cruzeiros. Mas os segredos que o Pólo Sul vem escondendo de olhos humanos há tanto tempo, bem que vale a pena...



AVIÕES E NAVIOS americanos, aportando ao Pólo Sul ininterruptamente desembarcam sob suas tripas paragens toneladas de material. Também os russos acham-se muito bem equipados. Quanto aos demais participantes se do ponto de vista material não se podem comparar aos seus poderosos concorrentes, têm pelo menos, experiência no assunto, e muita fibra com que preencher as inúmeras lacunas.

Domingo, 15 de Abril de 1906

AS MARAVILHAS DOS FAKIRES

♦ Em 5 minutos brotou uma arvore de 16 metros... O dr. Heinrich Hensoldt, que habitou a India, o Tibet e Ceylão muitos annos, declarando «Occult Review», que não há exagero no que se tem escripto acerca dos prodigios executados pelos fakires e yogis, prodigios que elle observou com os seus proprios olhos e que submeteu a prova do appparelho photographico.

Esses milagres são realizados todos os dias, ao ar livre, em plena rua ou em plena praça publica, por homens nus ou semi-nus que não dispoem de appparelhos e que operam no meio da turba. Ha uma certa casta de thaumaturgos, os Sadhu, que não recebem estipendio algum pelos milagres que fazem.

O dr. Hensoldt declara ter visto numa praça de Agra um Sadhu abrir com uma pequena vara branca um buraco de seis polegadas no chão e collocar nesse buraco uma semente de mangueira, que depois cobriu de terra. D'ahi a 3 minutos o contorno de uma arvore começou a apparecer. Rapidamente se foi tornando mais e mais distincto e cinco minutos depois de enterrada a semente, brotara uma arvore de cerca de 16 metros de altura, carregada de folhas e de fructos. Arvore sobrenatural, por certo, visto como nem uma só das suas folhas bolia nem projetava sombra.

Aproximando-se d'ella o dr. Hensoldt mas á medida que se avisinhava a visão tornava-se menos distincta e acabou por se esvaír como regressasse ao lugar onde estivera, a arvore reapareceu com o seu aspecto anterior. Repetiu a experiencia, o resultado foi o mesmo.

Dois officiaes inglezes que não estavam presentes quando se plantara a semente, não puderam ver a arvore, mas todos os circumstantes a viram.

D'ahi a vinte minutos, o Sadhu começou a pregar. Quando terminou, a mangueira desaparecera...

Em outra occasião o dr. Hensoldt assistiu ao mesmo prodigio, realizado por um certo Ram Singh numa aldeia perto de Serrubagym, no Punjab, e affirma que d'essa vez não só viu a arvore, como a photographou: mais forte ainda — pode tocar-lhe e trepar por ella acima até a altura de alguns pés...

DR. CORREIA DUTRA

Falecido a 8 do corrente, nesta capital, onde grangeara um nome invejado por seus dotes morais e intellectuais.

Exercia ultimamente o cargo de chefe do Serviço Sanitario da Brigada Policial do Districto Federal, onde servia desde 1871. Interno da Santa Casa da Misericórdia, encarregado da secção de moléstias das senhoras, chefe das comissões vacinicas paroquiais, vereador da antiga Câmara Municipal, subdelegado de Policia, por diversas vezes, delegado auxiliar, chefe de Policia e deputado pelo Districto Federal, na ultima Legislatura. O finado deixou em todos esses cargos que exerceu um belo traço de sua dedicação e de seu amor á causa publica.

Deixou viúva e quatro filhos, o quintanista Alaliba Dutra, D. Eponina Dutra Malafaia, esposa do conhecido negociante e industrial Luis Malafaia Jr. e mais duas filhas solteiras, Carmen e Fernandina.

DAS UTILIDADES DE UM GRAMPO...

Talvez, as graciosas leitoras não pensassem ainda na complexidade de applicações que dão aos grampos. Já um escritor inglez disse algures

ANEDOCTA

— Estou com um soluço terrível!
Prega-me um susto para ver se passa.
— Empresta-me cinco mil réis?
— Obrigado, já passou...

O JORNALISMO NA AMERICA DO NORTE

Segundo informou o New-Paprer Annual (Annuário da Imprensa Americana) existem atualmente nos Estados Unidos da América do Norte, 22.212 publicações diárias, bi-semanais, quinzenais e mensais. A importância de tal número resalta, se o compararmos com a estatística da imprensa europeia.

Na América, há uma publicação por 3.400 habitantes, ao passo que na Alemanha, o país da Europa que respeitadas todas as proporções possui maior número de jornais só há uma publicação para cada 7.000 habitantes.

A América, com os seus 70 milhões de população, tem mais publicações que toda a Europa com um conjunto de 400 milhões. E nos Estados Unidos existem jornais que são redigidos em quarenta linguas e dialectos diferentes. Além dos periodicos inglezes, publicam-se outros em allemão, francez, norueguez, sueco, dinamarquez, hebreu, russo, e um em... pele vermelha.

«Deem a uma mulher uma porção de grampos, e logo ella dará felicidade ao lar». Há de certo exagero no aphorismo, mas o certo é que um objecto tão simples torna-se precioso em mãos femininas.

Tem um livro por abrir? Surge o grampo e melhor faca não se encontra para cortar as paginas. Precisa abotoar uma luva ou uma bota? Vejam se encontram melhor substituto para o abotoador que falta. Como instrumento de geometria, o grampo traçará uma circumferencia como o mais apurimado dos compassos. Serve

de agulha, de furador, de limpador de unhas e allinete, etc.

Fecha um sacco refractario, tapa um rasgão inesperado, serve de fechadura para um cesto. E' um signal de livro, agrafe de capa, esgavador de terra; isto tudo, alem do seu serviço especial de sustar madeixas rebeldes. D'elle se pode dizer com extrema propriedade: **multam in parvo** — muita cousa n'um pequeno objecto.

ORIGEM DO POSTO DE CORONEL

Os italianos foram os primeiros que usaram da dignidade denominada coronel nas suas tropas de infantaria; d'elles a tomaram os francezes no anno de 1514, deram-lhe o titulo de colonel, da palavra colonne columna, porque então lhe competia o commando de uma columna de infantaria.

Depois foi adoptado em Portugal para os commandantes dos terços (que depois se chamaram regimentos) e que até ahí tinham o titulo de mestre de campo, com a differença que aos coroneis foi dada a authoridade de nomear os officiaes do seu terço, que não tinham os mestres de campo.

A Hespanha, muitos annos depois, ainda o não havia adoptado.

O PREFEITO PROMETE ACABAR COM A MENDICANCIA

O prefeito expediu circular para ser extinta a mendicidade. Mais uma vez vamos observar este defluxo de perseguição aos miseraveis e que as vezes se transformam em valvula para

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL

Anno VII — N.º 10 — DOMINGO, 15 DE ABRIL — Numero 344



RESSURREIÇÃO

Ressurreição

o escoamento de mal sopitados despeitos e quicá persiguições a desaffectos e antipathicos.

Estamos de accordo com a extincção da mendicidade, como estamos tambem de accordo com muitas medidas que constam do nosso vastissimo estendal de leis, uma sociedade policia-da não pode consentir na mendicancia; mas uma sociedade, dito idem, deve ter asylos, albergues, assistencia, emfim, onde os vencidos da vida encontrem o amparo e o conforto que a fortuna negou.



RILKE, SILÊNCIO, PINTURA

♦ TENHO EM MÃOS o livrinho, quase um poema, «Rilke et les Femmes», de Claire Goll, há pouco editado em Paris. Nêle, leio o comovente episódio ocorrido pouco depois da guerra, em Munich, entre a própria Claire Goll e o genial Rainer Maria Rilke. Diante do célebre Retábulo de Isenheim, então exibido em Munich — cidade que breve tornar-se-ia tristemente famosa, berço que foi do Nazismo —, haviam marcado, ambos, um encontro: Rilke, já homem maduro, de volta de uma de suas intermináveis peregrinações pela Europa — peregrinações que um simples espinho de rosas terminaria por encerrar; Claire, jovem e futura poeta, fraternalmente ligada ao futuro autor das «Elegias de Duino», a quem, certa vez, e não em vão, solicitara conselhos sobre a Poesia.

Diante do painel grandioso, obra prima da pintura alemã de todos os tempos, cume do expressionismo mundial, Rilke, e sua companheira em silêncio contemplavam os vários episódios imaginados por Mathis Nithart Grünwald: o Cristo crucificado, cujo corpo é uma só chaga; a deposição no túmulo; o São Sebastião de olhar tão severo, em quem, dizem, o pintor retratou-se; a Anunciação, a Maternidade, a Tentação de Santo Antônio...

Quanto tempo contemplaram, ambos, em silêncio, a obra de Grünwald? Talvez poucos minutos, quem sabe meia hora, ou mesmo uma. Subitamente, tomando num gesto suave a mão da amiga, Rilke diz-lhe ternamente, quase num sussurro.

— Deixe-me segurar-lhe a mão. Será mais brando de suportar.

♦ Assim como a criança que privada do contacto da destra materna vacila, e sente titubear seu mundo infantil, mas que, nela amparado, arrosta confiante as pequenas grandes provações a que está sujeita a infância, Rilke, grande Criança da Poesia, ante a obra incomparável, necessita de um apoio qualquer, de mão amiga, que o ampare ante o impacto terrível e doloroso, muitas vezes, da Arte.

Silenciosamente, diante de uma tela (ainda mais se essa tela é o Retábulo de Isenheim, por Grünwald, de tão grandes dimensões e significado tão profundo) podemos, embora a custo, imaginar a figura diminuta do grande poeta — figura que Claire Goll, ao descrever, reveste de atributos angélicos, e não humanos.

O silêncio é tão necessário à vida espiritual de Rilke quanto o ar e o alimento à sua vida material. Nêle busca o poeta a inspiração, e quando dele emerge, sempre penosamente, traz nas mãos aquelas grandes doses de Poesia

de que se nutriu sempre sua existência. No silêncio se refugiava — no silêncio, e na irmã mais velha desse, a solidão.

A atitude de Rilke ante a obra de arte sempre foi o silêncio. Dizia ele que, através do silêncio, e apenas através dele, atingem-se as belezas que jazem ocultas, por vezes, nas obras mais banais. Só o silêncio, para Rilke, é capaz de fazer vibrar a Beleza. E esse conselho, éle o deu a Claire Goll, e a todos os que, por cartas ou pessoalmente, lhe pediram opiniões sobre Arte. Por vezes, porém, a obra de arte é tão poderosa, seu apelo chega-nos tão dramático ao coração, que o puro silêncio já não basta — é necessária também mão fraternal, a amparar-nos no choque terrífico.

Ao pronunciar a frase inesquecível, Rilke transformava-se no símbolo do homem sensível, que ama a Arte, e que sofre por causa dela. Pois, afinal de contas, com a Arte, também o mundo é mais brando de suportar.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr\$ 176.495.975,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8968

End. Telegr. «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGENCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355 — AGENCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGENCIA S. CRISTÓVAO: Rua S. Luiz Gonzaga, 173 — AGENCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGENCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGENCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGENCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

AGENCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO:
Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

“Mil” lhe oferece:



Aparelhos
de
SEGURANÇA
contra Roubo
Todos os carros

Só na
Mil

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO

PELA última vez, penteou os cabelos coloridos de verde. Olhou-se ao espelho e sentiu que tudo poderia ser possível. Estava pronto para apresentar-se diante dela e lhe pedir o prometido. Mirava-se, remirava-se e julgava que, finalmente conseguira chegar ao que desejava. Os cabelos verdes, as roupas inteiramente verdes. Nada faltava para satisfazê-la.

Sorria a cada instante, jubiloso e feliz. Andava por todo o quarto, completando um detalhe que faltava. Compunha a gravata, retificava o laço, tornava a mexer, sentia um incômodo no pescoço, recolocava a gravata.

Voltou-se para a janela e olhou o parque. Ficou alguns minutos assim quieto, recordando aqueles dias passados desde que a conhecera.

Foi numa festa. Uns amigos quiseram mostrar-lhe o que diziam a maior preciosidade da reunião. Ela estava na sala principal, rodeada de admiradores. Fitaram-se demoradamente; ele tomado de admiração; ela, com um sorriso atraente e expressivo.

Logo depois estavam juntos. Era de uma beleza estranha. Irresistivelmente sedutora, ainda que de feições franca e ingênua. O que mais atraía nela era o ar de leveza e fuga que sempre trazia, falando como se estivesse longe, inteiramente, ainda assim, presente pelo marcante dos gestos e da voz. Parecia estar sempre prestes a fugir, condescendendo ficar apenas por comiseração. No entanto, assim era com naturalidade. Sentia-se aquela impressão, mas, ao mesmo tempo, tinha-se a certeza que ela sempre se importava com o que estava fazendo. Como se olhasse de longe, com interesse.

Dançaram toda a noite, e, quando a festa terminava, já se conheciam. Ele a conhecia, ainda que sempre julgando-a distante. Falou-lhe ardentemente. Ela o escutou, sorrindo. O sorriso ainda estava nítido na lembrança. Os dentes perfeitos, muito brancos, fazendo perfeita harmonia com a boca. Sorria. E mais ele ficava preso.

Enquanto a acompanhava de volta, descobriu-se inteiramente. Pensou perder tudo se ela não respondesse como ansiava. Ela agora estava arredia. Não queria dizer-lhe nada. Mas, ao mesmo tempo, não impedia que ele falasse. Escutava cada palavra, e sentia-se bem com elas. Ele a pediu, ardorosamente.

O parque estava iluminado pelo sol. Sombras desciam das árvores, protegendo os bancos e as mesas onde todos os dias descansava. Olhou o jardim. Adiante, encostada ao caramanchão recoberto de musgos, a árvore amiga. Vendo-a, sorriu. Nos dias seguintes ao encontro, aquela árvore fôra sua maior amiga. Encontrou nela muito do que lhe fôra exigido.

Recordava-se das palavras dela. Depois de ouvir-lhe a declaração, ficou minutos silenciosa. Insistindo, ela lhe respondeu que somente a teria no dia que viesse inteiramente de verde. Apenas assim poderia conquistá-la. Tinha paixão pela cor verde. Era a sua condição.

Os dias seguintes foram-lhe penosos. Não sabia como cumprir a condição. Não atinava com nada. Nos primeiros dias, nada fez. Logo, porém, não resistiu à lembrança dela. Quando passou a usar os cabelos verdes, tudo mudou em seu redor. Os conhecidos cercavam-no, indagando. Nas ruas, olhavam-no, curiosos. Pensavam que ele perdera a razão. Para muitos, passou a ser simplesmente um esnobe. Chocava-se com tudo e todos. Muitas vezes, pensou em acabar com aquilo, mas a lembrança dela retornava e a promessa.

Dias se passaram, mas sabia que não estava ainda em condições de apresentar-se. Nem mesmo depois que passou a usar roupas verdes deu-se por completo.

Andava pelo jardim quando parou diante daquela árvore esbelta e nova. Os galhos jovens estavam inteiramente cobertos de folhas verdes. Vendo a árvore, percebeu nela muito do que precisava. Teria de ser quase a sua imagem. Teria de conquistar o seu porte, os seus gestos. Passou dias e dias diante da árvore, contemplando-a e querendo transportá-la para si. Depois de certo tempo, aprendeu a estimá-la realmente. Era sua companhia nas horas caladas. Pensou mesmo que a árvore se fizera mais bela depois que a descobrira.

Da janela olhou para a árvore e lhe sorriu, como agradecendo pelo que recebera.

Sobressaltou-se. Olhou o relógio. Estava quase na hora marcada. Voltou-se para o quarto, preparou-se novamente, recompôs tudo. O terno caía-lhe perfeito, os sapatos igualmente iam-lhe bem. Foi ao espelho, admirou como estava e virou-se para sair.

De repente, voltou para o espelho e o fitou desmesuradamente. Ficou atônito diante da imagem. Seus olhos estavam negros como sempre. Negros e brilhantes. Pensou ouvir vozes que lhe vinham da infância: «Que olhos belos, tão pretos!» Tudo perdido. Seus olhos eram negros, negros e brilhantes. Tudo se perdia. Estava só, inteiramente. Ele não o aceitaria. Angustiado, foi para a janela. E olhou a árvore do jardim. Tristemente. De repente, pareceu sentir uma transformação. Teve a certeza que seus olhos se fizeram verdes enquanto olhava a árvore. Virou-se avidamente para o espelho, e se sentiu completo. Pegou a chave, correu para fora, atravessou o parque, sorrindo. Tomou o carro verde que deixara à porta e partiu.

Corria alegre, inteiramente feliz, certo que tudo iria se concretizar. Corria pelas ruas movimentadas, cortava os sinais. Admirava atentamente a paisagem, e acelerava o carro.

Chegou à casa na hora marcada. Desceu do carro e parou diante do edifício. Arrumou-se por uma última vez. Alisou o cabelo. Entrou.

No fim do corredor estava a porta. Chegou depois de alguns passos. Parado, viu um homem todo de vermelho. Certificou-se do enderêço. O homem continuava parado em sua frente. Olharam-se fixamente. O homem vestido de vermelho fitava-o e parecia esperar. Olharam-se fixamente.

Refeito da surpresa, como que desejando passar-se livre, perguntou ao homem de vermelho:

— «Quem é o senhor?»

— «Eu sou o personagem da outra história.»

O homem



Journal de

VERMELHO



FORTUNA (o sem par) **APRESENTA**

Convite para Dançar

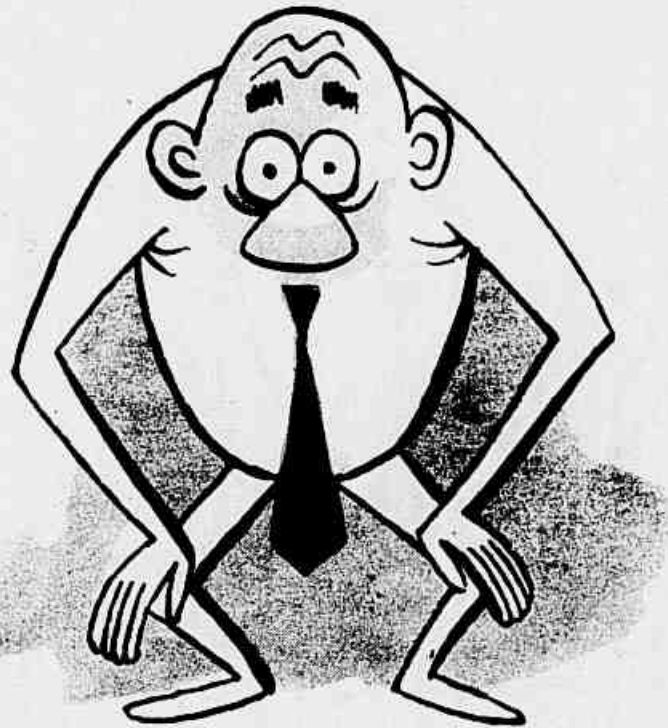


VOCE, VELHO, CERTAMENTE PENSA QUE NAO HA OUTRA MANEIRA DE
TIRAR UMA DAMA PARA DANÇAR SENAO A QUE VEM USANDO. OXA-
LA COM BOM PROVEITO. MAS EM VERDADE, DIVERSOS SAO OS ESTI-
LOS, E A BOA DAMA TERMINA POR CONHECE-LOS TODOS. A BOA
DAMA, COMO O LEITOR ESTA VENDO ACIMA, É A QUE NAO ESTA MAIS.



O SAUDOSISTA

Perfila-se como mordomo inglês, faz uma curvatura de espadachim francês e diz em português "belle époque": "A gentil mademoiselle conceder-me-ia o prazer desta contradança?" Ao que a dama retruca em brasileiro: "Tá!"



O IBÓPICO

Convida a dama inquisitorialmente: "A srta. dança?" Caso ela responda "que não", apoia as mãos nos joelhos e pergunta: "Por que?"



O APRESSADO

Mal se contém. A dama convidada ainda não se levantou, e ele já está fazendo passinhos, cantarolando a música e castanholando o ritmo nos dedos.



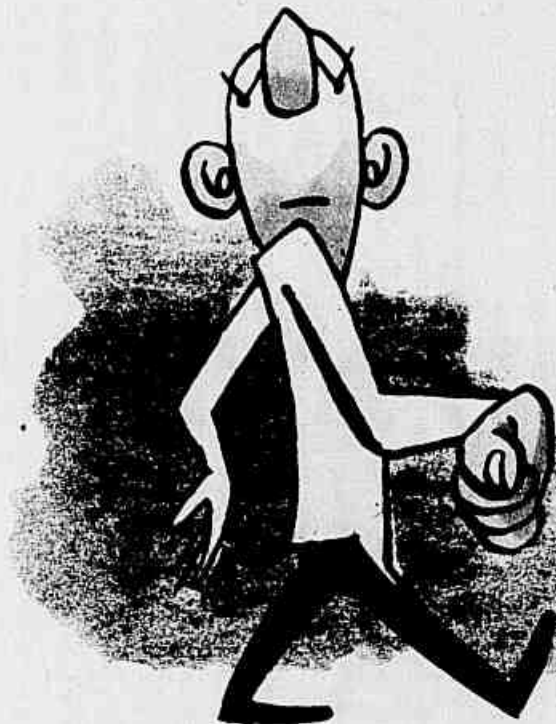
O PROFILÁTICO

Sua característica está em estender a mão para a dama, espalmendo um lenço, como se quisesse um esguicho de lança-perfume. Deve suar muito na mão. Ou então não gosta que suem na sua.



O ÍNTIMO

Assim que a música começa, grita: "Óba!", agarra pelo braço a dama mais próxima e sai dançando. Geralmente é sócio do clube.



O MESTRE

Passa ao longo da fila de damas como um general em revista. Dedo em riste, vai apontando uma após outra até que se levante uma voluntária. É que está tocando um tango.



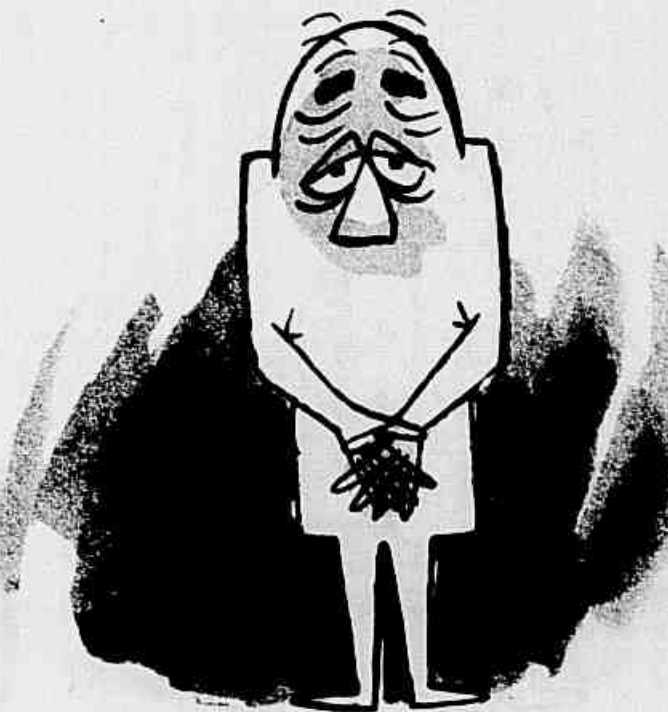
OS COSME E DAMIAO

Incapazes de tirar uma dama isoladamente, trabalham de parceria. Inspeccionam o salão até que descubrem duas damas, dançando uma com a outra. Então intervêm com autoridade, desfazem o par e formam dois.



O HITCHCOCK

Aproxima-se de preferência por trás da dama e toca-lhe o ombro com a pontinha do dedo. A dama vira-se para ver quem é. É ele.



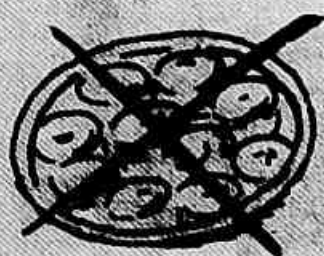
O ELOQUENTE

Não diz palavra. Pára em frente à dama e mexe as sobrancelhas. Ela então vai.

OS SEUS BRACOS

Quando se planeja tratamento de beleza para «melhorar a fachada», pensa-se em dietas, ginástica para a cintura e os quadris, manicure, cabeleireiro. Raramente os braços são lembrados. Até que um dia o espelho revela que: estão muito gordos ou muito finos, ou flácidos!

A falta de exercício torna-os flácidos e muito poucas de nós temos oportunidade de exercitá-los. Outro motivo de flacidez é o emagrecimento muito rápido. Um ótimo exercício para os braços é o seguinte: fique em pé e faça movimentos como se estivesse nadando de costas. Primeiro um braço, depois o outro, o mais para trás possível. Uma outra boa ginástica: de pé, com os braços abertos e bem esticados: dobre os braços até tocar os ombros. Torne a abri-los. Respire e levante-os; procure tocar as duas mãos sobre a cabeça, sempre com os braços esticados o mais possível. Torne a abrir os braços. Abaixе-os sempre esticados e... recomece. Dez vezes pela manhã e outras tantas à noite já é um bom começo para corrigir a flacidez. Seja persistente nos exercícios. Não se esqueça, porém, de outro cuidado: passar creme nos cotovelos para que fiquem macios, massageando-os ao remover o creme.



DIETAS?

● Se você quer emagrecer e pretende fazer uma dieta para isso, procure um médico e aconselhe-se com ele antes de iniciá-la. Nem todo organismo reage da mesma forma às dietas. De um modo geral, o que se deve suprimir para conseguir a diminuição de peso é: gorduras (manteiga, óleo), farináceos (pão, bolos, biscoitos, massas), e açúcar (ao natural ou sob a forma de doces e balas). Além disso, não se deve beber água durante as refeições, e sim nos intervalos das mesmas. Depois de ter comido não se deve deitar nem sentar. Fazer ginástica e principalmente caminhar bastante são de grande eficácia, ainda que, por si só não bastem.

SAIBA CONSOLAR

Além de ser uma virtude cristã, «Consolar os Aflitos», é uma atitude consoladora tipicamente feminina. A de ser consolada também. Quantas vezes você se declarou com uma dor de cabeça horrível apenas para ser consolada?

Quando os outros lhe pedirem um pouco de consolo seja pois compreensiva, principalmente se esse outro é seu marido ou um de seus filhos. Dizer que o consolo não é «educativo», na maioria das vezes é apenas uma desculpa a seu egoísmo e preguiça. Mesmo que nem sempre seja solução, é um ato de bondade e doçura que vale a pena ser tentado.

NÃO TORNE TUDO DIFÍCIL!

Realmente, hoje as coisas não se passam com tanta facilidade como há trinta anos atrás. Porém, isso não justifica haver senhoras e senhoritas que acham tudo difícil e por isso mesmo cortam completamente os seus deveres sociais. Acham difícil convidar os amigos para almoçar; acham difícil vestirem-se para sair; acham difícil aceitar um convite para festa, ou passar o fim da semana fora da cidade. Apegam-se à rotina e não se animam a fazer um esforçozinho para ampliar o seu ambiente e o seu convívio social. Se você é assim, é hora de fazer esse esforço, se não quer ficar sozinha com as suas dificuldades que não despertam realmente simpatia nem compreensão.



WEEK-END NA COZINHA

• Estas "forminhas de arroz" constituem uma novidade em docinhos para festas. Experimente na primeira ocasião, pois são deliciosos!



1 — Cale e lave bem 5 xícaras de arroz de boa qualidade (agulha).

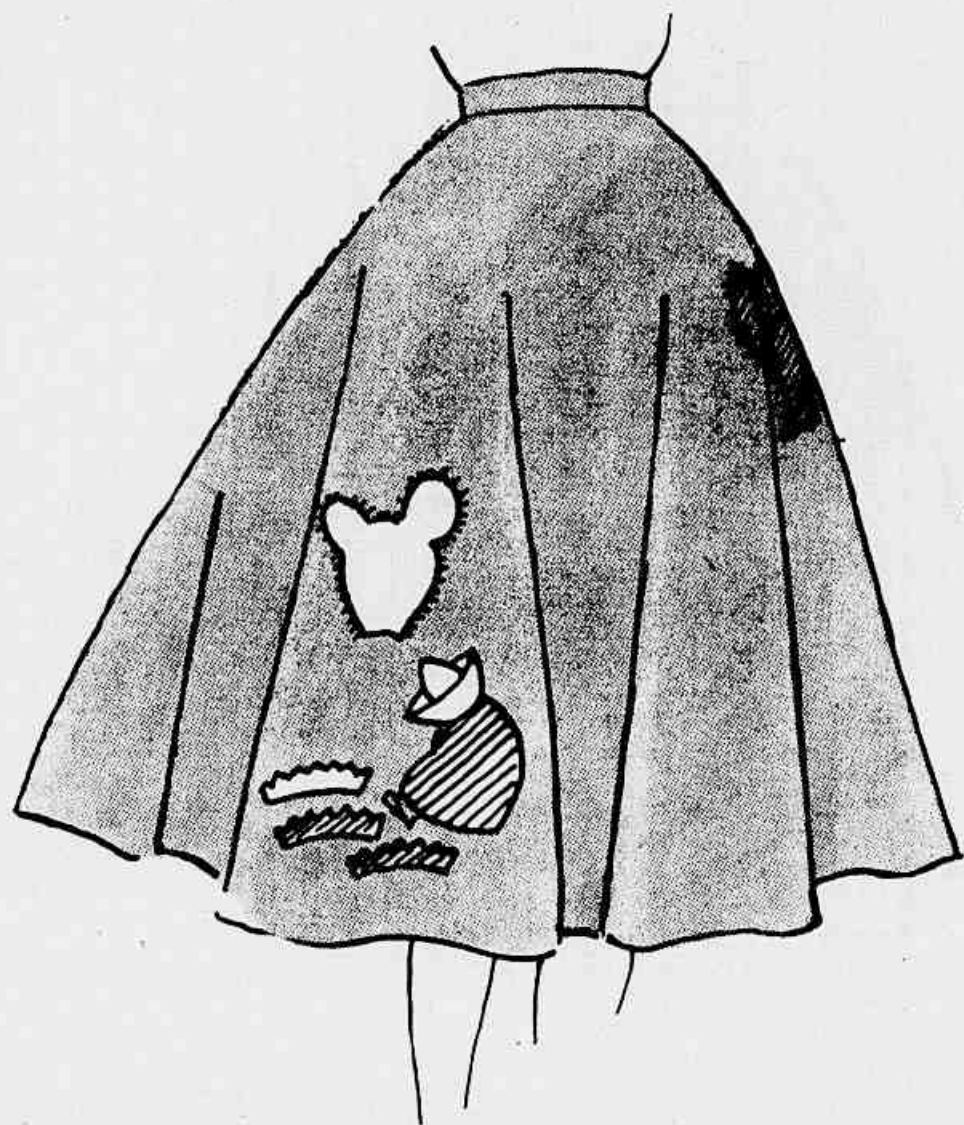
Passa em manteiga derretida. Ponha numa assadeira e leve ao forno até ficar bem coradinho (pipoca de arroz).

2 — Derreta um quarto de xícara de manteiga numa panela. Junte 200 gramas de marshmallows (mais ou menos 32).

Deixe cozinhar em fogo brando, até que os marshmallows derretam e a mistura fique bem igual.

3 — Tire do fogo e junte a pipoca de arroz. Misture até que o arroz fique bem envolvido pelo marshmallow.

4 — Com uma colher untada pingue dentro de forminhas de papel. Depois de frio a consistência ficará mais dura.



APLICAÇÕES EM FÊLTRO

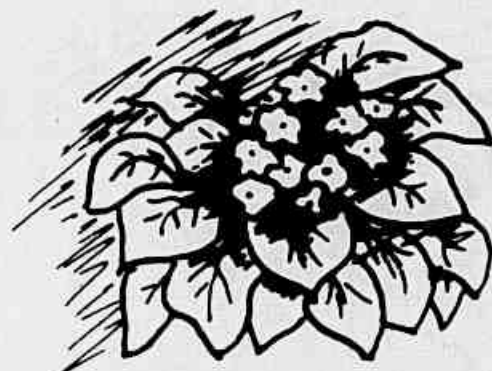
♦ Será fácil você confeccionar para o próximo inverno esta saia encantadora com aplicação de motivos mexicanos em feltro. Sobre um fundo cinza, os desenhos poderão ser em verde, vermelho e branco. O trabalho pode ser realizado à mão. Quem possui uma máquina de costura de ponto zig-zag poderá fazê-lo à máquina com menos trabalho e o mesmo efeito. Se desejar os desenhos ampliados em tamanho natural escreva para esta seção que lhe remeteremos.

REPRODUÇÃO DAS BEGÔNIAS

★ Entre as folhas (e flores) ornamentais preferidas para a ornamentação da casa estão as begônias nas suas múltiplas variedades. Se você tem algum pé em sua casa e quer transformá-lo em dois ou mais, proceda assim:

Prepare um vaso, colocando cacos de telha no fundo (para assegurar uma boa drenagem) e enchendo-o até a metade com a seguinte mistura: 2 partes de terra vegetal, 1 de areia e 1 de esterco muito curtido. Enterre as batatas de begônia cumprindo um pouco a terra em volta e ponha o vaso em local iluminado, porém onde não bata sol (principalmente ao meio-dia). Mantenha a terra sempre úmida, regando freqüentemente, porém sem deixar correr muito a água.

Quando os brotos chegarem à borda do vaso, termine de encher este de terra (a mesma mistura indicada acima) enterrando tudo. Quando as plantinhas tiverem atingido 5 ou 6 centímetros, desenterte tudo e corte-as no ponto em que saem da batata. Plante-as que elas formarão outras tantas batatas e darão flores em pouco tempo. As batatas muito novas dão um brôto só, as mais adultas vários brotos.



EM QUALQUER PONTO DO
BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO PORTUGUÊS

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Todas as Semanas ao Seu Alcance. Seja
Assinante Deste Moderno Semanário e Esteja em
Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499
RIO DE JANEIRO

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 800 Curso per Correspondência para Senhores e Alunos

A Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»
Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sobre o ensino de
«Artes e Modas», curso de Professoras e Contra-mestres.

NOME

RUA

CIDADE

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280.00 — Casal 360.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



«GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA»

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da
Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada
com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro
Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que
tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto
precioso. Onde não houver médico, é o substituir. Quem possuir um
exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia

Um grosso volume com mais de mil pági-
nas, impresso em ótimo papel e sólida-
mente encadernado Cr\$ 150,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SÃO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra
cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

HORAS DE DESESPERO

(Continuação da pág. 29)

Glenn olhou friamente para o resto de Kobish.
— Não, Dan é um bom pai. Tenho certeza de que não irá trair-nos. Isso poderia
fazer muito mal à saúde dos garotos. Não é Dan?
Glenn sorria clinicamente para Dan, que mantinha os olhos baixos:
— Você não irá chamar os «tiras» não é, Dan?
Dan interrompeu:
— Mas, e se a polícia vier, independente de minha atuação? É claro que não
tenho culpa alguma.
— Al, a culpa será de todos. E o azar também...
— O senhor não nos pode culpar de a Polícia irromper aqui de um momento
para outro.
— Como não? Posso fazer o que quiser. E é só o que você deve ter na cabeça,
ouviu? E vou logo dizendo que qualquer coisa que acontecer, por ela não de
pagar em primeiro lugar Cindy e Ralphie!
A voz de Kobish, que se encontrava vasculhando o pequeno bar da família, veio
interrompê-los:
— Aqui não há bebidas. Peça que traga uma garrafa de uísque.
— Nada de uísque, falou Dan.
— Sim, nada de uísque.
A voz de Kobish agora traduzia pasmo:
— O que? Glenn, você permite que esse patife lhe dê ordens?
— NINGUÉM me dá ordens, nem Dan, nem você, nem ninguém. Tomem bem
atenção.
Quando Dan saiu pela porta fronteira, Eleanor atirou-se em seus braços, dizendo:
— Faça o que bem entender, sem pensar em nós.
Pouco depois, Chuck chegava, e Cindy, não lhe dando tempo de entrar em casa,
atirou-se pela porta a fora, interceptando o namorado ainda no jardim. Hal, despe-
tadíssimo, observava-os de longe. (Continua no próx. número)

A PROVA

(Continuação da pág. 13)

Delece-se, visivelmente aguardando que eu refutasse algumas de suas palavras.
Continuei porém silencioso, maravilhado da sagacidade incomparável daquela
mulher. Que habilidade demonstrara, ao desviar, por antecipação, de sua pessoa,
todas as suspeitas, fingindo-se vítima de uma agressão!... Tudo isso era maravilhoso,
com efeito!

— Mas fala alguma coisa em tua defesa, homem! Por que estás sorrindo?
— Mas eu estou sorrindo? Desculpa-me, então, pois não era essa minha intenção.
Oh, não! Deves ter razão. Devo ter-me conduzido de maneira lamentável. Felizmente,
meu intento não foi atingido. Tua amante é casta e pura como a neve, fiel e sólida
como um rochedo. Se desejais, posso pedir-lhe desculpas. Estou pronto para isso.
E afirmo-te que sentir-me-ia profundamente feliz se pudesse mesmo fazê-lo.

Meu amigo olhou-me, perturbado.
— Tuas palavras têm duplo sentido — retrucou afinal. Percebo claramente que
desejas lançar-me em confusão. Nunca teria pensado até hoje, que eras capaz de
semelhante infâmia. Porém, necessitas reconhecer, nesse caso, que tudo está contra
ti. Porque, sem isso, ela certamente não estaria tão desesperada, hoje de manhã.
Se tudo se tivesse passado tal como tu me contaste, hoje de manhã, ela teria,
naturalmente, tentado ocultar-me a coisa. E não é sem pensar, posso assegurar-te,
que verifico que tu és um homem capaz de fazer coisas indignas como aquela.

— Meu caro amigo, deixemo-nos de explicações ridículas. Não há porque hesitar
quanto à identidade da pessoa em que deves, ou não, acreditar. Ora, essa pessoa
sou eu, ou é ela. Sobretudo, quando estou plenamente inclinado a reconhecer que
menti. Se faço um apelo à tua magnanimidade, é apenas porque sei que experi-
mentaste uma imensa alegria. Tua amante suportou a prova à qual foi submetida
brilhantemente, e eu, eu fui derrotado como um simples aprendiz de pescador,
emaranhado em suas próprias linhas...

Meu amigo saiu. Talvez tão equilibrado como desejara aparentar. Segunda con-
versação com a mulher o convenceu de vez. As relações entre ambos tornaram-se
mais ternas do que nunca, nos dias que se seguiram. Quanto a mim, senti-me
demais, desde então. Somente por causa dos demais pensionistas, meu amigo não
rompia abertamente comigo. A moça, todavia, me evitava. As relações, trocávamos,
unicamente, as frases indispensáveis.

Ao cabo de dois ou três dias, tive que fazer minhas despedidas. E meu embarque
trouxe-lhes um alívio impossível de se dissimular. Quando meu carro saiu da garagem,
eu percebi lúete, semi-escondida entre as cortinas de seu quarto. Quando nossos
olhares se cruzaram, percebi que ela sorria, e que me enviava um beijo de
despedida.

Assim terminou essa aventura. Devo acrescentar que deixei de ver meu amigo
durante alguns anos?

Depois, ele me apareceu lá em casa, de porta a dentro, um certo dia. Vinha pedir
desculpas. Sua amante o abandonara, e entre as últimas explicações — aquelas nas
quais a tranqueira readquire seus direitos — ela lhe confiara a minha visita, e
o prazer que lhe proporcionara. Meu amigo afinal entendera que nos divertíamos
simplesmente, de suas custas.

Mas, como troca, ele lhe fez saber que fora por sua idéia, unicamente, que ela
pudera ter aquele prazer...

Tudo isso apenas possui uma importância relativa, mas explica claramente porque
duvido da oportunidade de se revelar ao bom do nosso pintor a infidelidade da
própria esposa. Ou será que não explica?

RÚSSIA SOVIÉTICA...

(Continuação da pág. 37)

PRECAUÇÕES RIDÍCULAS

Ficamos sumamente preocupados com as excessivas precauções sanitárias tomadas
pelos veterinários soviéticos com relação aos seus rebanhos. Muitas vezes, pediram-
nos que limpássemos nossos pés em um estrado contendo uma solução desinfetante,
antes de nos dirigirmos aos estábulos... Para entrar em casas de camponeses, ou
de trabalhadores, porém, nada disso era necessário.

Para visitarmos creches, tivemos de envolver longos trajes brancos. Isto nos
pareceu ridículo, principalmente porque as creches, quase todas, eram dotadas de
antiquadas instalações, e em muitas delas mósicas atravessavam os ares, zumbindo
mais do que caças MIG...

Nossos anfitriões comunistas estavam interessados em que levássemos boas recor-
dações das habitações soviéticas, e das condições de vida do povo russo. Mas,
muito estranhavam que não nos limitássemos apenas ao exame das condições
agrícolas, e sim também pelas casas. Em duas ocasiões, oficiais russos nos admoes-
taram por estarmos fotografando coisas que poderiam servir de anti-propaganda
russa. Contudo, ninguém esboçou um gesto para deter nossos movimentos, ou
para confiscar nossas câmaras.

Seria tolice e covardia comparar as condições de habitação dos russos com as
nossas. Sua economia, é claro, não é tão rica quanto a norte-americana, e teve de
solter muito mais que a nossa, durante duas guerras que assolaram o século XX.
Mesmo que as condições de vida e de habitação fosse dispensada a mesma
atenção que nos Estados Unidos, o povo soviético jamais teria uma vida com a
que levam os norte-americanos.

E claro, porém, que podem viver bem melhor, bastando para isso que os chefes
comunistas dispensem um pouco mais de verbas na construção de casas, na
melhoria das já existentes, e no maior desenvolvimento da agricultura. A vida,
nas fazendas coletivas, poderia ser bem melhor, pela adoção de métodos
mais modernos de produção, por exemplo.

Falam tanto os comunistas sobre as suas habitações e clubes para trabalhadores,
porque não explicam eles que apenas uns poucos privilegiados têm o direito de
morar em um quatinho com banheiro e um bico de gás, nas grandes cidades, graças
à improvisação do mais primitivo dos sistemas econômicos?

As pessoas, nas cidades, têm que alugar ao Conselho do Distrito suas habitações.
Nas áreas agrícolas, é possível construir-se uma casa para seu próprio uso, com
um pequeno auxílio estatal. Não há companhias particulares que construam casas.
E o Estado apenas se interessa na construção de apartamentos.

(Continua no próximo número)

MEMORÁVEL SOIRÉE DE GALA
NO CLUBE GINÁSTICO PORTU-
GUÊS ★ NOS AMPLOS E CON-
FORTÁVEIS SALÕES DA TRADI-
CIONAL SOCIEDADE, A IMPO-
NENTE FESTA QUE FECHOU
COM CHAVE DE OURO O GRAN-
DE CERTAME LUSO-BRASILEIRO
★ EM MAIO PRÓXIMO, O EM-
BARQUE DA RAINHA, PARA
LISBOA, EM COMPANHIA DE
UM MEMBRO DE SUA FAMÍLIA

FOI uma festa de alta seleção a que se levou a efeito nos salões do Clube Ginástico Português, para a coroação da Rainha das Associações e das quatro princesas. Ela teve lugar no sábado de Aleluia, prolongando-se desde as vinte e duas horas, desta noite, até alta madrugada de domingo de Páscoa. E as centenas de pessoas que a assistiram, devem guardar as mais gratas recordações. Não foi um acontecimento requintadamente popular, nem o poderia ser, dado o local em que se realizou a solenidade, mas de rara imponência e brilhantismo, pela honrosa presença de aristocráticos elementos da sociedade luso-brasileira, que ali compareceram, prestigiando o ato.

São os salões do Ginástico, por sua natureza, os mais indicados para uma festa desse gênero, pelo ambiente de eleição, pelo magnífico serviço de refrigeração que tanto convidava rapazes e moças a dançar, como ainda pelas tradições de alto conceito social de que desfruta essa entidade. E foi nêles que a srta. Maria Helena Souza Lapa recebeu a faixa de Rainha e a respectiva coroa.

A PRESENÇA DO ENCARREGADO DE
NEGÓCIOS DE PORTUGAL

Na ausência do embaixador Antônio de Faria, foi s. excia. representado pelo dr. Mário de Oliveira Neves, d. Encarregado dos Negócios, de



De cetro e coroa, a Rainha das Associações Portugêsas, srta. Maria Helena de Souza Lapa, ocupa seu lugar no trono instalado no salão de honra do Clube Ginástico Português.

A COROAÇÃO DA RAINHA **(e princesas)** **DAS ASSOCIAÇÕES PORTUGUÊSAS**

A RAINHA DAS ASSOCIAÇÕES



Depois da coroação, animou-se o baile até às primeiras horas de domingo de Páscoa.

Portugal, acompanhado de suas exmas. esposa e filha. Outras personalidades de marcante relevo também estiveram no Ginástico, essa noite: o major Alvaro Sena, representando o Chefe de Polícia do D. Federal, gal. Pereira Maggesi, o vereador Levi Neves, alguns dos elementos que constituíram a mesa julgadora do certame e outras entidades.

A. COROAÇÃO

Amadas as danças, por volta das vinte e três horas e trinta minutos, quando foi anun-

ciado o início da solenidade de entrega das faixas e respectivas coroas. Sob os acordes de músicas típicas portuguesas, executadas a meiotom, pela orquestra do maestro Borba, deu entrada no salão, a srta. Maria Helena, que após descer o lance de escada ao fundo do mesmo, era ali aguardada por s. excia. o sr. Encarregado dos Negócios de Portugal. Conduzindo-a pelo braço, foi levá-la ao palanque real, onde estavam instalados o trono real e as quatro poltronas para as princesas. Depois de ocupar o seu lugar de honra, procedeu-se à entrada das

princesas, pela respectiva ordem: 1ª, srta. Luísa Fernandes da Costa; 2ª, srta. Maria da Conceição Queiroz; 3ª, srta. Sônia Maria Lessa, e 4ª, srta. Neyde Marlene Portela da Silva.

Quando as cinco ilustres premiadas se reuniram no tablado, e após múltiplas poses para os fotógrafos e cinegrafistas, inclusive os de TV, foi efetuada a cerimônia da coroação. Coube à srta. Maria Helena de Oliveira Neves, esposa do sr. Encarregado de Negócios de Portugal, colocar a faixa simbólica na srta. Maria Helena Souza Lapa, Rainha das Associações Portuguesas, e, logo após, a bonita coroa que mais ainda fez realçar seus encantos pessoais.

Estrondosa salva de palmas fez ouvir-se por toda a dependência, enquanto a jovem rainha, emocionada, tentava agradecer essas manifestações de júbilo. Logo após, a srta. Ercília Martins de Araújo repetiu a solenidade, na pessoa da princesa, srta. Luísa Fernandes da Costa. A seguir, a srta. Elvira Gouvêa de Campos colocou a faixa e coroou a srta. Maria da Conceição Queiroz, que veio especialmente de São Paulo para essa solenidade. Coube à srta. Miria Lopes Valente coroar e apor a faixa de princesa à srta. Sônia Maria Lessa, e, por último, à senhorita Maria Teresa de Oliveira Neves, fazê-lo na pessoa da princesa, srta. Neyde Marlene Portela da Silva.

Um detalhe de alto significado foi o da presença de várias candidatas ao título de rainha, que não chegaram a ser premiadas, mas nem por isso deixaram de congratular-se com a rainha e as princesas, num gesto muito expressivo de desprendimento e solidariedade. Em companhia de outras distintas jovens que estavam presentes, coube-lhes derramar açaíates de pétalas de flores, por sobre a cabeça da rainha, que, sem conter a emoção, retribuía-lhes a delicada homenagem, com sorrisos de agradecimento.

E houve então a valsa da Rainha. Enquanto a orquestra dava início à sua execução, o dr. Mário de Oliveira Neves, Encarregado dos Negócios de Portugal, ia convidar a srta. Maria Helena, descendo com ela os degraus do trono e levando-a para o salão, onde então dançaram. Outros cavalheiros fizeram o mesmo com as quatro princesas. E logo após, os pares em geral confundiam-se com os pares reais, numa linda manifestação de alegria e satisfação.

AS PRIMEIRAS PALAVRAS DA RAINHA

Não foi fácil ouvir a senhorita Maria Helena nessa noite, tantos os compromissos de que



A srta. Maria Helena de Souza Lapa (rainha) ao ser coroada pela exma. srta. Maria Helena de Oliveira Neves.



A srta. Luísa Fernandes da Costa (1ª princesa), ao ser coroada pela exma. srta. Ercília Martins de Araújo.



A senhorita Maria da Conceição Queiroz (2ª princesa), coroada pela exma. srta. Elvira Gouvêa de Campos.

a. Luisa
da Con-
essa, e
va.

se reu-
nes para
e os de
ão. Cou-
eves, es-
de Por-
a. Maria
ociações
roa que
pessoais.

ir-se por
a rainha,
manifes-
lia Mar-
a pessoa
Costa. A
colocou
conceição
ão Paulo
Miria Lo-
princesa
no, à se-
s, fazê-lo
lene Por-

da pre-
e rainha,
mas nem
com a
o expres-
ade. Em
que esta-
alates de
a rainha,
es a deli-
agradeci-

Enquanto
ção, o dr.
o dos Ne-
ta. Maria
do trono
ão dança-
esmo com
pares em
ais, numa
stação.

RAINHA

ia Helena
s de que



Queiroz (2º)
Elvira Gou-



A rainha e as quatro princesas, ao receberem os aplausos calorosos da distinta assistência e momen-
to antes de se iniciar o animado baile. A valsa da Rainha e das Princesas foi outro ponto alto da festa.

precisava desobrigar-se, durante as danças. Jo-
vens de ambos os sexos também a rodeavam,
solicitando autógrafos e trocando com a simpá-
tica rainha, palavras de felicitações. Assim
mesmo, na primeira oportunidade, ela nos disse:

— Não sei como agradecer a toda essa gen-
te, as lidaiguas com que me rodeiam...

E risonha, de olhos brilhantes, feliz:
— Sabe? De tal maneira me acumulam de
atenções que sou capaz de levar mesmo a sé-
rio este reinado...

— E não é para levar?

A rainha titubeia. Depois:

— Claro que sim... Sou rainha e sei da res-
ponsabilidade que me cabe, pois irei represen-
tar a mulher luso-brasileira, em Portugal...
Mas, quero dizer, é tudo como se fôsse uma
rainha «de verdade»... Isto é, das autênticas,
com reinado e tudo...

Não foi possível continuar a palestra. Uma
legião de rapazes fazia impor a sua prioridade

para as danças seguintes. Procuramos falar
com as quatro princesas; estavam, todas, rodo-
piando, nos braços de seus felizes pares.

Decididamente a noite era de felicidade geral.

A RAINHA EMBARCARÁ EM MAIO

Satisfeitos todos os compromissos sociais, es-
tá agora a srta. Maria Helena Souza Lapa em
francos preparativos para a viagem que lhe
proporciona o certame. Seu embarque terá lu-
gar por toda a segunda quinzena de maio, por
vontade própria:

— Desejo saltar em Lisboa quando a prima-
vera estiver no auge... Agora ainda há um res-
tinho de frio. E além de tudo, preciso de algum
tempo para, agora, com tranquilidade, cuidar
do meu guarda-roupa, de todos os preparati-
vos... Podia esperar por tudo, até semanas pas-
sadas, menos por esta viagem que me alegrou
tanto!

Acompanhará a rainha, sua exma. genitora.

MISSÃO CUMPRIDA

Com a festa magnífica da Coroação e o pró-
ximo embarque, tem os patrocinadores deste
certame cumprido fielmente sua missão. Propu-
zeram-se a REVISTA DA SEMANA, a «Voz de
Portugal» e a Rádio Globo, pelo seu programa
«Revista de Portugal», eleger a Rainha das As-
sociações Portuguesas, e assim o fizeram. Ela
aí está, digna e genuína representante da mu-
lher luso-brasileira, dentro das bases impostas
pelo concurso. Dentro de um mês a teremos em
Lisboa, e depois pelas Províncias, para receber
as homenagens do país em que nasceu.

E outro concurso virá no ano vindouro.



A senhorita Sônia Maria Lessa (3ª princesa),
ao ser coroada pela exma. senhora Miria
Lopes Valente.



A senhorita Neide Marlene Portela da Silva
(4ª princesa), coroada pela senhorita Maria
Teresa de Oliveira Neves.

O FLAMENGO VENCEDOR:

“AGORA VAMOS PARA O TETRA!”

◆ QUANDO o apito de Mário Viana soou no estádio repleto, dando por finda a peleja América x Flamengo — peleja dramática, que terminou com a vitória do Flamengo, por quatro tentos a um —, milhares de bocas rubronegras deixaram escapar um longo brado de júbilo: aquela era realmente, a exibição que todos esperavam do Flamengo, depois da fragorosa derrota (5 a 1) do domingo anterior. Nunca, no Maracanã — se não levamos em conta os jogos finais da Copa do Mundo, em 1950 — havia comparecido um público tão numeroso. Basta dizer que a renda, de cerca de dois e meio milhões de cruzeiros, constituiu um recorde absoluto, entre nós, em jogos de campeonato. Os times jogaram ambos muito bem, e venceu o que melhor aproveitou as oportunidades. É verdade que a contusão do meia Alarcón, logo aos primeiros minutos de jogo, veio desfalar o time rubro de um de seus melhores jogadores, inflando tal fato poderosamente no decréscimo da produção americana. O Flamengo, porém, jogou melhor. Com maior visão de gol. E com um gigante, chamado Dida, que marcou três dos quatro tentos rubronegras, além de contribuir decisivamente para o quarto. Ao deixarem o gramado, nos ombros de adeptos, cansados mas triunfantes, muitos jogadores do Flamengo, interrogados sobre suas impressões, repetiam essa frase:

— Agora, vamos para o tetra!

(Fotos de ALBERTO FERREIRA)



A VITÓRIA do Flamengo foi qualquer coisa de extraordinário. Há muito tempo não se via um jogo tão movimentado. Todos os jogadores do Flamengo tiveram atuação destacada, mas é conveniente salientar o estupendo desempenho

de Dida, o conquistou t. Após o quarto, táveis se ve- tento, e hou-





qualquer coisa de
não se via um
e jogadores do
tacada, mas é
do desempenho

de Dida, o minúsculo jogador rubronegro que conquistou três dos quatro tentos de seu time. Após o quarto gol do Flamengo, cenas lamentáveis se verificaram: Ivan agrediu o autor do tento, e houve invasão de campo, por parte de



alguns elementos exaltados. As fotos mostram: acima, Evaristo carregado pelos torcedores, à saída do campo, e Zagalo, já no vestiário, sendo festejado pelos rubronegros; ao lado, Dida, o verdadeiro herói da noite, quando deixava o

campo, nos ombros dos fãs; em baixo, o pugilato próximo à área do América, após o quarto tento; finalmente, o citado quarto tento, vendo-se os defensores do América, olhando, melancolicamente, a bola no fundo das rédes.



ÚLTIMO FLASH



RETRATO DA DECEPÇÃO

♦ Sem dúvida alguma, Alarcón não merecia isso. Talvez o melhor jogador do América F.C., o meia argentino, logo aos minutos iniciais da pugna, foi atingido por um violento pontapé de Tomires, sendo obrigado a se retirar da peleja. Sua falta na linha americana, foi imensa. O magnífico atacante talvez tivesse dado ao jogo uma aparência totalmente diferente, se tivesse permanecido em campo. Recolhido ao vestiário, dali

acompanhou, com revolta, os vários lances da luta, totalmente impotente para fazer o que quer que fôsse, para auxiliar os seus. No banco tóscico de madeira, tronco desnudo, o saco de água quente sobre a perna ofendida, Alarcón deixou-se ficar. Em seu rosto, misturavam-se a tristeza e a decepção, a revolta e — quem sabe — talvez um pouco de quase ódio.

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cr. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 8509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO
AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — N° 15 — Rio de Janeiro — 14-4-1956

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente..... Gratuliano Brito
Diretor-Comercial..... Ivan Guimarães
Diretor-Gerente..... Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade..... J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores..... S. L. Guimarães A. Mendes,
S. Sant'Anna e A. Nóbrega
ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5600 — Gerência: 22-8847 — Contabilidade: 22-2550

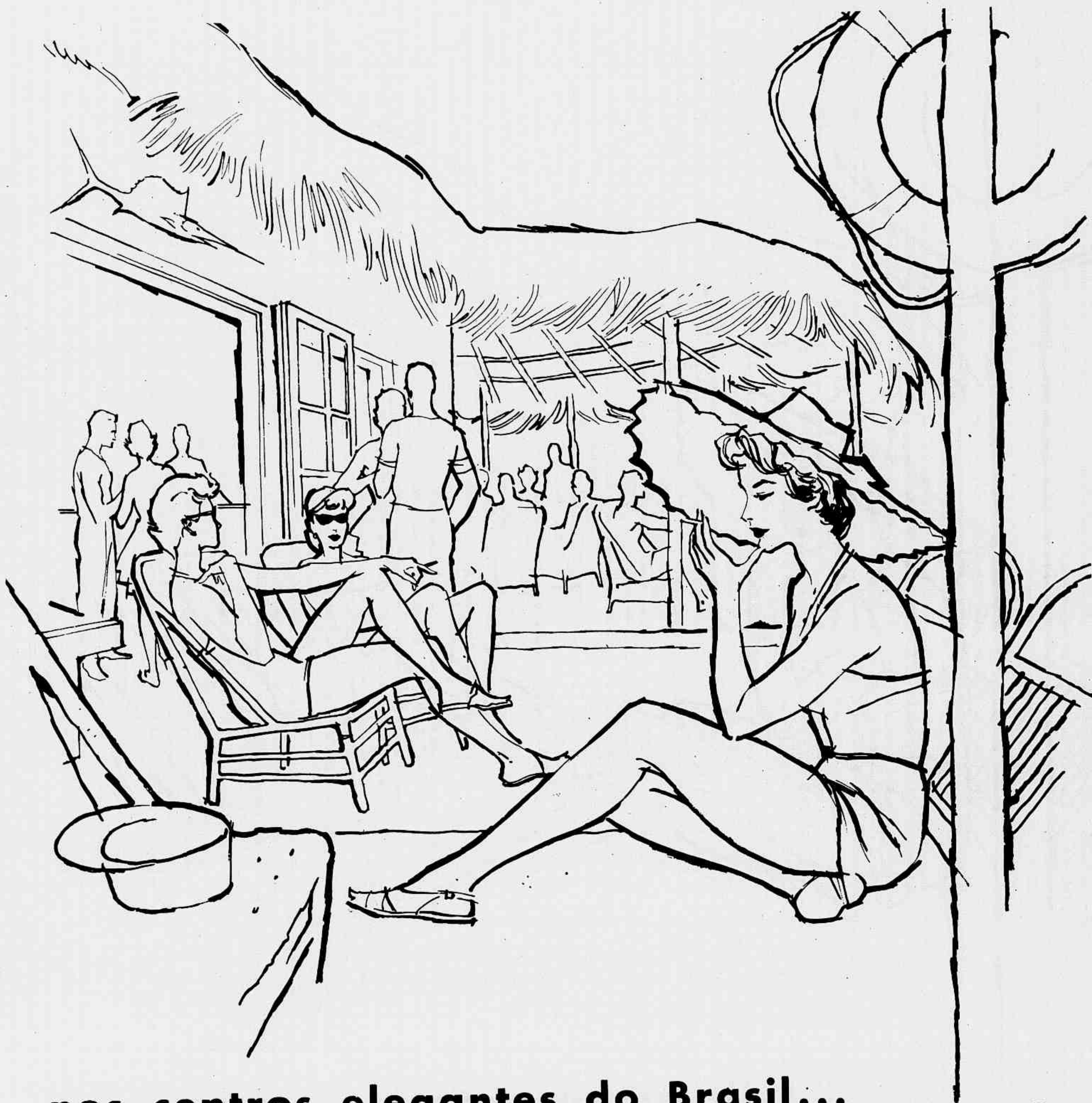
ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 360,00
Seis meses.....	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 500,00
Seis meses.....	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Se publicarmos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.



nos centros elegantes do Brasil...

Em Jequiiti-Mar, famoso clube da praia de Guarujá, em São Paulo, o ambiente agradável é um convite à reunião de pessoas de bom gosto...

E na elegância de todos sempre se destaca o hábito de fumar...

hollywood

uma tradição de bom gosto



impotente
anco tósc
berna ofen-
tristeza e
quase ódio.

AMÉRICAS

Cr\$ 350,00
Cr\$ 175,00
Cr\$ 360,00
Cr\$ 190,00

OR
Cr\$ 500,00
Cr\$ 250,00

a todo o

egada do
REVISTA
publicare-
ção. Não
não pu-
de res-

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

SELECÇÃO DE PROTECTOR DE 26 DAS MELHORES FABRICAS EUROPEIAS

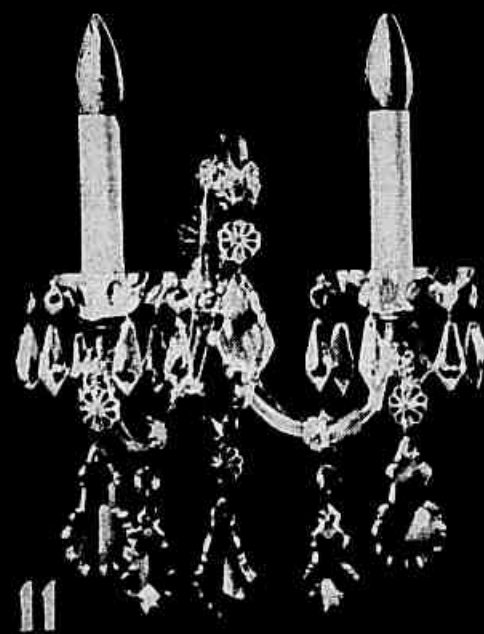
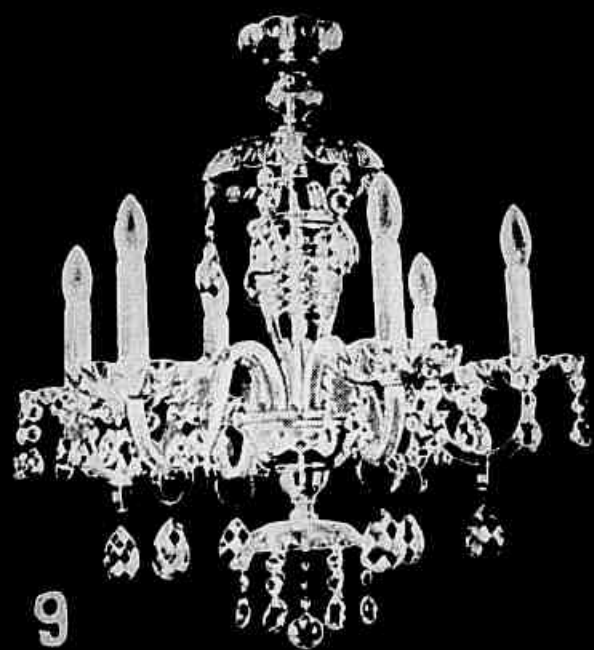
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

- 1ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto
- 2ª — Vendas a varejo por preço de atacado por ser representante de 26 fábricas europeias

- 3ª — Material de 1ª qualidade.
- 4ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
- 5ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Túnel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428



ATAPAM-SE A VENDER NA LUB-FA 146 MÓDULOS DE LUSTRES, LANTERNAS, PENDENTES E CANDELA-
RENTA PARA TODOS OS ESTILOS E PROPRIEDADES PARA ALUGUELO E TAMANHO ESPECIAL PARA
HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC

Não compre sem visitar a exposição da GALLERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor preço
FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 AS 12 HRS.